



Programa
Desenvolvimento Profissional e Inovação Institucional
Departamento de Didática e Organização Escolar
Faculdade de Pedagogia
Universidade de Barcelona

AS ESCOLAS MARGINAIS:
CENTRO DE MUDANÇAS

Doutoranda

SILVIA MARIA FERREIRA MONTEIRO DE ANDRADE

Dirigida pela Dra. D^a Inmaculada Bordas Alsina

Barcelona, 15 julho de 2006

TERCEIRA PARTE

INVESTIGAÇÃO DE CAMPO.

CAPÍTULO 7.

A INVESTIGAÇÃO

- 7.1. A pesquisa: tipologia
- 7.2. A população e a mostra
 - 7.2.1. Escola Básica Manoel Jose Antunes
 - 7.2.2. Escola Básica Faustina da Luz Patrício
- 7.3. A obtenção de dados
 - 7.3.1. Escola Básica Manoel José Antunes
 - 7.3.1.1. O diário de observação
 - 7.3.1.2. Os relatos do professorado de 1ª a 4ª série
 - 7.3.1.3. A confrontação entre os dados obtidos e as teorias dos educadores
 - 7.3.1.4. A observação do Conselho da Escola Básica Manoel José Antunes
 - 7.3.1.5. A análise do Conselho de classe da Escola Básica Manoel José Antunes
 - 7.3.1.6. A entrevista-conversaão com o Diretor da Escola Básica Manoel José Antunes
 - 7.3.2. Escola Básica Faustina da Luz Patrício
 - 7.3.2.1. O diário de observação
 - 7.3.2.2. Os relatos do professorado de 1ª a 4ª serie
 - 7.3.2.3. A confrontação entre os dados obtidos e as teorias dos educadores
 - 7.3.2.4. A observação do Conselho da Escola Básica Faustina da Luz Patrício
 - 7.3.2.5. A análise do Conselho de classe da Escola Básica Faustina da Luz Patrício
 - 7.3.2.6. A entrevista-conversaão com o Diretor da Escola Básica Faustina da Luz Patrício
- 7.4. Análise dos dados. Obtenção dos resultados
 - 7.4.1. Finalidade da educação escolar
 - 7.4.2. Entraves: direção e governo
 - 7.4.3. As dificuldades familiares
 - 7.4.4. Desestruturação familiar: comportamento x rendimento
 - 7.4.5. Os conflitos: desempenho dos professores e dos alunos

7.1. A PESQUISA: TIPOLOGIA

Antes de se adentrar aos tipos de pesquisa utilizados neste trabalho, faz-se necessário verificar o conceito de modelo de pesquisa. O modelo e/ou delineamento de uma pesquisa nada mais é do que selecionar e ordenar as estratégias mais eficientes para a concretização de uma abordagem técnica que levam o pesquisador a obter com satisfação os resultados pretendidos. Segundo Gil,

pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos [...]. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.²¹⁴

Na atualidade, para realizar uma investigação na qual se efetua uma avaliação, se resolveu a polêmica do mérito contraposto atribuível às metodologias experimentais e quase experimentais quantitativas e as metodologias etnológicas e interpretativas. A posição atual é uma superação do enfretamento entre ambas posições (Cook e Reichardt, 1986). Certamente que as posições em nível paradigmático devem manter-se, mas em realidades concretas, estas perspectivas são utilizadas em uma mesma investigação complementando resultados e dados obtidos através de técnicas próprias de ambas. Por conseguinte, o ótimo é aceitar a triangulação e complementação de ambas tendências como posição mais prometedora e útil para resolver o problema de avaliação (Cabrera, 1999).

A investigação que se apresenta se conceitualiza como um estudo essencialmente qualitativo ainda quando tenhamos em consideração aspectos do campo de estudo que são de índole quantitativa.

O estudo de avaliação que se efetua é *intrínseco* (Scrive, 1967) -se realiza na instituição- e a sua vez é *para a tomada de decisões* (Stufflebeam e Shinkfield, 1987), quer dizer, a partir das conclusões se decide apresentar um modelo de programação que

²¹⁴ GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

implique todos aqueles fatores otimizadores para a atividade do docente e o discente de escolas carentes.

As **técnicas** que se utilizam para a obtenção de dados são a observação, o relato e a entrevista, aplicando-se todas elas de uma maneira aberta.

Estas técnicas se projetam na investigação nos instrumentos seguintes:

- “Diário de observação da escola”
- “Relatos do professorado”
- “Confrontação dos dados com relatos de expertos”
- “Observação de reuniões”
- “Entrevista-conversaão”

O estudo se efetua em dois centros educativos desenvolvendo-se no período de um ano.

7.2. A POPULAÇÃO E A AMOSTRA

Como parte comprobatória das abordagens feitas anteriormente fez-se, aqui, uma nova abordagem com o intuito de analisar, qualificar e exemplificar a realidade deficitária do modelo de ensino municipal, fazendo um paralelo comparativo com os modelos de ensino estadual e nacional.

Como relatado em detalhes no capítulo anterior, a educação num país de economia em desenvolvimento é sempre complicada, e o Brasil, infelizmente, não foge desta triste realidade. Num país onde bilhões de dólares são gerados em recursos como agricultura, mineração, indústrias químicas, turismo, etc, tem-se o oposto na distribuição de sua renda. Marcado por um sistema político que reforçou ainda mais a má distribuição de renda, nos últimos dez anos o Brasil declinou muito economicamente, reforçado pela política da recessão, juros altos e desemprego em massa nas grandes metrópoles e cidades menores.

Como efeito protuberante desses fatores a educação fora atingida. É imensurável o tamanho da importância e da preciosidade da educação de um povo. Não é novidade para ninguém que o caminho da escola é uma educação difusa, integrada no próprio andamento, funcionamento da sociedade que se vive. Segundo Grassi:

[...] A educação é um conceito genérico mais amplo que supõe o processo de desenvolvimento integral do homem, quer seja da sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social.²¹⁵

Para o ensino-aprendizagem refere-se à transmissão de conhecimentos, sendo o professor, na verdade, um comunicador de culturas e tendências, tornando-se assim, indispensável para que haja qualidade de ensino.

Para Paulo Freire, em sua obra “Educação e Mudança”²¹⁶, a educação é um instrumento de mudança, no qual se conflitam cada vez mais opositores de causa e seus

²¹⁵ GRASSI apud BORDIN, Jussara; GROSSI Pillar Esther (orgs.), op. cit., p.132.

²¹⁶ FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

interesses. Ainda segundo Freire “a mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais é o papel da educação – da conscientização – nesse processo básico é a preocupação básica da pedagogia de Paulo Freire.²¹⁷”

Conflitante, a prática pedagógica brasileira luta contra o domínio de classes que se instaurou por épocas e se afirmou através delas. Ver a educação como um instrumento de mudança é muito mais do que a criação de teorias discursivas, que não vão além de repercussões conflitantes limitadas ao espaço interno de uma instituição de ensino. Ver a educação como um instrumento de mudança é fazer com que a prática pedagógica interaja com os limites extremos de uma instituição, é fazer com que as idéias que fundamentam a mudança atinjam a sociedade como um todo, criando, assim, uma consciência intelectual e abrangente em todos que se contagiem com esta; é motivar, criar e melhorar continuamente o caráter psicossocial de um grupo de interesse.

O ato pedagógico dentro de uma instituição escolar é sistemático. Ele interage no meio dos seres sociais, tanto individualmente como coletivamente. Uma ação pedagógica torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade. A ação pedagógica, para se entender, tem que estar num contexto histórico-social concreto, enquadrando a pesquisa e a vivência prática destes fatos.

Este estudo se refere a dois centros educativos ou dois casos de escolas carentes do município de Tubarão. A continuação se faz uma descrição de cada uma delas.

7.2.1. A Escola Básica Manoel José Antunes

Fundada em 1/08/1962 pela professora Minervina Correa Lima, a Escola Básica Manoel José Antunes, do Bairro Humaitá, contou inicialmente com 24 alunos, distribuídos da 1ª à 3ª série do ensino fundamental (primário).

Com o crescimento da comunidade houve a necessidade da construção de um novo prédio. Em 27/05/1986 foi oficializado o 1º grau, e de grupo escolar passou a “Escola Básica Manoel José Antunes”, sob a direção de Anselmo Acilino Antônio. Atualmente a escola possui oito salas, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala para os professores, uma sala para artes, e funciona em dois períodos (matutino e vespertino).

²¹⁷ Ibidem, p. 10.

As características sociais, econômicas e culturais de seu corpo discente são de médio para baixo nível. As crianças que freqüentam a escola são filhos de operários, e a maioria fica em casa sozinha, com irmãos mais velhos (que são adultos) ou em casa de vizinhos. Outros trabalham em suas horas de folga para ajudar no sustento da família, como engraxates, vendedores de picolés, etc. Muitos pais trabalham em empresas da região, e outros trabalham como pedreiros, serventes, borracheiros, dentre outras profissões.



Foto 6 – Escola Básica Manoel José Antunes

Mais da metade destes alunos também freqüenta a COMBEMTU, que é uma instituição que os recolhe com o objetivo de não deixá-los na rua. Lá permanecem, ao menos por um período, onde fazem suas tarefas escolares e atividades manuais.

E hoje a escola funciona com 186 alunos, da pré-escola à 6^a série do 1º grau, e conta com 23 profissionais da educação.

O colégio apresenta simplificadas instalações físicas. Sua disposição ordenada é composta de uma singela arrumação, padrão das instituições públicas de ensino constituídas na cidade.

Na tabela a seguir estão demonstradas as instalações físicas da escola.

Estrutura física da Escola Básica Manoel José Antunes

Ala 1		Ala 2	
Quantidade	Item	Quantidade	Item
1	Cozinha	1	Sala de pré-escola com banheiro
1	Secretaria e sala de direção	4	Salas de aula
1	Banheiro para professores	1	Sala de vídeo
1	Cantina	1	Sala de Educação Física
1	Sala de orientação	1	Secretaria para curso supletivo
1	Sala de professores	1	Banheiro feminino
1	Biblioteca	1	Banheiro masculino
1	Sala de vídeo	1	Quadra poliesportiva
3	Salas de aula	1	Parque para pré-escolares
2	Banheiros	-----	-----
1	Pátio coberto	-----	-----

Fonte: pesquisa de campo.

Tabela 18 – Escola Básica Manoel José Antunes: Estrutura física



Foto 7 – Sala de aula da Escola Básica Manoel José Antunes

A estrutura de recursos humanos da escola sob análise dispõe também de uma forma bem simplificada apresentada na tabela que segue.

Estrutura física da Escola Básica Manoel José Antunes	
Quantidade	Quadro funcional
1	Diretor geral
1	Secretária
1	Especialista em assuntos educacionais
14	Professores
1	Professora valente de 1ª a 4ª série
3	Merendeiras
2	Zeladoras
2	Vigias

Fonte: pesquisa de campo.

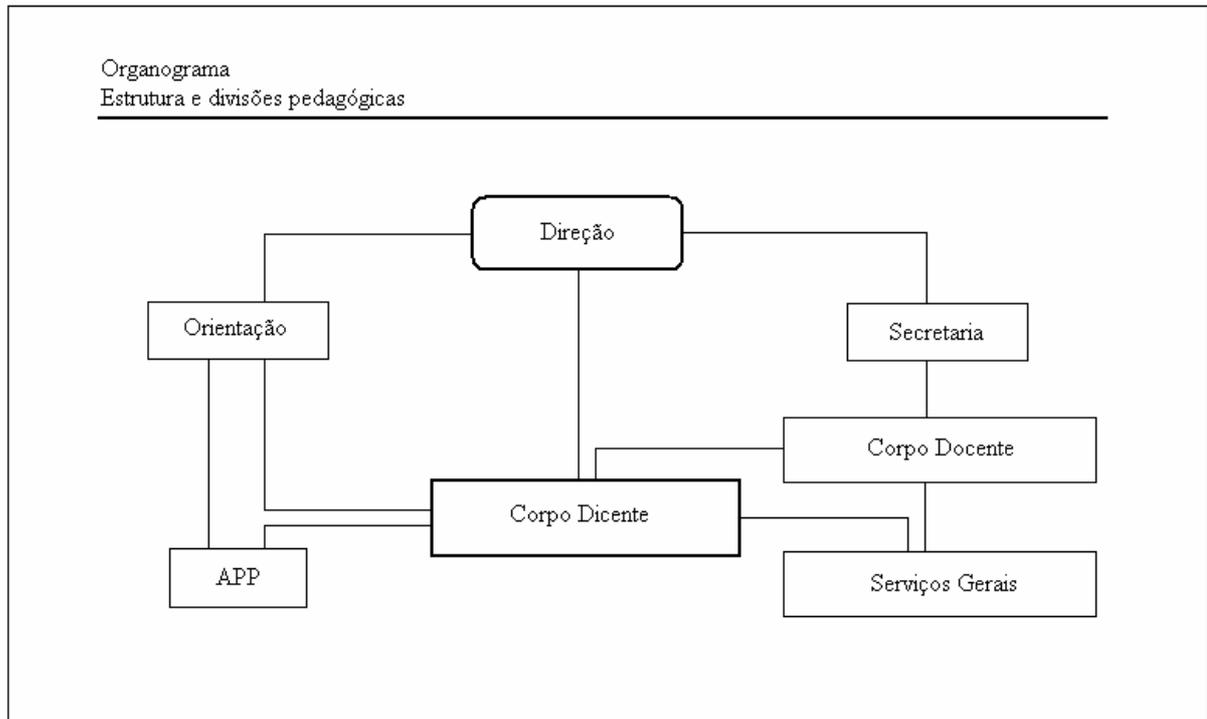
Tabela 19 –O quadro funcional da Escola Básica Manoel José Antunes

Recursos humanos da Escola Básica Manoel José Antunes								
Nº	Nome	Cargo	Função	Série	Carga Hor.	Disciplina	Habilitação	Hor. de trab.
01	Anete D. Volpato	Profº I	Diretor		40 h.		Ad. Escolar	M/V
02	Sueli M. Alves	Profº I	Secret.		40 h.		Magist. 1ª a 4ª	M/V
03	M. Christina G	Profº III	Orient.		20 h.		Orient. Educac.	M/V
04	Diolene G. Corrêa	Profº III	Profº	Pré	20 h.		Pedag. Magist.	V
05	Sinara P. da Silva	Profº I	Profº	1ª/2ª	40 h.		Magist. 1ª a 4ª	M/V
06	Ignês M. Probst	Profº I	Profº	1ª	20 h.		Magist. 1ª a 4ª	V
07	Rejane . G. Aguiar	Profº I	Profº	3ª	20 h.		Magist. 1ª a 4ª	V
08	Osmaria Beza	Profº I	Profº	3ª	20 h.		Magist. 1ª a 4ª	V
09	Rosania G. Mateus	Profº I	Profº	4ª	40 h.		Magist. 1ª a 4ª	M/V
10	Hélcio E. Nunes	Profº III	Profº	1ª/4ª	20 h.	Recreação	Licenc. Ed. Fis.	M/V
11	Patrícia I. Castilhos	Profº I	Profº	1ª/4ª	20 h.	Cidadania	Letras	M/V
12	Andréa S. Corrêa	Profº I	Profº	5ª a 8ª	20 h.	Ed. Art.Rel.	Magist. 1ª a 4ª	M
13	Edna C. M. Rosa	Profº IV	Profº	5ª a 8ª	20 h.	Port. Inglês	Pós-grad L. P.	M
14	Conceição A. Kinder	Profº IV	Profº	5ª a 8ª		Port. Inglês	Pós-grad L. P.	M
15	Giane M. da S. Felácio	Profº II	Profº	5ª a 8ª		Ciências	Ciências 1º grau	M
16	Rosângela C. Machado	Profº IV	Profº	5ª a 8ª	20 h.	Matemática	Pós-grad Matem.	M
17	Isaltina Antonello	Profº IV	Profº	5ª a 8ª	20 h.	Ed. Física	Pós-grad Ed. Fis.	M
18	Nara L. M. Alves	Profº II	Profº	5ª a 8ª	20 h.	Geo História	Estudos Sociais	M
19	Isaura Bedeski		S. Gerais				1º grau	M
20	Maria P. Antônio		S. Gerais				1º grau incompl.	M
21	Ednéia B. Laurindo		S. Gerais				Magist. Ed. Fis.	M
22	Marli da S. Cardoso		S. Gerais				1º grau incompl.	V
23	Nadir N. Medeiros		S. Gerais				1º grau incompl.	V
24	Anselmo A. Antônio	Profº IV	Profº				História	

Fonte: pesquisa de campo.

Quadro 2 – Quadro funcional da Escola

Seguindo a lógica dos sistemas anteriores, a disposição sistemática do colégio Antunes é muito simplificada e segue o padrão das demais instituições públicas da cidade:



Fonte: pesquisa de Campo

Organograma 2- – Das disposições hierárquicas e sistemáticas da Escola Básica Manoel José Antunes

7.2.2. Escola Faustina da Luz Patrício

A Escola Faustina da Luz Patrício está localizada no bairro Oficinas, na comunidade da Caixa d'Água. Sua população é pobre, composta por operários e pessoas sem profissão. As ruas são de chão batido e as casas são de madeira, sem estrutura mínima de atendimento.

Com a extensão da comunidade sentiram necessidade de uma escola que atendesse as suas crianças. Dentre algumas pessoas que trabalharam em prol da mesma foi escolhida para dar nome à escola a Sra. Faustina da Luz Patrício, nascida em 06/08/1919.

Faustina trabalhava como merendeira e zeladora do jardim de infância Nossa Senhora Aparecida. Era uma pessoa muito dedicada às crianças e adultos da comunidade,

com seus serviços prestados aos doentes e desamparados, e também nas atividades religiosas. Por esses motivos a comunidade resolveu colocar o seu nome ao estabelecimento de ensino. Hoje ela atende as crianças da comunidade e as circunvizinhanças.



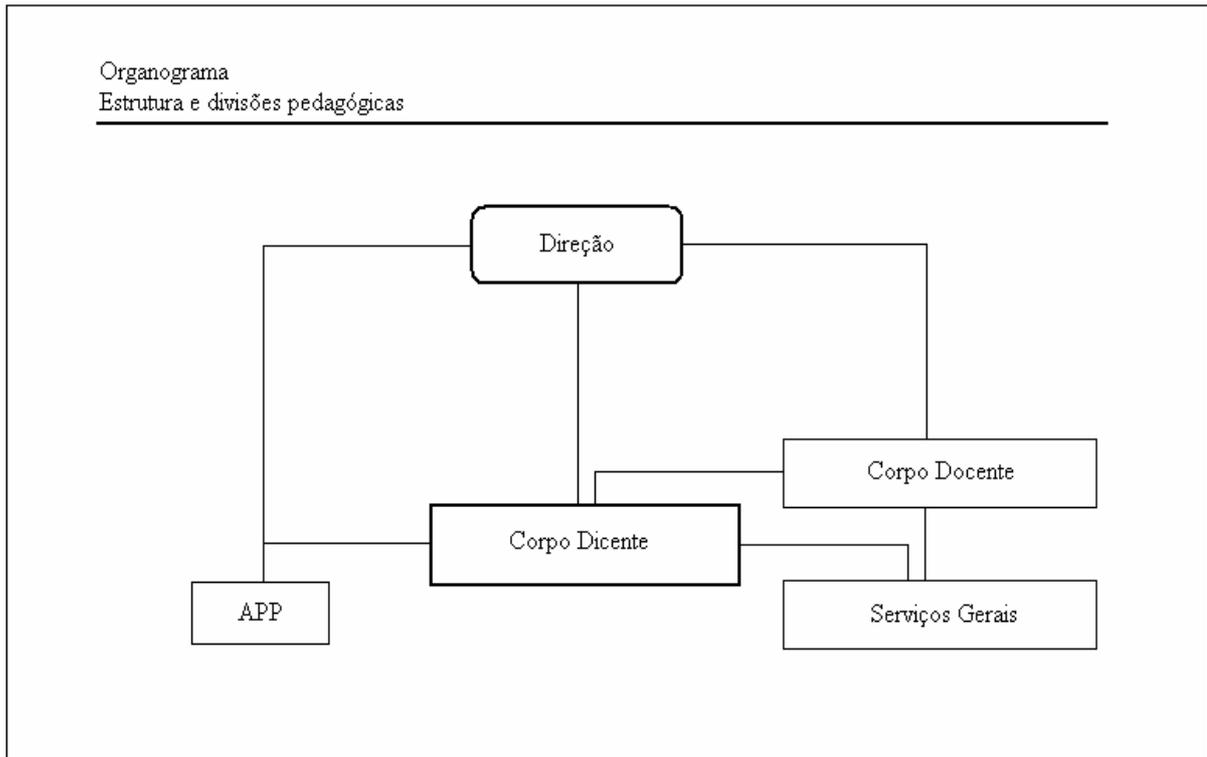
Foto 8- – Escola Básica Faustina da Luz Patrício

A escola oferece ensino fundamental de 1^a a 4^a série, possui 65 alunos e 8 funcionários. É uma escola ampla, possuindo 6 salas de aulas, 1 secretaria, 1 sala de professores, 1 cozinha e 4 banheiros.

A clientela da Escola Faustina é de uma classe de nível social muito baixo.

Muitos dos alunos vêm de famílias desestruturadas. Sendo assim, muitos são filhos de mães solteiras, outros são criados por avós, tios ou pais adotivos. E, uma grande parte destas crianças apresenta problemas de comportamento na escola e dificuldades para obter um bom rendimento escolar.

Em relação a esta escola, não se apresentará as tabelas e o quadro apresentados para a primeira porque não há dados oficiais registrados. Aliás, poucos são os dados existentes.



Fonte: Pesquisa de Campo

Organograma 3 - Das disposições hierárquicas e sistemáticas da Escola Básica Faustina da Luz Patricio

7.3. A OBTEÇÃO DE DADOS

Em cada um dos centros, foram obtidos diferentes dados através das técnicas indicadas na primeira parte, quando se descreveu a investigação. Em seguida exporemos descritivamente como eles foram obtidos em cada um dos centros.

7.3.1. A Escola Básica Manoel José Antunes

7.3.1.1. O diário de observação

Neste tópico será apresentada uma narrativa do desenvolvimento sistemático das abordagens feitas para o delineamento da pesquisa no seu campo de atuação. Esta narrativa está descrita em ordem cronológica de acontecimentos factuais de suma importância para determinação e conclusão dos resultados a serem obtidos.

A observação se iniciou no dia 13 de março e finalizou no dia 18 de junho.



Foto 9- – Escola Básica Manoel José Antunes. Trabalho em aula

Durante as observações se detectaram aspectos genéricos do centro, do clima escolar, dos alunos (comportamentos, relações, comunicação...) e do professorado, tanto nas aulas, como no pátio ou em outros espaços escolares.

Em **anexo** se acham os textos correspondentes a estas observações.

7.3.1.2. Os relatos do professorado de 1ª a 4ª série

Cada professora das séries iniciais relatou os problemas que enfrentam na sala de aula. Começou-se pela 1ª série, seguida da 3ªA, da 3ªB, da 4ªA e da 4ªB, sucessivamente.

1ª série A

O comportamento é razoável e a aprendizagem também. Há alguns alunos que se destacam em certas dificuldades:

- Adriano - não acompanha, freqüenta a APAE, faz fisioterapia e apresenta problemas físicos;
- Delberson - indisciplinado e agressivo, acompanha, mas poderia ser melhor;
- Edmar - indisciplinado e agressivo, não acompanha. Está no centro de reeducação;
- Josué - não acompanha, mas é interessado. Está no centro de reeducação;
- Maicon - não acompanha, é aluno de pré-escola;
- Tiago, Patrick, Ducléia e Edriângelo - são alunos fracos, não acompanham os conteúdos trabalhados em sala de aula. Mostram interesse em algumas atividades;
- Renaldo - está apresentando problemas de aprendizagem, devido a seu comportamento.

3ª série A

Apresenta um bom comportamento e a maioria dos alunos acompanha bem os conteúdos trabalhados, a não ser alguns que apresentam algumas dificuldades. Entre eles estão:

- Danilo – apresenta problemas de frequência devido a problemas de vestuário, pois possui pouca roupa e calçado. Em função disso, prejudica-se perdendo explicações;
- Jhony – apresenta problemas de frequência, prejudicando seu rendimento escolar. No entanto, apresenta condições de aprendizado;
- João Paulo - apresenta muita dificuldade no aprendizado e não consegue interpretar os conteúdos trabalhados. Está sendo trabalhado individualmente;
- Rodrigo Assunção - não consegue acompanhar o conteúdo trabalhado, é distraído e tem um comportamento individualizado. Está frequentando o centro de reeducação;
- Nilson – é indisciplinado, e não consegue alcançar um bom rendimento.

3ª série B

Apresenta um bom comportamento e uma boa aprendizagem. O nível de aprendizado poderia ser melhor se os alunos estudassem mais. Alguns alunos apresentam algumas dificuldades, como:

- Graziela - é uma aluna fraca, mas é interessada. Frequenta o centro de reeducação;
- Taíse - aluna fraca, principalmente em Português e Ciências, mas é interessada;
- Natália - é fraca, não participa, não consegue ter muita amizade, e é tímida, mas tem vontade de aprender;
- André - fraco, falta muito, perdendo as explicações. Devido a isso, não acompanha em alguns aspectos. Frequenta o centro de reeducação;
- Jonathan - fraco, não acompanha o que é trabalhado em sala de aula. É uma criança desatenta;
- Edvan - melhorou um pouco. É agressivo em algumas ocasiões. Tem condições, mas não aproveita. Vem para a escola apenas para marcar presença;
- Leandro - é indisciplinado, falta muito e não acompanha. Não faz nada em sala de aula, pois é pouco interessado.

4ª série A

Apresenta em geral um bom comportamento, e em relação à aprendizagem a maioria dos alunos tem bom rendimento. Os alunos citados abaixo não acompanham muito bem:

- Alisson - apresenta dificuldade em Matemática: não consegue gravar os passos das operações. Já em matéria de estudo, é melhor e consegue assimilar bem;
- Renato - apresenta uma aprendizagem lenta, necessitando acompanhamento individual. Está freqüentando o centro de reeducação;
- Patrícia Erhardt - apresenta uma aprendizagem lenta. Em alguns aspectos ela consegue ir adiante, mas, na maioria dos conteúdos dados, principalmente em Matemática, não consegue assimilar. Está freqüentando o centro de reeducação.

4ª série B

Apresenta uma melhora muito grande em termos de comportamento. Às vezes acontece um problema ou outro, que é causado na própria sala de aula. Na aprendizagem, os alunos, em matéria de estudo, mostraram-se capazes, mas na Matemática baixaram o rendimento (não estudam). Há uns casos que se sobressaem, como:

- Paulo – apesar de ausentar-se muito e ser indisciplinado, apresenta um bom aprendizado. Infelizmente, raramente aparece;
- Kelly – poderia acompanhar melhor o conteúdo estudado se não faltasse tanto e participasse melhor das aulas;
- Marcelo – apresenta um grande potencial ao nível de aprendizado, mas sua indisciplina interfere em seu acompanhamento do conteúdo estudado;
- Richard – poderia apresentar um rendimento maior, não fosse sua desatenção e indisciplina;
- Jader - é indisciplinado. Não acompanha melhor devido às brincadeiras feitas em sala de aula.



Foto 10 – Escola Básica Manoel José Antunes. Recreação

7.3.1.3. A confrontação entre os dados obtidos e as teorias dos educadores

Na presente pesquisa segue-se a metodologia de análise e solução de problemáticas via observação, *in loco*, de fatos norteadores que possibilitem o sucesso do estudo em termos de resultados e discussão, e no que tange aos problemas de uma instituição precária e de alto índice de evasão, repetência e sérios problemas pedagógicos.

Através de observações realizadas entre o dia 13/03 e o dia 16/05, pode-se constatar que a escola estudada (Antunes) possui alunos com baixo nível social, cultural e econômico, quase que por totalidade, estando estes, por tal ponto de vista, sob as mesmas condições. Um grupo social tem a tendência de permanecer unido quando as adversidades os colocam sob a mesma condição.

Os dados apresentados mostram, primeiramente, uma triste realidade dentro da escola, do que os nossos governantes têm conhecimento, mas que pouco fazem para reverter o triste quadro. Os problemas apresentados são referentes à indisciplina, relacionamento professor-aluno, aluno-escola, famílias-aluno-professor e família-aluno-escola. Não se pode deixar de destacar a influência comportamental das autoridades educacionais e as propostas pela instituição escolar. Diante disso discute-se, a seguir, os parâmetros dos problemas apresentados.

Sabe-se da dificuldade e da complexidade de se delinear discussões e resultados de investigações quando se trata do comportamento humano.

A instituição escolar em análise, apesar da existência de alunos em séries iniciais, com idades avançadas (alunos estes já repetentes), ainda é ineficiente no processo ensino-aprendizagem no que se refere à leitura e escrita, já que não há conscientização por parte dos discentes e docentes, não se sentindo capazes de construir momentos satisfatórios capazes de mudar e transformar a realidade em que estes alunos estão inseridos.

Conforme se colhe da obra de Freire:

Cabe ao homem, consciente e comprometido, denunciar quaisquer situações que impeçam a ele próprio ou a outros sua realização como sujeitos. A proibição ao homem da busca de si mesmo instaura-se como situação de violência e opressão que o aliena e faz dele objeto, desumanizando-o, e “(...) não importam os meios usados para esta proibição...” (FREIRE, 1983b, p. 86). Vedar ao homem o acesso a espaços decisórios de sua criatividade, significa privá-lo dos elementos fundamentais que o definem e o identificam.²¹⁸

A maioria dos alunos que freqüenta a escola em estudo faz parte da COMBEMTU (Comissão Municipal do Bem-Estar do Menor de Tubarão), e, como fora relatado anteriormente, esta comissão acolhe alguns alunos por meio período, alunos esses que a própria escola comenta que são problemáticos, para evitar que os mesmos estejam pelas ruas criando conflitos. Não obstante estas crianças freqüentarem a COMBEMTU, quando chegam na escola não apresentam motivação para ali permanecerem, uma vez que já chegam violentas e irritadas. Alguns educandos não gostam de permanecer na instituição. Algo deve ser feito, caso contrário os alunos crescerão sem qualquer estímulo e iniciativa para uma vida em que possam desenvolver suas capacidades, suas habilidades, e sem terem condições dignas de viver em companhia de outros homens.

Diante do fato narrado, são freqüentes os incidentes nos quais há participação direta dos alunos (professor-aluno e aluno-escola). Tais incidentes estão ligados ao comportamento violento dos alunos e para com os professores e funcionários, à depredação do patrimônio escolar e, como conseqüência, resultando numa deficiência de aprendizagem.

²¹⁸ FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.34.

À escola, que está inserida num cenário de pobreza, omissão e descaso dos governantes, que não oferecem alternativas para solucionar as questões sociais, juntamente com o bom funcionamento do ambiente escolar, resta enfrentar sozinha a triste realidade das cenas de agressões (às vezes exercidas até mesmo através do emprego de armas brancas), depredações e pichação do patrimônio escolar, ação de gangues formadas por menores, presença de drogas, agressões verbais, ameaças, entre outras. O fato é que a escola (gestores) não possui estrutura e habilidades para resolver esses problemas sozinha, sendo que a responsabilidade também é do Governo.

Contudo, não se pode deixar de lado, também, as origens da história da escola, já que no passado, nos modelos tradicionais, era comum o uso de violência física por parte dos professores e funcionários das instituições contra as crianças, com intuito de “modelá-las”, pois para eles assim estaria se exercendo o papel da educação. Refere-se às posturas autoritárias e rígidas de alguns professores e funcionários para com os alunos, que permanecem até hoje, tais como: elaboração de regulamentos opressivos, currículos e sistemas de avaliação inadequados à realidade escolar, medidas e posturas de exclusão.

Perrenoud²¹⁹ fala que a violência escolar não se traduz apenas em golpes, ferimentos, furtos e depredações. Ele fala também sobre a agressão de liberdade de expressão, de movimento e de comportamento. É que as coações físicas e mentais exercidas pela escola não deixam de ser um tipo de violência. Impor às crianças a formação de filas (como nos quartéis), a ficarem sentadas durante horas, caladas, sem se moverem do lugar sem autorização, e ao mesmo tempo exigindo produção do conhecimento, sendo que muitas vezes os conteúdos programáticos não estão conforme as suas realidades, são exemplos desta modalidade.

Diante disso os alunos sentem-se revoltados, pois a escola pública, como o nome já diz, é um bem público, que deveria atender aos seus interesses, restando como única maneira de manifestação desta revolta o comportamento agressivo contra colegas, professores, funcionários e contra a própria escola, através da destruição da instituição escolar e do patrimônio que a garante.

Corroborando com todo o exposto, pode-se colher da obra de Ceccon:

Para os alunos a escola é um lugar no qual eles não se sentem bem nem à vontade. Mesmo aqueles que, fora da escola, são faladores, espertos,

²¹⁹ PERRENOUD, Philippe, op. cit., p.145-146.

curiosos e alegres, dentro da sala de aula vão ficando calados, passivos e tristes.

A escola não tem nada que ver com sua vida de todo o dia. Dentro dela não há lugar para seus problemas e preocupações.

A professora, na maioria das vezes, não é vista como uma pessoa amiga que está ali para ajudar mas sim como aquela pessoa que sabe o que eles não sabem, que fala enquanto eles têm que ficar quietos, que fala bonito e diz que eles falam errado, que castiga quando eles se comportam mal e que reprova quando eles não conseguem aprender o que tem que ser aprendido. Eles têm medo dela e, para se defender, se fecham em si mesmos ou tornam-se agressivos e indisciplinados.²²⁰

A violência rodeia os alunos com sérios problemas sociais e culturais; são seres que estão se desenvolvendo com vários tipos de agressividade, e, como já visto, contra seus próprios colegas da escola e, às vezes, até mesmo contra os professores e funcionários da instituição. São pessoas que promovem uma desorganização tentando, sempre, fragilizar seus colegas, hostilizando-os com palavras maldosas, além das agressões físicas ocorridas, a ponto de afetar o lado psíquico das crianças. Esse tipo de comportamento agressivo é manifestado como uma forma de esconderem seus medos, atacando os colegas para mostrar-lhes quem tem o poder, e caracteriza-se como a mais baixa manifestação de contestação que o ser humano pode ter, e, seja ele físico, psicológico ou verbal, está presente no cotidiano escolar dos alunos nessa instituição estudada.

Os fatores que dão ensejo à violência escolar não se resumem apenas às desfavoráveis condições socioeconômicas em que vivem os alunos e aos problemas ligados à escola, porquanto tem-se ainda, que considerar as questões culturais, a questão da ausência paterna e a questão da figura da mãe adolescente (frequentes no país), bem como a questão dos valores que lhes são transmitidos na rua e pela família, haja vista que tais ambientes, muitas vezes, são munidos de agressões, rejeição, hostilidade e condutas violentas.

Silva, assim se manifesta sobre o assunto, em sua obra:

O fato de viver em condições socioeconômicas desfavoráveis predispõe fortemente à insegurança, às tensões e aos conflitos, mas não de forma determinante.

[...] Pais incapazes de oferecer uma coerência entre suas condutas e suas verbalizações, modelos eficazes de comunicação e de resolução de conflitos e

²²⁰ CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **A vida na escola e a escola da vida**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p.16.

a falta de oportunidades equitativas para todos os membros da família favorecem comportamentos que na escola se denominam de “anti-sociais”.²²¹

A agressão física, ainda, pode ser encarada como um argumento de defesa naquele ambiente hostil, cuja analogia se associa a uma batalha, à lei do mais forte. Em certos momentos a violência (agressão) manifestava-se como diversão. Esta afirmação leva em conta que, por serem crianças problemáticas em todas as áreas de suas vidas, não tinham contato com oportunidades que lhes mostrassem o quão negativo é o sarcasmo. O fato de uma criança se vangloriar desta atitude reflete e afirma sua liderança opressiva dentro do grupo, o que lhe gera respeito e auto-estima.

A agressão é, outrossim, um tipo de linguagem, uma forma de se expressar, comum a estes alunos. Porém, é expressada em tom alto de voz, que é extremamente desagradável de se comunicar, assim como pode ser expressada por meio de agressões físicas.

Reitera-se:

As formas de agressões são muitas: apelidos, palavrões, pancadas, difamação, humilhação, ameaças, objetos roubados ou destruídos etc. Como uma epidemia que se espalha por todo ambiente escolar e contamina todos: desde estudantes até professores e diretores, já que todos participam direta ou indiretamente. Existem outros autores, como são denominados os que praticam; os alvos que sofrem as agressões; e os autores/alvos, que intercambiam a posição. Também existem as testemunhas, que podem achar tudo engraçado e que as vítimas de fato mereciam ou que, embora achem as agressões despropositadas e injustas, se calam com medo de ser a próxima vítima.²²²

Tem-se, de acordo com o exposto, somando-se ao estudo realizado na instituição escolar, que muitas vezes as agressões manifestam-se em palavrões utilizados entre os alunos e, às vezes, também dirigidas aos professores e autoridades, comprovando que sua estrutura de vivência social não é adequada: convívio com pessoas que fazem uso freqüente deste tipo de palavrões, tais como: “porrada” e “cacetada”.

Tratando-se da agressão verbal no que se refere à raça, principalmente à raça negra, constatou-se que as crianças não possuem respeito com os colegas, tarjando-os de “macacos”. Sendo assim, os alunos sentem-se reprimidos e agredidos pelo sistema, e

²²¹ SILVA, Ezequiel T. da. **O professor e o combate à alienação imposta**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 57. v. p. 349.

²²² BESSA, Marcelo. **Bullyng na escola: as muitas faces da agressividade**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/educ43.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2005.

defendem-se com outras formas de agressões, como o aguardo do ofensor no final do turno escolar, para que o ofendido possa revidar através de brigas, à vezes com o uso de canivetes.

Outra forma de manifestação da agressão é através de pressões psicológicas provocadas por alunos mais velhos, que ameaçam alunos mais fragilizados na forma de se firmarem como referencial de liderança dentro do grupo. Esta prática geralmente está associada à agressão física, visando interesses próprios.

Restou comprovado o despreparo dos profissionais em administrar suas funções na instituição abordada, principalmente quando se negam a ajudar a executar melhorias no ambiente de trabalho.

Como fora mencionado já anteriormente, em muitos momentos do estudo foi visível a agressão como forma de linguagem de expressão. Um exemplo típico dentro da instituição abordada foi a constatação de, após o intervalo e a batida do sinal, para volta à sala, três meninos agredindo-se violentamente. Um deles chegou a rasgar a camisa do outro. Este, furioso, partiu para a agressão física de contatos múltiplos, na região da cabeça e do abdômen. Dois professores tentaram impedi-los, mas a tentativa foi em vão. A violência foi tanta que chegaram a agredir uma menina, causando ferimentos nos olhos. Naquele momento, os outros gritavam muito. Foi uma experiência extremamente desagradável ver crianças de 8 a 13 anos lutando como adultos e expressando tanto ódio. Restou comprovado que no mundo destas crianças não existem limites, tampouco respeito, amizade e solidariedade. São pessoas altamente problemáticas. Talvez as agressões sejam frutos do próprio meio.

Constatou-se, também, durante o período de acompanhamento dos alunos, que a depredação de carteiras, cadeiras, paredes, utensílios como material esportivo e bebedouros, ocorrem constantemente. O fato de isto ter ocorrido deve-se ao modo pelo qual os alunos expressam e extravasam sentimentos reprimidos, ou pela ausência de espaço para exercerem sua liberdade de expressão. Com o passar do tempo a constância de acontecimentos violentos torna-se mais comum, instalando-se, assim, uma subcultura generalizada.

Tem-se como exemplo prático ocorrido na instituição em análise, a ocorrência de arrancamento de bebedouro, depredação de sanitário masculino, apedrejamento da escola, destruição de todos os vidros e arrombamento da cozinha. Infelizmente, comprovou-se que todos estes atos foram praticados pelos próprios alunos.

As depredações constantes, praticadas por grande parte dos alunos, demonstram tanto a atitude negativa destes em relação às suas escolas como o despreparo destas instituições para o exercício de suas funções.

Talvez o fato tenha ocorrido pelo motivo do pátio escolar não oferecer algo para as crianças. Apesar da existência de uma quadra de esportes, a mesma encontrava-se inutilizada, constantemente fechada. O Diretor alegou que se a deixasse aberta os alunos a depredariam por completo.

Segundo Guimarães:

o comportamento violento de um aluno (depredação), se dá em resposta a agressões cometidas pela própria escola. Punições e métodos repressores ultrapassados, ainda são utilizados com frequência nestas instituições, comprovando o despreparo dos profissionais em ministrar suas atividades.²²³

Quanto à ocorrência de depredação no período de férias, comprova-se que a escola é sinônimo de um ambiente repressor, e não de aprendizagem. Os alunos vêm nela um sacrifício diário, que se dá em virtude da disparidade que existe entre o que se promete dentro da instituição escolar e a realidade da mesma. Pode-se bem observar este fato nos dizeres de Cecccon:

A realidade da escola desmente suas promessas de acesso igual para todos. As estatísticas sobre as realidades escolares contradizem a esperança de que a escola possa servir de escada para que todos consigam melhorar de vida. Todo mundo espera que a escola cumpra o seu papel que é o de fornecer instrução, qualificação e diplomas a todos. Na verdade, a escola produz muito mais fracassos do que sucessos, trata uns melhor do que outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores. Ela só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada.²²⁴

Desta forma observa-se nitidamente a falta de habilidade de alguns professores em lidar com situações das agressões. Para eles é mais fácil excluir e dizer àquele menino ou àquela menina que os mesmos não possuem jeito de melhorar e, desta forma, as dificuldades de postura educacional vão ser sempre as mesmas. A falta de didática e a falta de uma reelaboração pedagógica faz com que os alunos fracassem no ensino e na vida. O diálogo entre aluno e professor é de uma forma negativa, afirmando que os discentes não têm senso de justiça, responsabilidade e respeito com os outros. Com isso as crianças não se sentem bem na escola, por sentirem uma rejeição do próprio professorado, taxando-os de indisciplinados, gerando uma revolta, fazendo com

²²³ GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 48.

²²⁴ CECCON, Claudius, op. cit., p. 22-23.

que os mesmos, inconscientemente, destruam os bens que guarnecem a instituição escolar. Uma das formas para manifestarem seu ódio contra os professores é a destruição dos materiais didáticos que ficam expostos em sala de aula, que geralmente são feitos pelos próprios professores.

Antes de se adentrar aos problemas correspondentes às famílias dos alunos, frise-se que se está ciente das várias discussões sobre a família brasileira – o que antes seguia comportamentos de respeito e solidariedade mútuos, hoje caminha a uma desagregação tanto formal quanto informal. O grupo familiar, surgido com o processo da modernização da sociedade, exerceu um papel primordial na educação dos filhos. Nos primeiros anos de vida, era grande o poder de influência desempenhada pela família na formação política das novas gerações.

A família antigamente era pai, mãe e filhos, e até hoje é o primeiro grupo que a criança possui como referência, pois tem-se conhecimento que é através dela que a mesma terá as condições mínimas para viver, possibilitando um desenvolvimento social, psíquico e intelectual.

Porém, as mudanças ocorridas no sistema de valores, as mudanças em relação ao papel exercido pela religião na sociedade, e as mudanças em todos os setores da vida social, foram, aos poucos, determinando uma mudança radical na forma de relacionamento não só entre os cônjuges, mas também entre os filhos. Com o desenvolvimento da sociedade passou a ser predominantemente comunitário. Este fato foi de grande importância, pois é grande a influência que os pais exercem presentemente na educação dos filhos.

Conforme entendimento de Campos:

A mudança social crescente reflete-se na família em suas suscetibilidades e instabilidade acentuadas, levando a uma necessidade urgente de adaptação dessa instituição às novas condições de vida da sociedade moderna. A crise dos valores afeta naturalmente a família, devido à grande dificuldade dos pais, enquanto adultos educados numa época anterior, de fazerem uma reflexão sobre a sua própria escala de valores, as necessidades do mundo moderno, a imprescindibilidade daí decorrente de revisão desses valores e da forma como eles devem ser transmitidos.²²⁵

Com a evolução da sociedade sabe-se bem que hoje as famílias tiveram grandes mudanças concernentes à sua formação, estrutura e valores. Dependendo de sua

²²⁵ CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. **Educação: agentes formais e informais**. São Paulo: EPU, 1985. p. 20

estabilidade emocional a família pode atuar de forma positiva ou negativa. Poderá formar a personalidade dos filhos de forma positiva, tornando-os pessoas responsáveis e cômicos do papel a ser desempenhado por eles na sociedade. Ou, ao contrário, indivíduos perturbados, carentes, seja física ou emocionalmente, seres passivos e irresponsáveis quanto a assumir seu papel na sociedade, pois não tiveram suas potencialidades desenvolvidas ao nascer. Se a socialização da criança ocorre gradativamente, à medida que for crescendo, começará a participar no grupo social e se tornará integrada na sociedade, precisando, porém, aprender as atitudes sociais, a promoção da auto-conscientização do outro.

As privações de ordem material levam ao desenvolvimento de personalidade não completa, com dificuldade para desenvolver o pensamento abstrato, com dificuldade para a formação de juízo de valor próprio e para a tomada de decisões.

A família realiza a tarefa de integração dos filhos à vida social mais ampla. Dá, aos mesmos padrões de comportamento, percepções da realidade e hábitos de pensamentos característicos do meio social mais amplo e dos que são característicos ao meio social a que pertencem, e aos que são da própria família. O elo de ligação entre a sociedade global e o indivíduo, através de sua posição de classe, transmite a cultura acessível às camadas e grupos sociais onde os pais se encontram.

A Escola Básica Manoel José Antunes, em correlação aos problemas correspondentes às famílias dos alunos, apresenta caracteres traumáticos, devido às desigualdades sociais e econômicas somadas aos fatores já destacados, que deram origem a uma desestruturação familiar. Com a falta de recursos adequados está-se com alto índice de pais alcoólatras e viciados, mães que se prostituem, mães com grande falta de preparo para assumir realmente o papel de mãe, afóra os pais que não dialogam com seus filhos, e quando se aproximam dos mesmos, violentam-nos (é a única forma que encontram de se expressar) e a ocorrência de pais (incluindo madrastas ou padrastos) que deixam os filhos sob a responsabilidade de avós ou vizinhos, que não possuem condições mínimas de criá-los. Por conta de tais fatores é possível notar o baixo nível sócio-cultural e econômico dos alunos. A formação, até mesmo as relacionadas ao caráter dos alunos, está diretamente ligada às suas vivências colaterais e diretas, com seus familiares, e às condições gerais às quais estes estão submetidos.

É de dificuldade extrema a uma criança que esta desempenhe um papel positivo em sua vida social (escolar), tendo que enfrentar problemas complexos dentro de seu lar, que são contraditórios a uma vida digna. Os pais destes alunos convivem

com realidades drásticas, devido à falta de emprego, à falta de lazer, às más condições de saúde e à moradia precárias. Esta série de acontecimentos é derivada de um ciclo que já se iniciou muito antes de, até mesmo, o nascimento de seus próprios pais.

Tomadas de decisões incorretas por parte da família dos alunos são constantemente observadas em função da falta de preparo (problemas com a vida social). Tal fator é muito complexo e, para uma resolução de sucesso, é necessário intervir em outros fatores norteadores como questões governamentais, e até mesmo de cultura.

Todas as dificuldades pelas quais passam os alunos, como falta de amor, carinho e afeto não são, provavelmente, a única causa dos problemas observados. Entretanto, o desenvolvimento de iniciativas que visem a melhoria do relacionamento dos alunos com seus familiares, e destes com a escola, poderia representar o início da solução. O desenvolvimento de atividades culturais e recreativas poderia trazer resultados positivos.

A parceria com instituições especializadas para auxílio comportamental dos alunos, tal como a COMBEMTU, é de caráter positivo e de fundamental importância. Estas instituições podem ter conhecimento mais facilitado de novas metodologias de ensino para lidar com crianças e famílias que vivem nas condições citadas e, assim, oferecer uma troca de conhecimento mais amplo.

Para que haja uma melhoria na escola pesquisada, os professores, juntamente com os seus gestores, necessitam buscar algumas alternativas para que os pais possam interagir com a instituição. A vantagem seria o envolvimento dos pais com a escola e com o processo ensino-aprendizagem; procurar chamar a atenção para que os mesmos a freqüentem com intuito de apoiar seus filhos, dando-lhes maior apoio para que a aprendizagem ocorra com tranquilidade e que os professores possam dialogar com os pais, mostrando a capacidade dos educandos para aprender.

A respeito do relacionamento entre pais, filhos e escola, Perrenoud assim manifesta-se:

Ser pais de alunos, é para eles, uma condição nova, para alguns uma verdadeira “profissão”, que descobrem sem ter tido a oportunidade de refletir ou de se formar para isso. Cada ano, seu filho cresce, muda de turma. Eles devem adaptar-se a novos programas, a outras exigências, a novas maneiras de ensinar, a estilos diferentes de comunicação. Se seu nível de instrução, sua ética, sua prática de negociação, sua experiência do mundo de trabalho, ou sua personalidade os predispõem a se adaptarem a esse caleidoscópio de exigências e de atitudes, a dialogarem facilmente, a fazerem perguntas e a

defenderem seu ponto de vista, quem poderia se queixar? A escola, porém, em particular quando obrigatória, deve tratar com *todas* as crianças e com *todos* os pais, em sua diversidade, inclusive sob o ângulo de suas capacidades de comunicação e de sua adesão ao projeto de instruir seus filhos.²²⁶

Os pais deveriam ainda, dar sugestões nas questões das organizações da escola, pois eles são uma das peças-chave do processo. Tentar resolver os problemas identificados através da utilização de “medidas enérgicas”, tais como trancar o portão ou reprimir os alunos, não seria o mais correto a ser feito. Um trabalho social que abrangesse toda a comunidade teria mais possibilidade de produzir os efeitos desejados, trazendo uma realidade muito satisfatória.

Notou-se que os alunos da escola em análise são, na verdade, “escravos de suas traumáticas realidades”, pois, quando estão diante de atividades que retêm sua atenção, costumam apresentar um desempenho maior e um comportamento caracterizado pelo compromisso e pelo companheirismo. Acredita-se, também, que se fossem estimulados e valorizados e se fosse mostrado o valor deles para suas famílias, haveria maiores possibilidades de que os educandos viessem a revelar seus talentos e suas reais personalidades. Assim, mutuamente, teriam um provável início das melhorias. Estes procedimentos, agregados a reuniões sistemáticas com os pais, poderiam estimulá-los a uma participação mais efetiva do ambiente escolar e, mais especificamente, no apoio à educação de seus filhos.

Ao contrário de tudo o que deveria ser, os pais desqualificam seus filhos. Relatam constantemente para os professores que não possuem mais condições de criá-los, já que os mesmos não os escutam, que são rebeldes e violentos. Uma mãe chegou a dizer que não se importava mais com o filho, pois não queria perder seu marido, sendo que o mesmo era o segundo cônjuge e ele não suportava o menino porque ele respondia com palavrões que resultavam em brigas violentas. Corroborando, uma professora da instituição relatou que alguns pais abandonam os filhos, não se importando com os resultados finais.

Os conflitos entre as gerações de que se compõe atualmente a família nuclear podem ser muito intensos, e tais conflitos são reforçados ainda mais com a existência de desigualdades e diversidades culturais, sociais e econômicas, afora os abusos de padrastos contra os enteados, que causam lesões. Tais crianças chegam na escola com hematomas, e quando se pergunta o que ocorreu, não relatam. Tem-se como

²²⁶ PERRENOUD, Philippe, op. cit., p.114.

exemplo, a ocorrência da invasão de um pai de aluno dentro da instituição, sendo que o mesmo chegou alcoolizado e violentamente chamando o menino da 1ª série que tinha agredido seu filho, terminou também por agredi-lo fisicamente. Os professores diante da agressão nada fizeram, por medo de serem agredidos pelo pai. Por tal motivo, como fora relatado, os portões da escola foram fechados, restringindo o acesso, atitude esta que não significa solução do problema.

A instituição sabe dos acontecimentos através de outras crianças, e fica de mãos atadas frente ao medo do que pode ocorrer se se tomar alguma providência, sendo omissa ao invés de denunciar os fatos ao Conselho Tutelar, que é o órgão responsável em zelar pelos interesses das crianças e adolescentes, visando o bem-estar dos mesmos.

Muitas das causas dos problemas encontrados na instituição pesquisada são provenientes de fatos diretamente relacionados aos professores, sendo que os mesmos não possuem uma formação adequada para lidar com as novas crianças, pois a cada ano elas apresentam comportamentos diversificados, e, com isso, está se tornando difícil o acesso a um bom relacionamento no que diz respeito à afetividade e à aprendizagem. A maioria dos professores lotados na escola não possui curso superior - dentro deste quadro, somente quatro professores têm especialização, e, mesmo assim, ficam assustados diante das atitudes dos alunos, sem saberem, ao certo, como trabalhar com os mesmos.

Num primeiro momento, notou-se que a maioria dos professores, quando apresentada a proposta desta pesquisa, mostrou-se interessada em conhecer como seriam as estratégias a fim de prosperar suas práticas pedagógicas dentro da instituição.

No entanto, conforme dispõe Ceccon:

Os professores por sua vez se sentem sobrecarregados e desvalorizados em seu trabalho. Suas condições de trabalho são, de fato, muito ruins: classes superlotadas, falta de material didático, programas muito extensos e complicados, etc.

Eles estão também muito descontentes com os salários irrisórios que recebem e que não lhes permitem viver dignamente.

De uma maneira ou de outra, quando se encontram diante de uma turma de alunos, percebem que as crianças têm uma dificuldade enorme de seguir o programa. Também se dão conta de que eles próprios, professores, foram mal preparados para o trabalho que têm que fazer.²²⁷

Destarte, os docentes sentem-se exaustos, de forma que têm que solucionar, sem auxílio, tantos problemas – motivo pelo qual freqüentemente recorrem à Direção.

²²⁷ CECCON, Claudius, op. cit., p. 14-15.

Isso sem contar as vezes em que são obrigados a utilizar posturas autoritárias em relação aos alunos, prejudicando a possibilidade de diálogo na sala de aula, e, quando se tem diálogo, os professores apenas oferecem críticas negativas em relação ao comportamento do aluno. Por tal motivo, como maneira repressora, aplicam avaliações classificatórias. Um outro problema apresentado relacionado ao diálogo entre professor e aluno é a falta de discernimento dos professores entre profissionalismo e amizade, já que muitos tentam substituir o papel que os pais deveriam desempenhar.

A propósito, Freire manifesta-se:

A recusa, a meu ver, se deve sobretudo a duas razões principais. De um lado, evitar uma compreensão distorcida da tarefa profissional da *professora*, de outro, desocultar a *sombra* ideológica repousando manhosamente na intimidade da falsa identificação. Identificar *professora* com *tia*, o que foi e vem sendo ainda enfatizado sobretudo na rede privada em todo o país, é quase como proclamar que *professoras*, como boas *tias*, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve. Quem já viu dez mil “*tias*” fazendo greve, sacrificando seus *sobrinhos*, prejudicando-os no seu aprendizado? E essa ideologia que toma o protesto necessário da *professora* como manifestação de seu desamor aos alunos, de sua irresponsabilidade de *tias*, se constitui como ponto central em que se apóia grande parte das famílias com filhos em escolas privadas. Mas também ocorre com famílias de escolas públicas.²²⁸

Os professores têm consciência de que, muitas vezes, os alunos lhes chamam de “tia”, por exemplo, não como uma forma de afeto, mas sim de uma forma irônica – é a maneira que encontraram de comover os seus professores porque sabem que a “tia” jamais irá puni-los. Diante de tantas dificuldades com os alunos, o corpo docente fica perplexo com as más atitudes dos mesmos, pois sabem que alguns possuem capacidade e habilidade para modificar o rumo de suas vidas.

Outro entrave é a dualidade existente no corpo docente. Se por um lado se interessam por novas alternativas, por outro lado têm consciência de suas deficiências em executar as funções enquanto professores. Por vezes, a própria Direção impõe obstáculos que não lhes dão autonomia para colocarem em prática o seu desejo de fazer algo diferente, como forma de ensinar, em sala de aula ou até mesmo fora dela, impossibilitando, desta forma, que exerçam metodologias diferenciadas e obtenham melhores resultados com seus alunos. Dentro deste contexto, constatou-se que alguns professores estão sobremaneira desanimados, a ponto de contagiar seus colegas que almejam uma prática de ensino diversificada.

²²⁸ FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 11-12

A Escola Básica Manoel José Antunes é uma escola municipal que possui poucos profissionais concursados pelo Município de Tubarão, sendo que os demais são contratados por carga horária, e, que por sua vez, não permanecem na escola por mais de um ano. Por ser uma escola municipal possui poucos recursos, e resta quase que impossível a contratação de profissionais de alta qualificação, haja vista o seu alto custo para o Município.

Os obstáculos com que os profissionais se deparam são, além dos referentes às agressões e ao desinteresse pelo processo ensino-aprendizagem, o atraso do pagamento de seus salários (durante o estudo uma professora relatou estar desesperada – estava sem receber seu salário há três meses, não podendo cumprir com o pagamento de suas dívidas), complexidade de atitudes, que englobam fatores psicológicos de grande intensidade, como medo, traumas, insegurança associada à baixa auto-estima e uma espécie de escravidão mental, que os leva a crer que o destino certo é o fracasso e a incompetência.

Diante dessa triste realidade seria preciso um corpo docente com maior qualificação, não que seja necessária a substituição dos professores, mas sim uma reciclagem intelectual, através de cursos de capacitação pedagógica os quais, muitas vezes, acontecem no início do ano letivo com uma duração de três dias, sendo que os professores não dispõem de muito tempo para modificar seus conteúdos programáticos. Além de não se sentirem confiantes para a aplicação de um modelo que foi elaborado em tão pouco tempo, sem ter uma leitura e uma discussão com os demais professores de outras instituições, com o intuito de trocar sugestões para rever as práticas.

Nota-se ainda, na pesquisa, a falta de companheirismo entre os colegas de trabalho que, nos intervalos, fecham-se na sala dos professores para tomarem seu café, ou seja, ao invés de se unirem e discutirem questões pedagógicas da escola, separam-se em grupos e criticam os trabalhos que os colegas aplicam em sala de aula, o que revela um bom exemplo da falta de ética profissional. Não se pode esquecer que a responsabilidade e o compromisso ético são características fundamentais para os profissionais da área da educação, uma vez que a tarefa de educar com qualidade e competência está inserida na transmissão dos valores que vigoram na sociedade.

Reitera-se com o conceito de Rios:

Refletir eticamente é colocar em questão os valores sustentadores de nossas ações em sociedade. A etimologia da palavra ética nos remete a *ethos*, que significa costume, caráter, marca.

[...]

O *ethos* corresponde ao que chamamos comumente de moral. Trata-se de um conjunto de princípios, de crenças, de preceitos e normas que orientam a vida dos homens em sociedade. A moral tem, portanto, um caráter normativo. A ética, reflexão crítica sobre a moral, é chamada de “ciência do *ethos*”. Quando estamos no terreno da ética, nosso objetivo é investigar o valor, e não determiná-lo, como na moral.²²⁹

Ora, se os próprios professores realizam críticas destrutivas entre si (profissionais e pessoais), não há como se referir em exemplo de transmissão de valores com qualidade e competência aos alunos. Os discentes observam atitudes negativas de seus professores e, com isso, passam a imitá-los, não respeitando seus próprios colegas de sala de aula.

Um outro obstáculo observado é que, em muitos dos casos apresentados, os professores preferem soluções paliativas, acarretando em procrastinação das soluções. Houve a constatação de que os professores mantêm a postura de transferência das responsabilidades cabíveis. Suas posturas de descaso com os acontecimentos criam um conjunto de empecilhos que dificultam, cada vez mais, o processo de mudanças e ações associados a melhorias.

Os professores da instituição relataram que possuem dificuldades em encerrar o conteúdo do ano letivo, uma vez que os alunos com as dificuldades de aprendizagem e o exagerado período de férias fazem com que percam o ritmo, ficando a aprendizagem comprometida no início das aulas. Desta forma, o professorado sente dificuldade de implementar os conteúdos, fazendo, assim, uma espécie de joguete: muito é falado e pouco é assimilado. Os conteúdos continuam sem atrativos e as ações dos professores são de formas tradicionais, não enfatizando a importância quanto à atualização dos livros didáticos, livros estes em que os conteúdos não estão de acordo com a realidade dos discentes, e todos estes fatores dão espaço à desordem e, conseqüentemente ao desinteresse pelas aulas.

O perfil dos educadores é, no entanto, o mais longe possível de liderança. Posturas como as observadas, de descaso com a população de alunos, é um reflexo negativo detectado na grande maioria da instituição. Outro indicador de falta de liderança é dado pela ocasião da falta de domínio pedagógico sobre os alunos no momento de conter os conflitos que ocorrem na escola, e, como fora dito antes, os professores não têm flexibilidade para lidar com seus alunos, pois acreditam que a

²²⁹ RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 43.

grande maioria não possui solução e já vislumbram que, no futuro, serão marginais, e nada fazem por não quererem se comprometer e se responsabilizar pelos atos que cometem na instituição. Tais posturas são freqüentes em alguns professores, haja vista o seu desânimo e sua frustração quanto à profissão – eis que notam que o sistema e a instituição escolar não valorizam seus trabalhos e, portanto, sentem-se sem incentivo e continuam sendo tradicionais quanto aos métodos do processo ensino-aprendizagem, o que agrava ainda mais a situação dos alunos que já possuem deficiência no seu aprendizado.

Diante de tantas situações adversas, torna-se difícil a obtenção de bons rendimentos na prática do ensino. A dificuldade que os educandos têm em aprender novos conteúdos os impede de elevarem seus níveis de conhecimento e é decorrente de vários fatores, como, por exemplo, pessoas mais experientes que não obtiveram êxito na carreira acadêmica e, assim, formaram uma imagem retorcida do ensino, o que deveria apresentar uma contrária nitidez.

Fatores como a desmotivação podem ser decorrentes da falta de apoio da família para que a criança estude e desempenhe um papel construtivo na sociedade. Este pensamento é apoiado no senso comum e materializado em ditos populares de que “muitas pessoas não estudam e tem uma boa situação na vida” ou “pessoas formadas trabalham de varrer ruas”.

Ante o exposto, pode-se dizer que a deficiência na aprendizagem acarreta problemas de desempenho futuro da sociedade (dentro da qual os alunos estão inseridos), como o precário desenvolvimento socioeconômico dos indivíduos e dos que destes dependem. É de extrema importância que se trabalhe em favor de melhorias, eis que nesta área é que está situada uma das problemáticas mais delicadas.

O corpo docente da escola pesquisada apresenta insatisfações quanto à Direção, pois acredita que a gestão está diretamente ligada à mesma.

O ato da gestão significa o comprometimento fomentado ao desenvolvimento das práticas pedagógicas, a fim de sugerir novas idéias para que a escola cresça com qualidade e autonomia, e busque novas alternativas para articular e criar objetivos e atividades concernentes ao processo ensino-aprendizagem.

Sobre a gestão, colhe-se o seguinte entendimento de Barreiros:

A gestão escolar constitui um modo de articular pessoas e experiências educativas, atingir objetivos da instituição escolar, administrar recursos materiais e humanos, planejar atividades, distribuir funções e atribuições.

A gestão democrática, por sua vez, requer, dentre outros, a participação da comunidade nas ações desenvolvidas na escola. Envolver as comunidades local e escolar é tarefa complexa, pois articula interesses, sentimentos e valores diversos.²³⁰

Pelo fato do corpo docente conhecer as responsabilidades do Diretor (sabe que o mesmo é o articulador para o desenvolvimento de novas propostas pedagógicas e que sua responsabilidade não se restringe ao ato de administrar, como se a escola fosse uma empresa), é que passa a exigir o cumprimento de suas tarefas. Infelizmente, o Diretor não possui discernimento capaz de distinguir o que é administrar e o que é apoio pedagógico. Sendo assim, permanece calado diante dos problemas quanto à indisciplina e à aprendizagem na instituição. Na realidade, os professores gostariam de sugestões e que o Diretor buscasse mais apoio na Secretaria da Educação. Acreditam que ele poderia ter uma participação mais efetiva no processo pedagógico juntamente com a comunidade da escola, encarando a escola como um organismo vivo e que se compara a Diretoria à analogia de um cérebro que produz idéias, cujos docentes são os membros (órgãos) que executam suas funções vitais e mantêm este organismo em perfeito funcionamento.

Sobre o cotidiano dos gestores, o mesmo autor supramencionado manifesta-se nos seguintes termos:

Com erros ou acertos os gestores comandam a vida escolar. Democraticamente ou não, ausentes ou presentes, eles estarão sempre à frente de uma escola. O trabalho do professor é árduo, todos têm uma rotina fora da escola, então, como fazê-lo. A merendeira também, assim como, o zelador, o marceneiro, os serventes, as secretárias, a bibliotecária, enfim, todos têm seus afazeres dentro e fora da escola; e administrar um estabelecimento escolar, é também exaustivo, uma função bastante complicada, mas com sucesso, obstáculos, problemas e vitórias, o gestor leva seu dia a dia aprendendo, ensinando, caindo e levantando, e assim fazendo parte da vida de cada aluno.²³¹

É de extrema dificuldade gerenciar o sistema acadêmico de escolas com tais níveis de problemas. Não se atribui a totalidade das razões dos problemas ocorridos ao fato da instituição estudada possuir uma gestão não muito atuante. Como o grupo estudado possui um corpo docente despreparado para administrar questões problemas vistos nas visitas, a cadeia de propagação dos inconvenientes chega com uma altíssima

²³⁰ BARREIROS, Wilson Leandro. **O gestor escolar nas instituições de ensino da rede pública.** Monografia apresentada para conclusão de curso de Pedagogia – Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2004. p. 30.

²³¹ BARREIROS, Wilson Leandro, op. cit.

concentração na presença da Diretoria, tornando-se, assim, inviável a resolução dos problemas por um único gestor.

Ademais, é mais cômodo, diante da falta de preparo dos professores, responsabilizarem a Diretoria, bem como passarem para a mesma a incumbência da solução dos problemas que poderiam ser resolvidos por eles mesmos, não trazendo benefício algum, tanto para a Direção quanto para os docentes.

Notou-se que, à medida que as solicitações de intervenção por parte dos professores à Direção ocorrem, aumenta a falta de respeito pela autoridade dos mesmos. Cada vez que este episódio ocorre fica mais notório que a autoridade dos professores diminui ao longo do tempo e tende a se anular brevemente. Este efeito se retarda quando, na escola, são realizadas atividades fora do cotidiano das crianças, tais como dança e festas, haja vista que os professores, apesar de solicitarem autorização do Diretor para a implementação das mesmas, não mostrou interesse, fazendo com que os docentes as realizassem independente de uma resposta da Direção. Com isso os professores sentiam-se desmotivados, alegando que o Diretor realmente se mantinha omissos para tais compromissos, motivo que os obrigou a tomarem a iniciativa, em benefício dos alunos, na realização das atividades recreativas, o que foi uma exceção à falta de autonomia dos educadores.

Um dos fatores da falta de organização para o acompanhamento é que a escola pesquisada, até o momento da investigação, não possuía um projeto pedagógico que possibilitasse organizar e executar atividades a fim de proporcionar a ela e à comunidade uma junção, visando uma reelaboração da prática de ensino. É a Diretoria que possui a função de estar à frente, junto ao Governo, buscando recursos que possibilitem a execução de tais projetos. Também é de cunho da Diretoria, junto ao corpo de professores, a elaboração e orientação de projetos de atualização e melhorias de estratégias de ensino e educação.

A única ajuda oferecida à Direção é a da Secretaria Municipal da Educação que, no início do ano letivo, distribuiu aos alunos um kit de material escolar contendo caderno, lápis de cor, lápis de escrever, caneta e borracha. Este ato é feito todos os anos, sendo que as crianças, juntamente com os seus pais e professores já sabem que irão receber tais materiais, e é durante este período que ocorre um contato maior entre os mesmos. Infelizmente, na investigação, foi a única comunicação que se observou que o Diretor estabeleceu, diretamente, com os pais.

O modelo da instituição estudada é de responsabilidade do Município de Tubarão. O sistema educacional brasileiro tem mostrado forte crescimento ao longo dos últimos dez anos, mas este índice corresponde quase que por totalidade às instituições privadas, que exclui grande parte da população de baixa renda. Nas escolas públicas a realidade é outra. Há o problema da baixa remuneração dos docentes, a escassez de verbas destinadas à educação, os programas de ensino que ignoram o contexto socioeconômico nacional e a insuficiência de materiais didáticos; são fatores que dificultam o processo ensino-aprendizagem.

Tubarão está inserida neste contexto. A cidade tem sua arrecadação proveniente quase que por totalidade do comércio, e não possui nenhuma característica industrial. Estas condições apresentam-se por uma série de fatores que não cabem a este estudo.

Com uma arrecadação baixa, o repasse de verbas para as instituições municipais é muito pequeno, e as escolas municipais sofrem com este efeito. Com instalações precárias fica difícil a realização de eventos que possivelmente gerariam recursos para a mesma. Cabe às instituições conviverem com uma realidade de dor e sofrimento.

Diante de tantas situações adversas, torna-se dificultosa a obtenção de bons rendimentos na prática de ensino. Ademais, professores e gestor classificam os alunos em “bons” e “ruins”, mostrando-se interessados apenas em relação aos “bons”, não permitindo uma participação mais ativa dos ruins, terminando por excluí-los. Professores autoritários, que não preparam aulas antes de ministrá-las, que chegam atrasados em sala de aula, que lidam com o aluno “padrão” (o idealizado) e não com o aluno concreto, que não transmitem o conhecimento em conformidade com a realidade social, que não dominam o seu conteúdo, ministram aulas monótonas e sem atrativos, fazem com que a escola se torne um fardo para o aluno. E estas negligências dos docentes mal preparados também resultam numa deficiência do aprendizado.

As crianças de uma 2ª série e as da 4ª série da escola estudada apresentam dificuldades em ler e escrever, muito embora estejam em séries já avançadas. Trocam letras do alfabeto, como por exemplo “v” por “f”, “t” por “d”, “s” por “c”. Quando vão ler algum texto gaguejam e não sabem pronunciar corretamente os sons das palavras. Quanto à Matemática, não sabem efetuar corretamente as quatro operações, resultando numa desmotivação tanto para o professor quanto para o aluno. As dificuldades de aprendizagem foram observadas, especialmente, em crianças mais carentes, crianças

que sofrem de distúrbios relacionados à visão e à audição, com deficiências motoras, e, na grande maioria, em crianças que apresentam problemas relacionados à miséria e à pobreza, devido à falta de alimentação adequada - o que faz com que tenham dificuldades de concentração, bem como armazenamento e memorização, para que consigam assimilar um aprendizado. E é em decorrência disso que ocorre o fracasso escolar, tendo ainda tal escola, como consequência, um alto índice de evasão e repetência.

E, sobre o assunto, Jardim bem ensina:

A criança ou jovem com dificuldades de aprendizagem apresenta discrepância entre a capacidade ou habilidade mental e o desempenho, refletidas em resultados escolares insatisfatórios.

[...]

As dificuldades de aprendizagem sugerem um comprometimento no processo de informação, com uma pequena desordem psiconeurológica que afeta a função cognitiva.

[...]

Sabe-se que para aprender é necessário perceber, compreender, analisar, armazenar, chamar, elaborar e exprimir informação. Ao mesmo tempo é indispensável avaliar e observar quais as áreas fortes e fracas do indivíduo nas seguintes funções do processamento: atenção, percepção, memória, planificação e psicomotricidade.²³²

Destarte, avaliando as funções do processamento de informações dos alunos, torna-se mais fácil compreender as causas que lhes dificultam a aprendizagem, pois a aquisição de informações e conhecimentos é baseada em teorias, conceitos e princípios. E as regras gramaticais são formas de aprendizagem e de obtenção de informações cognitivas que dizem respeito aos sentimentos e emoções dos alunos. Quando aprendem a escrever **algo**, por exemplo, aprendem o significado da palavra e, como consequência, sentem-se motivados e se interessam mais pela escrita.

É de suma importância ressaltar que cada indivíduo pode desenvolver o interesse para aprender a ler, escrever, falar corretamente e lidar com os símbolos. Contudo, para que isto ocorra, o corpo docente deve estar bem organizado e preparado para trabalhar com o nível sócio-cultural dos alunos, atendendo à realidade de cada um deles, ou, como diz Sternberg: “é um erro rejeitar os indivíduos identificados como tendo dificuldades de aprendizagem. Ignorar essas crianças ou tratá-las como pessoas sem esperanças é injusto e não é proveitoso para elas nem para a sociedade”²³³.

²³² JARDIM, Wagner Rogério de Souza. **Dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental**. São Paulo, Loyola, 2001. p. 99.

²³³ STERNBERG, Robert J.; GROGORENKO, Elena L., op. cit., p.17.

Portanto, a exclusão dos alunos “ruins” pelos seus professores é uma forma preconceituosa e injusta que não trará benefícios ao seu desenvolvimento enquanto ser humano, sendo que sentem-se rotulados e marginalizados no meio social e no seio da escola.

As escolas públicas de Santa Catarina estão baseadas nas propostas de Vygotsky e Wallon. Portanto, o corpo docente da Escola Básica Manoel José Antunes deveria seguir estas teorias, que se fundamentam nas concepções sociointeracionistas de aprendizagem – chamada também de histórico-cultural. Contudo, não as seguem porque não existe, dentro da instituição, uma verdadeira prática pedagógica baseada no sociointeracionismo. Teoricamente conhecem as propostas de Vygotsky e Wallon, mas a falta de preparo para aplicar práticas inovadoras e estratégias que estejam relacionadas com a interação entre professor e aluno, somada à indisciplina e violência deste último, faz com que se sintam frustrados e sem motivação para buscar e criar alternativas para diferenciar suas aulas. Na realidade, o professor exige que seus alunos não tenham qualquer comunicação, limitando-se a transmitir o conteúdo dogmáticamente, como forma de assegurar a disciplina em sala de aula, tornando-a exaustiva. Ademais, ainda se limitam ao tradicional método de ensino, restringindo a sua aula à utilização do quadro negro e do livro didático, fato esse que dá ensejo às dificuldades da aprendizagem, tornando os alunos desinteressados.

A deficiência dos alunos em aprenderem novos conteúdos e elevarem seus níveis de conhecimento é decorrente de toda a problemática relatada até o momento, sendo de extrema importância que se trabalhe em favor de uma qualidade de ensino, bem como que se busque uma maior participação e interação entre escola, gestores, aluno, comunidade e governantes.

7.3.1.4. A observação do Conselho da Escola Básica Manoel José Antunes

Antes de começar o Conselho, o Diretor expôs algumas normas:

- 1) Os alunos que moram em bairros muito distantes deveriam sair cinco minutos antes, da sala de aula, para pegar o ônibus.
- 2) Quando um professor tivesse algum compromisso e não pudesse comparecer à escola, deveria deixar atividades prontas para o substituto.
- 3) O recreio seria de 15 minutos, já que fora observado que as crianças ficam mais calmas com o tempo reduzido.

4) Devido à escassez do tempo, só seria discutido sobre as crianças que apresentavam problemas mais graves.

5) Início da discussão pela 1ª série.

1ª série A - Sinara

“A minha turma é mista, sendo que a idade varia de 6 a 13 anos. Estou bem preocupada com a classe. São completamente indisciplinados, levantam o tempo inteiro, arrastam as carteiras, batem um no outro e as agressões físicas e verbais acontecem constantemente. Os comentários são sempre relacionados com a violência, como ‘porrada’, ‘quebra-cara’, entre outros. É assim desde que chegam, até a hora de sair. O problema do Delberson se agrava a cada instante. É um menino muito revoltado. Ofende os colegas e discute constantemente comigo. Tem muitos problemas com a mãe e diz que a odeia. Quanto à falta na aprendizagem, é devido à conduta daqueles que não querem fazer nada. Atrapalham muito os menores, distraem-se, brincam muito e o conteúdo fica, em geral, médio”.

Para cada aluno-problema o Diretor pediu soluções de melhoria, e que todos deviam participar e dar idéias para ajudar no desenvolvimento destas crianças.

1ª série B - Cristiane

Quando Cristiane começou a falar, dirigia o olhar constantemente ao Diretor, dizendo: “Anselmo, minha turma precisa da ajuda de todos. Estou com um problema com um menino que faz de tudo para chamar a atenção dos demais. Seus colegas o chamam de “Sarita”. Seus gestos são femininos e diz que adora que o chamem assim. Gostaria que a Nielda trabalhasse com ele. As piadas ‘correm soltas’ dentro da sala. Quanto ao comportamento da turma, não sei mais o que fazer. Somente cinco alunos sabem ler e escrever, sendo que os demais estão com dificuldades de aprendizagem. O rendimento é insatisfatório. Penso que a COMBEMTU tem grande responsabilidade com o andamento dos alunos. Alguns alunos comentam que os monitores os colocam de castigo e não os deixam fazer as tarefas. Já outros, dizem que podem fazer o que quiser”.

2ª série - Sinara

“Os alunos da parte da manhã são bem melhores que os do período da tarde. São crianças interessadas em aprender, gostam de fazer cartazes e procuram solucionar

os problemas que aparecem em sala de aula. A avaliação que posso dar à minha turma é de que é uma classe boa. São também críticos. Tudo que sentem, falam ou reclamam. Às vezes, converso muito sobre o material que não cuidam direito, rasgam os cadernos e nunca têm lápis e borracha. Depois disso providenciei uma caixa para ficar no meu armário com alguns materiais”.

2ª série - Tereza

“Sinto que peguei a pior turma. Os alunos têm idades que variam entre 8 e 13 anos. Isto é que é um grande problema. Todos são da COMBEMTU. Eles não têm respeito por ninguém. Querem fazer o que bem entendem e brigam muito, a ponto de se agarrarem a socos um com o outro. O Alexandre é um menino muito revoltado, não faz nada na sala e briga o tempo inteiro com os outros. Não agüento mais. No início, pensei em desistir, mas vou até o fim. Quanto à aprendizagem, os alunos são fracos. Mesmo na 2ª série não sabem ler e nem escrever. Não posso dar o conteúdo de 2ª série. Estou repassando o da 1ª série. A Orientadora precisa trabalhar com todos da minha sala. Acredito que, com o tempo, a turma vai melhorar. Mas para que isso aconteça, precisamos estabelecer uma linha de trabalho em conjunto”.

3ª série - Jane

“Minha classe é um lugar onde eu e meus alunos nos relacionamos bem. O diálogo é uma forma que eu encontrei para fazer um trabalho para que todos participem. A ordem é necessária na minha turma. Meus alunos também são da COMBEMTU. São crianças com graves problemas familiares e econômicos. Sei de aluno que, por qualquer motivo, apanha do pai com violência. As atitudes que demonstram, principalmente na hora do recreio, é a forma que encontraram para defenderem-se dos mais fortes e violentos também. Dentro da sala são calmos e obedientes. Falam sobre a realidade da vida e dos acontecimentos da rua. O meu problema é que tenho alguns alunos que faltam muito, mas no geral, é uma turma boa”.

3ª série - Mari

“Meus alunos são crianças que devolvem para a escola aquilo que recebem na rua ou em casa, isto é, agressividade é o que carregam consigo - é de assustar qualquer professora. Penso que devemos ter paciência, compreensão e disponibilidade para escutar e aconselhar, mas nem sempre isto é possível. A turma é muito grande e o

tempo é curto. Com relação ao conteúdo, os alunos estão com pouca iniciativa para responder e discutir questões (orais e escritas). Não existe respeito um com o outro. Realmente brigam por qualquer motivo e isto atrapalha bastante a aula. Dois alunos são completamente indisciplinados e o rendimento é baixíssimo, devido ao seu comportamento. Quanto à sugestão que foi dada de trabalhar durante 15 minutos cada dia com eles, em vez de chamá-los só quando aprontam alguma coisa, penso que será ótimo”.

4ª série - Andréa

“Anselmo, tu bem sabes que muitos alunos não dispõem de conhecimento esperado para concluir uma série anterior obtiveram aprovação. Temos também casos de alunos que vieram de outra unidade escolar e que o nível de aprendizagem é muito baixo. Um dos grandes problemas que enfrento é sobre o conteúdo de Matemática. Não sabem efetuar as quatro operações. Tenho feito várias atividades, procuro dar aulas atrativas, mas falta interesse, e a indisciplina dos alunos acarreta um rendimento insatisfatório. Estou preocupada e não sei mais o que fazer. Acredito que a nossa escola precisa organizar-se na parte de Organização Educacional. Determinar um cronograma para atender aos pais, aos alunos e acompanhar os mesmos em sala de aula”.

4ª série B - Rosane

“Fica difícil falar, pois estou somente há um mês com a turma. Mas o que sei é que eles são indisciplinados e isto os demais professores sabem. Todos os dias converso com os alunos, mais ou menos, de 15 a 20 minutos sobre o comportamento, o respeito dos mesmos com as pessoas, as normas da escola. Eles usam freqüentemente bonés dentro da sala de aula, dizem palavrões, apelidos, dão chutes nas cadeiras e carteiras e comem lanche na sala após o recreio. Os alunos não têm limites nem comportamento adequado, tornando-se, com isso, muito difícil repassar o conteúdo para eles. Assim, torna-se difícil cativar. Sabemos que não têm respeito com ninguém, pois já houve várias conversas comigo, com a Orientadora e até tu, Anselmo, sabes disso. Porém até hoje não houve muita mudança. Falei também com a professora de Educação Física, pois estou tentando de tudo para ter um bom relacionamento com eles. Bete conversou diretamente com as mães de alguns alunos. Várias delas disseram que nem sabiam que eles estavam assim. Com isso, vejo que não existe um bom relacionamento

em casa. Por isso devemos, nós mesmos, individualmente, fazer um trabalho aqui com esses alunos”.

7.3.1.5. A análise do Conselho de classe da Escola Básica Manoel José Antunes

Como se sabe, o Conselho de Classe é o modo pelo qual os gestores se reúnem, uma vez a cada dois meses, a fim de diagnosticarem o processo pedagógico, visando o acompanhamento da dinâmica das aulas ministradas, assim como o progresso do processo de ensino, mantendo uma avaliação contínua, objetiva e sistemática dentro do mesmo. É do Diretor da escola a responsabilidade de conduzir a reunião, visando alcançar o desenvolvimento, as competências e o desempenho dos estudantes.

Não obstante a Lei de Diretrizes de Base dispor, em seu artigo 23, §1º, I, “d”, que o Conselho de Classe deve contar com a presença de pelo menos dois representantes por turma, a disposição é desconhecida pelos alunos, e a Direção mostra não possuir interesse que os mesmos participem, não os comunicando, fazendo com que somente os professores e a Direção participem das reuniões, o que reforça ainda mais que não há democracia dentro da escola.

Antes de dar abertura ao Conselho de Classe, o diretor Anselmo expôs normas visando maior aproveitamento do tempo, tais como: a saída dos alunos que moravam em bairros distantes e necessitavam de meio de transporte urbano, com antecedência de cinco minutos da escola, para que não perdessem o ônibus e não perdessem muito o conteúdo; a elaboração de atividades escolares e entrega das mesmas pelo professor ao substituto, quando o primeiro tivesse algum compromisso e não pudesse comparecer em sala de aula; redução do tempo de recreio para quinze minutos, sendo que o mesmo antes era de trinta minutos, objetivando que os alunos não perdessem tempo com brincadeiras agressivas, já que o pátio escolar não oferecia recreação; discussão no conselho de classe tão-somente das crianças que apresentassem problemas mais relevantes, haja vista o escasso tempo.

O que pode ser observado é que, em primeiro lugar, o Conselho de Classe deveria ocorrer em tempo suficiente para que as avaliações dos professores fossem mais detalhadas quanto ao processo pedagógico, diagnosticando os problemas e, a partir daí, fossem discutidas, em conjunto, possíveis soluções para tais. As professoras das séries iniciais foram unânimes em avaliar os problemas com as referidas turmas, e, muito embora tenham apresentado os problemas mais relevantes de seus alunos (problemas de

indisciplina, alunos repetentes com dificuldades de leitura e escrita, ocorrência de agressões em sala de aula a ponto de serem destruídas mesas e cadeiras), como fora solicitado pelo próprio Diretor, este manteve-se calado, ao invés de oferecer algumas alternativas que surtiram efeitos no comportamento e no processo de aprendizagem dos alunos. A Orientadora da escola, por algum tempo também permaneceu calada; no entanto, depois de alguns minutos, respondeu de forma alterada que não tinha uma “varinha mágica” para lidar com estes problemas; que na realidade o professor é quem deveria estimular o interesse pelo ato de aprender - fato este que constatou a falta de compromisso e competência para lidar com a indisciplina e os problemas de aprendizagem.

Uma das professoras notificou o Diretor no sentido de procurar outra pessoa em sua substituição, pois a mesma não estava satisfeita com o trabalho que estava realizando, não conseguindo fazer com que seus alunos se interessassem, ao menos, a aprender a ler e a escrever, já que eram muito fracos e ela, por sua vez, não estava sabendo lidar com a situação. Anselmo, novamente, permaneceu calado.

No Conselho de Classe, a única professora que se destacou foi a professora Jane, da terceira série. Jane mostrou ser uma professora didaticamente comprometida com o processo ensino-aprendizagem, mas o que chamou a atenção foi o fato da professora estar muito preocupada com a administração da escola. Em todo o momento de sua fala olhava para o Diretor com reprovação quanto à sua administração em relação à instituição e ao corpo docente. Jane solicitou vários tipos de materiais didáticos para trabalhar com sua turma, que, apesar de ser uma turma com idade avançada para terceira série, estava desenvolvendo um bom trabalho e, desta forma, correspondendo a uma avaliação satisfatória. Os materiais que a professora solicitava eram materiais simples, como cartolinas, pincéis e jogos, aos quais a mesma não obtivera êxito no acesso. Por alguns minutos, chegou até a ser um pouco rude com o Diretor, dizendo que precisava dos materiais; que mesmo os seus alunos sendo da COMBEMTU e sendo indisciplinados no recreio, na sala de aula seus rendimentos eram satisfatórios. Mas o que ela gostaria mesmo é que a direção fosse mais dinâmica e oferecesse mais apoio pedagógico, uma vez que possuía idéias para melhorar e reelaborar sua prática pedagógica, mas mais uma vez a Direção omitiu-se.

Pode-se notar claramente que cada professor está preocupado com a *sua* turma e que o Diretor Anselmo poderia oferecer alternativas de solução para os problemas citados, pois sua ajuda foi muito solicitada em várias exposições. Concluiu-

se que os professores estavam assustados com a situação da escola no processo pedagógico e, ao pedirem socorro ao Diretor, frente ao seu descaso, percebeu-se a falta de preparo quanto à administração e à organização pedagógica.

Contudo, diante de tantos problemas, não é justo que os professores responsabilizem somente a Direção, sendo que todos deveriam trabalhar em conjunto, buscando alternativas para que cada docente reelabore a sua prática pedagógica e seus objetivos no ato de ensinar, objetivos esses que o próprio corpo docente deveria se preocupar, talvez se reciclando, no sentido de se atualizar, pois a sociedade é desigual e sua diversidade cultural é imensa, se se levar em consideração as mudanças sociais e econômicas ocorridas constantemente.

Portanto, não se pode esquecer que não se atingirá objetivo algum enquanto os docentes estiverem pensando por si sós, já que a escola é composta por vários segmentos, onde cada um tem que dar sua contribuição. Se se tentar, enquanto professores, procurar soluções, sozinhos, para os problemas, realmente não se chegará a lugar algum.

Diante dos depoimentos, pode-se perceber que a questão da violência tem interferido negativamente na aprendizagem, e, essa violência, muitos dos alunos já carregam desde sua casa, entre os familiares.

O fator defasagem de idade em salas de aula também contribui para um aumento da heterogeneidade entre os alunos, não bastassem as diferenças sociais, morais e culturais entre eles, afetando também negativamente o processo ensino-aprendizagem.

Ora, se todos estes problemas elencados foram constatados em todas as séries, por que não procurar organizar um trabalho em conjunto que busque minimizá-los?

Continuar olhando seu problema como se fosse o único da escola é fragmentar o processo de aprendizagem. É preciso sociabilizar melhor as relações educativas para que se possa melhorar a qualidade de ensino.

7.3.1.6. A entrevista-conversa com o Diretor da Escola Básica Manoel José Antunes

Na conversa com o Diretor da escola, professor Anselmo, percebeu-se a decepção do mesmo, em razão de uma briga entre dois alunos da 4ª série, que acabara de ocorrer, pelo fato de um ter tomado o lápis do outro.



Foto 11- – Escola Básica Manoel José Antunes. O corredor das salas de aula

Anselmo relatou ser professor de História, enquanto, na realidade, não possui qualquer instrução de orientador educacional, bem como escasso entendimento a respeito de questões pedagógicas.

Relatou, ainda, que o que realmente gosta de fazer é cuidar da administração da escola concernente à parte física da mesma, como, por exemplo, o conserto de objetos em seu interior.

No que diz respeito aos professores, não se sente apoiado, já que os docentes sabem da dificuldade que ele possui em lidar com as questões pedagógicas quanto à sua formação. A falta de apoio que relatou é referente aos professores, que também não sabem lidar com os alunos, já que os ameaçam com palavras violentas, ofendendo sua dignidade. Os educandos não possuem o mínimo respeito com as pessoas que trabalham na instituição. Devido a este fator, os professores simplesmente solicitam para os alunos se retirarem da sala de aula, mandando-os para a secretaria da escola, como se lá fossem obtidas as soluções de todos os problemas relacionados à indisciplina dos alunos.

Frente ao ocorrido, o Diretor solicitou que não fossem relatados, no presente trabalho, todos os acontecimentos referentes às agressões, brigas, entre outras condutas de indisciplina daquele ambiente, pois sentia-se impotente diante dos problemas que as crianças apresentavam, bem como não gostaria que a comunidade tivesse acesso à situação da escola.

Sobre a solicitação, foi-lhe respondido que não seria possível atendê-la, uma vez que o objetivo do trabalho é mostrar a realidade das escolas tubaronenses, visando algumas melhorias no processo educacional, fato este que levou a uma indiferença de comportamento para a continuidade da realização da conversação.

7.3.2. Escola Básica Faustina da Luz Patrício

Em continuação se mostram as informações obtidas na Escola Básica Faustina da Luz Patrício seguindo as mesmas pautas e itens utilizados na Escola Básica Manoel José Antunes

7.3.2.1. O diário de observação

O diário de observação foi realizado nos meses de março, abril e maio. Mais adiante, no mês de outubro, também foram efetuadas mais observações. Os textos resultantes destas observações se acham em **anexo**.

7.3.2.2. Os relatos do professorado de 1^a a 4^a série

Neste colégio, os professores efetuaram tão-só breves relatos, sob a alegação que o fariam no conselho de classe, conforme segue adiante. Ademais, não concordaram em citar os nomes dos alunos.

Começou-se pela 3^a série, seguida da 2^a série e da 4^a série, sucessivamente.

3^a série

“Estou muito preocupada com a turma e já conversei com a Rosângela [diretora] sobre as brigas e os insultos que ocorrem na sala.”

“Não sei mais o que fazer para insentivá-los.”

“Faço meus planos, mas às vezes não consigo atingir os objetivos propostos.”

“Tem também o problema da menina, que não toma banho e os colegas não a querem por perto. Desde o início do ano venho dialogando e mostrando os problemas da falta de higiene.”

“Quanto ao rendimento da turma, espero que com a biblioteca as coisas melhorem.”

“Vou trabalhar no período da tarde e assim posso orientá-los para realizar boas leituras e pesquisa.”



Foto 12- – Alunos de escola carente. Atividades em aula

2ª série

“Estou muito desapontada com minha turma. Também estou desapontada com a Secretaria de Educação, porque soube que no final do ano a Secretaria irá elaborar testes para os alunos resolverem, mas, na realidade, acredito que eles foram feitos para avaliar os professores.”

“Mesmo estando na segunda série, muitos de meus alunos não sabem ler e nem escrever.”

4ª série

“Meus alunos possuem idade muito avançada para a quarta série. Muitos são repetentes, pois abandonam o curso na metade do ano.”

“Procuo deixar a minha sala bem harmonioza e procuro conversar bastante com meus alunos.”



Foto 13 – Escola Básica Faustina da Luz Patrício. Recreação

7.3.2.3. A confrontação entre os dados obtidos e as teorias dos educadores

Com escopo de traçar um paralelo entre as duas instituições abordadas, fora realizado um estudo em termos de resultado e discussão. Ambas as escolas são da rede Municipal. A Escola Faustina da Luz Patrício apresenta vários problemas de ordem social, cultural e econômica, correlacionados aos alunos, suas famílias e meio em que estão inseridos, gestores e governantes, sendo que tais problemas acabam interferindo, muitas vezes, no processo ensino-aprendizagem.

A diferença se dá pelo fato de esta estar localizada num dos locais mais carentes da cidade de Tubarão, onde o nível de miséria é mais alarmante do que o da Escola Antunes, o que reforça ainda mais que se vive numa sociedade desigual. No Brasil, como fora dito já no início do presente trabalho, as desigualdades sociais são alarmantes quando se fala sobre a questão social, cultural e econômica (ricos e pobres). A classificação dos pobres se dá em quatro níveis: miseráveis, muito pobres, pouco pobres e pobres. Estas desigualdades tendem a se cumular quando se refere às famílias que sofrem para sobreviver diante das discriminações e preconceitos, que acarretam baixa-estima que, por sua vez, vem a prejudicar na sua formação – e, conseqüentemente, a sociedade as exclui devido a seu baixo nível de instrução.

Dentro da escola é visível várias espécies de ambigüidades. Pode-se citar como exemplo: a lei e a incivilidade cotidiana, o racismo e outros tipos de discriminações, a democracia e o autoritarismo, e a exclusão.

Segundo Candau:

[...] nessa dinâmica conflitiva é que se situa a questão da cidadania como problema teórico, histórico, político e como esperança. Ela é construída num espaço sujeito aos imprevistos dos acontecimentos, entre a trama da história, da cultura e da política, assim como, num terreno no qual estão presentes uma tradição autoritária e excludente e muitas tentativas, em geral frustradas, de superá-la.²³⁴

É deprimente observar que uma criança que apresenta capacidade de aprender, por exemplo, seja prejudicada em virtude deste contexto que é bastante complexo. Pode-se notar, facilmente, que o indivíduo que vem de uma família de situação econômica desfavorável possui restrita probabilidade de alcançar um nível alto de instrução.

Dentro das escolas públicas observa-se que se almeja uma democracia; contudo, a realidade é bastante diferente, porquanto o que domina é o autoritarismo e a exclusão.

Com efeito, há o caso da Diretora Rosângela, que por várias vezes dirigiu-se à Secretaria da Educação solicitando auxílio aos Governantes, no sentido de colaborarem na melhoria da instituição no que se refere à solução da estrutura do colégio, em especial o pátio, já que visava realizar recreações com os alunos, mas o mesmo encontrava-se danificado. A Diretora nunca obteve êxito em suas solicitações. A Secretária mantinha um diálogo, porém, até o término da pesquisa, não se mostrou interessada e sequer compareceu à escola para averiguar as necessidades que a mesma possuía. Frente a tal situação, a Diretora sentia-se frustrada e excluída do processo educativo. Aliás, desde que se chegou à escola a Diretora constantemente se resignava, por sentir-se abandonada pelas autoridades. Comentava que suas solicitações nunca foram atendidas e que sua comunidade, onde a escola estava inserida, era prejudicada. Diante disso, sentia-se impotente em resolver os obstáculos constantes na instituição e na comunidade (ela conhecia várias famílias que viviam no Morro da Caixa d'Água).

A escola sob análise, no que tange ao comportamento dos alunos, um dos principais problemas detectados refere-se à postura negativa dos mesmos com relação à

²³⁴ CANDAU, Vera Maria; SCAVINO, Susana (orgs.). **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 49.

preservação do prédio escolar. Ocorrem depredações por parte de ex-alunos, às vezes irmãos mais velhos de alunos que ainda freqüentam a unidade escolar, desconsiderando-a de seu cotidiano enquanto cidadão.

A escola, no final de seu período, mantém seus portões fechados. Como a mesma possui uma quadra esportiva, os maiores invadem, chegando a destruir o portão para jogarem futebol, e, por vezes, drogam-se e permanecem a noite inteira na escola, sendo que no dia seguinte, quando a Diretora chega, observa vestígios de diversos tipos de drogas esparramados entre as portas das salas de aula, o que a fez recorrer ao auxílio policial, bem como à colaboração das crianças que ainda freqüentam a instituição. Porém, não obteve êxito haja vista a ameaça que as crianças sofrem por parte de seus irmãos mais velhos, que já a freqüentaram. Não obstante a Diretora ter requisitado ajuda policial, os ex-alunos continuaram procedendo invasões e, por se sentirem ameaçados, tornam-se rancorosos, o que faz com que depredem a escola, destruindo salas de aula. A estrutura do prédio estava completamente abalada, estando inclusive com a porta da sala onde se guardavam os materiais esportivos, arrombada e com alguns materiais furtados. Afora isso, fazem suas necessidades fisiológicas perto das mesmas, bem como da Diretoria. Quando a servente observa o ocorrido, sente-se indisposta por saber que é ela quem deverá efetuar a limpeza, e antes do início das aulas.

Candau relata bem sobre este tipo de acontecimento:

É freqüente, ainda, a descrição de atos violentos contra o patrimônio escolar, cujos atores parecem cumprir um ritual. Esses rituais, que constituem uma expressão não individual, mas coletiva da violência, apresentam-se como mais uma forma da cultura da violência que caracteriza nossa sociedade.²³⁵

Como foi visto, diferente da Escola Básica Manoel José Antunes, onde a depredação é sofrida pelos próprios alunos, na presente tal fato ocorre por parte de ex-alunos, que, por sua vez ameaçam seus irmãos que freqüentam a escola e estes, por medo, não os entregam à Diretoria. Entretanto, a Diretoria sabe desta realidade através de pessoas da comunidade e fica de mãos atadas por saber que os ex-alunos poderão agredir os menores.

A propósito, segundo Guimarães:

O aspecto construtivo da violência possibilita compreender essa forma social como um auxiliar da ordem. Os revolucionários, os banidos que terão o poder, o

²³⁵ CANDAU, Vera Maria; SACAIVINO, Susana (orgs.), op. cit., p. 151-152

pensador maldito que se tornará referência obrigatória, o artista desacreditado que acabará impondo uma nova moda, todos estes exemplos mostram a existência de um duplo movimento, unindo anomia e ordem.²³⁶

A Escola Faustina, como comentado, está situada no Morro da Caixa d'Água, que é conhecida pela cidade como um dos locais de encontro de traficantes, onde os mesmos distribuem drogas para os ex-alunos. Os menores sabem deste acontecimento, bem como sabem que quando estão sob efeito das drogas os maiores depredam o patrimônio escolar como um ato de domínio.

Esta violência sofrida pela escola e pelos alunos que a frequentam é realizada de forma cruel, revelando todas as revoltas dos ex-alunos, que, futuramente, poderão servir de exemplo aos atuais, apesar de já revelarem alguns gestos agressivos dentro das salas de aula, bem como fora delas.

Muitas crianças não possuem uma vida tranqüila, e isso desencadeia uma manifestação de insatisfação através de gestos agressivos. Perrenoud escreve em sua obra:

Algumas crianças são maltratadas, abusadas, aterrorizadas por seus pais, por outros adultos ou crianças ou adolescentes de seu ambiente, inclusive na escola (extorsões, perseguições). A violência não foi erradicada de nossas sociedades, talvez até mesmo esteja reconquistando terreno.²³⁷

Os comportamentos agressivos na atual instituição referem-se, na maioria das vezes, aos seguintes fatores: à ocorrência de alguns alunos serem chantageados pelos próprios colegas, no sentido de que irão delatar quem depredou a escola, e estes, por sua vez, revidam, temendo que sofram agressões de seus irmãos, surgindo assim uma rivalidade; o fato de não saberem se divertir na hora do intervalo e não saberem se comportar em sala de aula, o que resulta em brigas e discussões com os colegas a ponto de ofenderem, preconceituosamente, os alunos de raça negra que apresentam, ainda, maior índice de pobreza.

Itani relata o seguinte sobre a figura do preconceito:

Falar de preconceito numa sociedade onde as pessoas vivem em condições desiguais não é uma tarefa muito fácil de ser cumprida. Está claro que a diferença entre classes sociais é muito presente em nossas sociedades capitalistas. Assim, muitas são as formas pelas quais o preconceito se manifesta nas relações sociais. Acima da distinção entre as pessoas que vivem em condições socioeconômicas, há uma diversidade de fossos que se abrem entre

²³⁶ GUIMARÃES, Áurea Maria, op. cit., p. 13.

²³⁷ PERRENOUD, Philippe, op. cit., p. 56.

pessoas e grupos sociais, mesmo pertencentes a uma mesma classe, e que transcendem as razões puramente econômicas.²³⁸

As salas de aula não escapam da existência do preconceito, uma vez que os alunos já vêm de casa com certa discriminação - escutam de alguns membros da família que as pessoas negras são pessoas inferiores, por exemplo, e o professor, diante disso, não possui habilidade para contornar a situação. A escola enfrenta estas questões diariamente; são conflitos que geram a negação de determinados grupos sociais.

Outro fator que desencadeia a ofensa e a agressão mútua entre os alunos desta escola se refere à questão da falta de higiene, sendo que os mesmos permanecem muito tempo sem banho, gerando desconforto entre os colegas. A pobreza e a miséria das famílias dos alunos dessa instituição é calamitosa. Não existe qualquer tipo de cuidado em relação ao bem-estar do corpo. Com efeito, tem-se o caso de uma menina da raça negra, da 3ª série, que permanece com o uniforme durante o dia e soube-se que, muitas vezes, chega até a dormir com o mesmo, sendo que possui problemas urinários. Apesar disso, vai para a escola com a mesma vestimenta, criando um desconforto na sala de aula, fazendo com que as outras crianças se manifestem para a professora que não querem sentar perto da menina.

A falta de higiene que impedia as crianças, até mesmo, de permanecerem em sala de aula, haja vista o desagradável odor que exalavam, fez com que a Diretora, juntamente com o corpo docente, suspendesse as atividades pedagógicas a fim de discutir com todas as séries os problemas decorrentes da falta de higiene. Resolveu, ainda, realizar uma vistoria nos alunos que apresentavam surtos de piolho, bem como procedeu o envio de bilhetes aos pais informando-lhes sobre a triste realidade que a escola estava vivenciando. Com isso, o corpo docente solicitou aos pais que procurassem auxiliá-los nos cuidados com o bem-estar do corpo das crianças.

Sobre a questão da higiene, conforme Novaes:

Há o entendimento de que a criança vive e desenvolve-se num mundo de relações sendo as mais impactantes e determinantes na qualidade de seu bem-estar, as que desenvolve em família e, muito especialmente, com sua mãe. A família como primeiro modelo de escola da criança deve ter como objetivo a busca e a prática deste bem-estar – físico, psicológico, social, afetivo, moral. Na escola, este objetivo deve ser apoiado e consolidado em um projeto incentivador e facilitador, para que a criança seja o agente de seu próprio desenvolvimento.

Educar para promover a saúde e o bem-estar infantil é a meta e nem o profissional de saúde nem o educador estão dispensados desta tarefa. Para isto é importante, além de discutir e revitalizar problemas antigos, mas

²³⁸ AQUINO, Julio Groppa (coord.), op. cit., p.119 .

sempre atuais, conhecer as novas morbidades infantis que estão a nos exigir respostas.²³⁹

Alguns alunos não deram a mínima importância ao que os professores estavam dizendo no sentido de orientá-los para o entendimento aos cuidados do corpo, correlacionados à sua saúde, sendo que alguns, da 3^a e 4^a séries ironizaram e comentaram que seus pais não iriam sequer ler o bilhete, chegando a afirmar, de forma brusca, que não tinham ao menos condições de tomar banho, já que em seus lares a falta de água ocorria constantemente.

Outro problema visível está relacionado ao comportamento agressivo de alguns alunos, eis que divulgam a violência vivenciada em seus lares. Algumas crianças vivem com mais de oito pessoas da família em apenas um cômodo exíguo, sendo que na hora de dormir todos dormem lado a lado, e o pai, ao chegar em seu lar, geralmente alcoolizado, acorda sua família através de atos violentos, tais como surras ou expulsão de alguns para as ruas. Esta triste realidade que algumas crianças enfrentam faz com que se manifestem na escola através de gestos agressivos, tornando-se indisciplinadas, fato que é revelado em sala de aula prejudicando o trabalho da professora e despertando os colegas, deixando a sala completamente tumultuada.

Além da ocorrência de agressão pelos pais, há a agressão ocorrida pelos irmãos mais velhos destas crianças, como visto, e, segundo Kaloustian: “As milhares de famílias em condições de miserabilidade adquirem, cada vez mais, dimensões complexas e desumanas e constituem uma verdadeira violência social, onde os seres humanos não passam de números descartáveis ou considerados biodegradáveis”²⁴⁰.

A maior parte dos alunos tem sua origem em famílias desestruturadas, em que é muito comum problemas como desemprego, violência, mães prostitutas, pais alcoólatras e viciados. Tais crianças são deixadas aos cuidados de parentes, padrastos ou vizinhos, que não apresentam qualquer condição para dedicar a atenção que os mesmos necessitam – como ocorre na Escola Antunes, mas que não se pode generalizar, pois mesmo que algumas crianças vivam com parentes, existe uma certa preocupação. O que ocorre é que a violência que estas crianças presenciam quando estão nas ruas é tida como exemplo, sendo que passam a reproduzir o comportamento das crianças mais velhas, e, diante disto, os

²³⁹ NOVAES, Luiza Helena Vinholes Siqueira. **Disciplina:** saúde, higiene e nutrição na infância. Disponível em: < http://www.dce.ua.pt/doc_disciplinas/Programa/higiene.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2005.

²⁴⁰ KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família brasileira:** a base de tudo. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.82

familiares sentem-se impotentes em educá-los. Muitas vezes, devido a esta impotência, é que os parentes não encontram outra alternativa senão transpor a responsabilidade da educação para a escola.

Campos relata sobre a importância da família na participação da educação da criança:

A família é, pois, a instituição que proporciona a socialização primária, inicial, da criança. Nela se dá a aprendizagem dos primeiros padrões de comportamento, percepções da realidade e hábitos de pensamento que são característicos do meio social mais amplo e de outros que são típicos da classe social a que pertence a família e, ainda, aqueles que são específicos da própria família.

[...]

A influência exercida pela família na formação da personalidade é de tal importância que se houver privações de qualquer natureza no ambiente familiar – materiais, intelectuais, afetivas – haverá algum tipo de falha na personalidade. Tais privações são mais sérias e mais extensas quando a criança é afastada do convívio familiar.²⁴¹

Se a criança não tiver um acompanhamento familiar adequado, o seu desenvolvimento cognitivo será seriamente comprometido e, se a família não for estruturada, aumentará o grau de violência na criança, e esta violência se refletirá no cotidiano escolar. Infelizmente, nos raros momentos em que as crianças convivem com seus pais, são submetidas a agressões, e esta violência existente em casa, reforçando, estende-se até à escola.

Não bastasse a frequente ocorrência destes problemas arrolados, a situação agrava-se em função do fato de que entre os pais predomina a idéia de que a escola é totalmente responsável pela educação de seus filhos. Assim, eles sentem-se descompromissados, tanto pela educação quanto pelo acompanhamento do desempenho de seus filhos, e isso pode ser observado quanto à constante ausência dos pais nas reuniões. Desta forma, o ambiente em que essas crianças vivem caracteriza-se pela ausência das condições necessárias para que as mesmas possam crescer e vir a desempenhar seus papéis na sociedade. O mais provável é que essas crianças se transformem em adultos marginalizados, haja vista que a educação humana é um processo que se realiza na sociedade e no meio em que se está inserido, e, se a pessoa não tiver os seus valores e costumes formados em conformidade com a sociedade, esta se encarregará de excluí-la.

²⁴¹ CAMPOS, Maria Christina S. de Souza., op.cit., p.18-19.

A escola estudada, como fora dito, está situada num dos bairros mais problemáticos da cidade de Tubarão. Sua comunidade é bastante carente (pobre) e possui graves problemas de socialização. As crianças vão para a escola já pensando na hora do recreio – que é quando irão lanchar – frente à situação de fome que vivenciam em seus lares, e, como uma exceção, é nesta hora que permanecem tranquilas, já que muitas irão realizar a sua primeira e única refeição do dia. Porém, basta que terminem os seus lanches para se reiniciar o tumulto e a desordem.

Interessante mencionar a manifestação de Castro sobre a merenda escolar:

Descobrimos que os alunos brasileiros têm merenda na hora do almoço, mas freqüentam uma escola onde faltam os mais elementares equipamentos de sala de aula. De fato, está quase cumprida a árdua e ingrata tarefa de dar um prato de comida a cada aluno, em cada dia de aula e em cada escola pública. Em contraste, fálhamos vergonhosamente ao não conseguirmos dotar as escolas das provisões pedagógicas mais elementares.²⁴²

Percebe-se claramente, nessa instituição, que a merenda é bem servida. No entanto, o maior entrave permaneceu: a falta de materiais didáticos que possibilitassem uma aula interativa capaz de despertar o interesse dos discentes, bem como a falta de estrutura nas salas de aula. No início do ano, o único material que a escola recebeu, além do material didático a ser distribuído aos alunos, foi uma televisão e um videocassete. Contudo, o dilema era onde colocá-los tendo em vista a falta de espaço físico. Levando isso em consideração, não encontraram outra alternativa senão assentar os equipamentos na sala dos professores. No momento em que os instalavam, questionavam: “Por que uma televisão e um vídeo se os nossos quadros estão danificados a ponto de não conseguirmos escrever direito?”; “Por que não atenderam à solicitação sobre as cortinas para as janelas? O reflexo no quadro não permite que as crianças sequer enxerguem o que está escrito!”; “O que passar para os alunos, se não temos vídeos educativos para complementar nossos conteúdos a serem ministrados?”. Se houvesse, de fato, uma preocupação política educacional, os governantes se informariam sobre o que está faltando nas escolas públicas e priorizariam o fornecimento de materiais pedagógicos indispensáveis ao bom funcionamento do cotidiano escolar.

É notória a despreocupação do Governo quando se refere ao processo ensino-aprendizagem, e, como diz Castro: “Há vontade política de alimentar os alunos, porém não

²⁴² CASTRO, Claudio de Moura, op. cit., p.41.

há vontade política de realmente educá-los”²⁴³. Isso quando **existe vontade** de alimentar, o que reforça ainda mais que não há interesse do Governo em fazer a escola pública funcionar de verdade. Quando se trata de escola particular a classe dominante (elite) luta por seus direitos a fim de que seus filhos tenham um ensino de qualidade, enquanto à camada popular, como não possui subsídios para matricular seus filhos numa escola particular, resta a opção de matriculá-los numa escola pública, que não oferece sequer recursos necessários ao processo educacional.

Um outro obstáculo que se observa dentro da Escola Faustina refere-se à postura negativa entre os alunos em relação a seus próprios futuros, revelando grande pessimismo quanto às suas capacidades de evoluir. A miséria, a violência e os problemas relacionados às drogas, constantes em seus lares, tornam as crianças sem esperanças quanto ao seu futuro, como a perspectiva de ocuparem bons cargos e serem profissionais bem sucedidos, por exemplo, e, como conseqüência, surge a falta de motivação e interesse relacionados à aprendizagem. Para exemplificar esta desmotivação, pode-se destacar a falta de disposição para as tarefas que deveriam ser feitas em casa ou, até mesmo, em sala de aula, e a falta de organização para a realização de trabalhos em grupo. A desmotivação é tanta que chegam a manifestar agressões, havendo, freqüentemente, a necessidade da intervenção da Diretoria na sala. O que torna a situação ainda mais complicada é o fato dos alunos não carregarem os materiais para a sala de aula, ainda que os tenham recebido da instituição no início do ano.

Em inúmeras ocasiões os **professores** demonstraram-se bastante inseguros, ou, como dito por eles mesmos, impotentes na maneira de administrar os conteúdos, de modo que seus alunos obtenham um bom desempenho em suas atividades, principalmente no que se refere às aulas. Alguns professores que trabalham na Escola Faustina possuem noção de sua responsabilidade em trabalhar com alunos cada vez mais heterogêneos, com uma diversidade cultural e econômica que vem a dificultar o processo educacional. É por este motivo que os professores não devem se ater somente ao âmbito tecnicista ou ao simples conteúdo de sua matéria; é fator imprescindível que estejam atualizados consoante à realidade dos paradoxos constantes dentro do ambiente escolar, para poder respeitar as diferenças que os envolvem, e, se tenha, posteriormente, um sucesso referente às formas de se ministrar uma aula, atendendo também aos interesses dos alunos.

Reitera-se com o pensamento de Freire:

²⁴³ Ibidem, p.52.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de idéias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que eles têm que ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto.²⁴⁴

Os professores, dessa forma, devem mostrar os conteúdos de uma maneira concreta e que estejam conectados com a realidade social e cultural. Estes saberes estão intimamente ligados à escola, ao dever e às tarefas, respeitando os saberes já existentes na comunidade dos alunos e enfatizando a cultura popular. Parece que a única professora da instituição que realmente trabalha através do conceito com os alunos é a Albertina, a qual procura, além de ministrar o conteúdo, manter um diálogo com sua turma. “Sólo no creen em el diálogo los que no lo practican.”²⁴⁵ É uma docente bastante afetuosa, e os alunos a admiram; seus trabalhos são bem planejados; tenta administrar suas aulas de formas diferentes, para que seus alunos entendam os conteúdos programáticos. No entanto, o que ocorre, muitas vezes, é que eles já vêm com uma grande dificuldade de leitura, escrita e interpretação de textos. Alguns alunos, apesar de estarem na 4ª série, não tiveram uma boa alfabetização e, conseqüentemente, a professora Albertina vê-se obrigada a retornar os conteúdos, trabalhando de uma forma concreta para que seus alunos entendam sobre a importância da escrita, bem como do estudo de novos vocabulários. O jeito calmo e afetuoso da professora faz com que sua turma não tenha grandes problemas quanto ao comportamento – o único momento em que a turma apresentou problemas de indisciplina foi quando se entrou na sala de aula, mostrando-se insatisfeita com a presença da pesquisa o que fez com que se retirasse. Seu trabalho visa uma conscientização a ponto dos alunos levarem os valores aprendidos para a comunidade, de forma que se tornem cidadãos conscientes para que ocorra um interesse da reconstrução dos conhecimentos, gerando, também, novos conhecimentos.

²⁴⁴ FREIRE, Paulo Reglus Neves. op. cit., p. 29-30.

²⁴⁵ LORENTE, Josep Redorta. **El poder del diálogo**. II Jornades D'Educació Emocional. 11 e 12 de maio de 2006.

Diante do exposto, a única professora, dentro desta escola, que não apresenta problemas de desrespeito dos alunos em relação ao professor é a Albertina. Os outros professores, por sua vez, ficam perplexos diante do desrespeito para com eles, tendo que se apoiarem na figura da Diretora da escola para solucionar tal situação, nem sempre obtendo sucesso. Talvez o motivo de tal desrespeito seja decorrente da falta de diálogo ocorrido entre aluno e professor.

Carvalho, ensina o seguinte:

O professor e o pessoal da escola são tidos como defensores e guardiões da ordem, da normalidade formal defendida pela sociedade e consentida pela comunidade como forma de enquadrar os seus filhos - que foram confiados à escola - nos padrões desejados e exigidos pela sociedade.

Agindo dessa maneira, o pessoal da escola defende inconscientemente, muitas vezes, acreditamos, os interesses da classe dominante, fazendo ideologia do uso dessa classe.²⁴⁶

Desta forma, os alunos possuem uma imagem negativa da escola, dentro da qual são impostos os interesses da classe dominante, através de meios repressivos e autoritarismos que fogem totalmente de suas realidades, e vêm a colidir com seus interesses, gerando uma revolta contra os seus professores.

As desestruturas, as inversões de valores, os problemas com a indisciplina, são fatores que alguns professores não conseguem administrar, já que suas aulas se restringem ao método expositivo, o qual não está mais surtindo efeito. Poderiam ministrar aulas de formas distintas e utilizar o diálogo, trabalhando com a realidade que predomina em sala de aula, a fim de despertarem o interesse no aprendizado. O que dificulta é que os professores estão sobrecarregados, trabalhando mais de quarenta horas por dia e percebendo salários insuficientes para viverem dignamente e apresentarem entusiasmo para ministrarem suas aulas - afora a incerteza de que irão continuar na instituição, uma vez que a rotatividade entre os professores os deixa inseguros quanto ao seu trabalho.

Nascimento aponta outro fator que dificulta o processo de ensino:

[...] é possível constatar que as reflexões, que constituem a dimensão política da formação de professores/as, estão muitas vezes ausentes dos meios educacionais. Pode-se afirmar que a formação política dos/as professores/as é, com frequência, negligenciada pelos cursos de formação inicial e até mesmo pelos agentes responsáveis pelas iniciativas de formação continuada desses profissionais. Existem poucos espaços, nos currículos da maior parte das escolas de formação de professores/as, destinados ao conhecimento e análise da

²⁴⁶ D'ANTOLA, Arlette (org.). **Disciplina na escola**: autoridade *versus* autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989. p. 34.

realidade, a discussões sobre a politicidade do ato de educar, ou seja, sobre o “porquê”, o “para que”, “a quem” e “contra o que” educar, sobre a luta do magistério por melhores salários e condições de trabalho e sobre tantas outras questões que atravessam o cotidiano de um educador/a. Ao se analisar a maioria dos programas de formação é possível constatar que predomina neles uma abordagem técnico-científica.²⁴⁷

Logo, não se pode esquecer, ainda, que o processo de preparação do professor apresenta uma vasta defasagem, que também vem a refletir no processo ensino-aprendizagem dentro das escolas. São tantas as dificuldades entre aluno e professor que fazem com que o corpo docente não saiba como atuar diante delas, e com isso, a procura da Direção torna-se constante. Dar aula para alunos problemáticos é uma tarefa bastante difícil e delicada. A miséria e a violência que enfrentam diariamente têm deixado profundas lesões; conseqüentemente, vem a má disciplina, ainda mais quando a professora perde o controle diante de sua turma – afora as perturbações psicológicas encontradas, que afetam seriamente no aprendizado.

Apesar de tantas dificuldades encontradas, o corpo docente apresentou-se profissional e unido: as professoras são companheiras de trabalho há muitos anos, nesta mesma escola, sendo que, quando possível, uma auxilia a outra no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, bem como aos problemas de indisciplina. O comportamento ético das mesmas é surpreendente diante de tantos problemas relacionados à estrutura da escola e ao processo educacional. Tentam transmitir todos os valores possíveis e imagináveis para que seus alunos tenham o mínimo de discernimento entre os costumes e hábitos que lhes possam trazer benefícios e os que não possam.

Rios, assim ensina sobre a qualidade na educação da seguinte forma:

É em função de enfrentar uma crise na educação escolar que se vai colocar o foco sobre a qualidade do trabalho educativo e buscar direcionar os esforços dos educadores no sentido de resgatar a significação do trabalho educacional como ação criativa, atingindo de forma mais competente os objetivos propostos. É nesse espaço que ganha corpo uma reflexão sobre ética e qualidade na educação. Pois a ética está presente como uma dimensão da competência profissional, e *competência e qualidade são conceitos estreitamente articulados*. O conceito de competência guarda, em suas dimensões, a noção de qualidade, enquanto propriedade específica das ações.²⁴⁸

Quando se fala de competência profissional e qualidade de educação, está-se referindo em saber realizar, satisfatoriamente, o trabalho acadêmico. Contudo, diante de todas as problemáticas desta instituição, abordadas até o momento, tem-se que estas

²⁴⁷ CANDAU, Vera Maria; SCAVINO, Susana (orgs.), op. cit., p. 118-119.

²⁴⁸ RIOS, Terezinha Azeredo, op. cit., p. 61.

acabam refletindo no processo de aprendizagem dos alunos. Isto somando-se às dificuldades no processo de aprendizagem, que se apresenta desde a educação infantil, pois algumas crianças, quando nascem, vão direto para as creches e lá crescem, muitas vezes, sem qualquer recurso para desenvolverem suas habilidades motoras. Desta maneira, muitas destas crianças, quando chegam à idade de freqüentarem a escola, não desenvolveram ainda a sua motricidade e, por conseguinte, os professores sentem-se obrigados a resgatarem os conteúdos programáticos da educação infantil. Frente a este episódio, quando se inicia a alfabetização, os professores frustram-se quanto ao mau desempenho que seus alunos possuem em assimilar os conteúdos das séries iniciais.

Entretanto, extrai-se o seguinte entendimento de Magnata:

Dentro desse quadro, esse aluno, com dificuldades de aprendizagem, "certamente" permanecerá no mesmo nível de aprendizagem caso não receba, de seu professor, alguma orientação específica às suas necessidades acadêmicas... Por sua vez, esse professor, também não terá condições de orientá-lo se desconhecer os devidos procedimentos a serem adotados, a fim de que essas dificuldades sejam superadas. A falta desse apoio "poderá" levá-lo ao acúmulo de frustrações que conseqüentemente, causará sérios prejuízos à vida acadêmica, social e afetiva de qualquer aluno. Sabemos, por outro lado, que muitas Escolas, ainda, não oferecem condições satisfatórias para o desenvolvimento de um "trabalho específico" que atenda às dificuldades de cada aluno.

Capacitar seu professor, tomando por base os quatro pilares da Educação: Aprender a conhecer... Aprender a fazer... Aprender a conviver... e Aprender a ser... , já é um bom começo para "se chegar" a uma boa Escola. É preciso observar "as necessidades" dessa nova geração! Faz-se necessário na prática desse, também, novo educador a tarefa de ensinar o aluno a pensar.²⁴⁹

Destarte, é preciso que o corpo docente se conscientize a trabalhar com todos os tipos de alunos, e não apenas com aqueles que possuem facilidade em aprender, já que aqueles que apresentam problemas de escrita e leitura, se não trabalhados, poderão notar facilmente que possuem defasagem de aprendizado em relação aos seus colegas da mesma faixa etária ou de sua série, que resultará, além da dificuldade, numa angústia e insatisfação no ato de aprender.

Como fora comentado, o Currículo brasileiro é baseado no enfoque cognitivista, ou o chamado sociointeracionismo, que considera que a aprendizagem se dá juntamente com a relação ao desenvolvimento humano, sendo que os educadores, como ponto de partida, devem trabalhar a realidade de seus alunos, o que difere da prática, porquanto se observa que os professores sentem dificuldade em aplicar esta proposta frente

²⁴⁹ MAGNATA, Fátima. **O direito de aprender**. Disponível em: <<http://www.eduk.com.br/modules.php/direitoaprender.html>>. Acesso em: 30 mar. 2005.

às vastas diversidades culturais existentes na escola, caracterizando mais um entrave ao processo ensino-aprendizagem.

A propósito, tem-se a seguinte manifestação de Oliveira:

A escola é uma instituição social na qual o funcionamento cognitivo dos sujeitos é parte essencial da atividade principal da própria instituição. A escola supõe, promove, desenvolve, avalia, julga, o desempenho intelectual dos alunos. Emergem aí, claramente, diferenças entre indivíduos e entre grupos: além das diferenças individuais, presentes em qualquer situação social, há as diferenças culturais, particularmente relevantes numa sociedade complexa e plural, onde a distância entre as classes sociais é tão marcante e onde há enorme diversidade de grupos ocupacionais, religiões, modos de acesso a produtos culturais, valores e objetivos educacionais das famílias etc., podem produzir diversas formas de relacionamento entre a cultura da escola e a cultura de seus usuários. [...] A falta de compatibilidade entre o que é pretendido pela escola e o que é desejável, ou possível, para seus alunos, acirrada pelo processo de democratização do acesso de diferentes grupos à escola, é fonte indiscutível de fracasso escolar, como já tem sido amplamente discutido nos meios educacionais.²⁵⁰

A Escola Faustina mostra-se preocupada com a questão do fracasso escolar. As crianças que nela estudam, lembre-se, são de baixo nível econômico, e, conseqüentemente, suas famílias sofrem com as dificuldades de se manterem para sobreviver, o que faz com que as crianças sejam desmotivadas em aprender, já que o processo de aprendizagem é desencadeado a partir da motivação e das relações de troca em que estão inseridas no ambiente escolar e familiar, e são responsáveis em gerar interesse em adquirir conhecimento, que são indispensáveis para resultar num bom desenvolvimento de habilidades, competências e aptidões.

As séries analisadas apresentam uma semelhança com a outra instituição analisada, principalmente na 2ª e 4ª séries. Formadas por crianças semi-analfabetas e com grandes dificuldades de leitura e escrita, trocando constantemente as letras do alfabeto quando estão realizando as atividades de Português, assim como as outras disciplinas que requerem leitura de textos, pois que ainda apresentam dificuldades no que tange à correta pronúncia dos sons das letras e à emissão das palavras.

Na 3ª série, a maior parte dos alunos possui grande dificuldade em Matemática, que não sabe sequer efetuar as quatro operações; quando a professora colocava as atividades de Matemática no quadro já se iniciavam os tumultos a fim de não efetuarem as atividades em sala de aula (fato este que deixou claro que os alunos não sabiam resolver os exercícios de Matemática, agindo desta forma como um modo de não

²⁵⁰ OLIVEIRA apud AQUINO, Julio Groppa (coord.). **Erro e fracasso na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 45.

encararem a realidade e fugirem de suas responsabilidades). Pôde-se perceber, claramente, as dificuldades, especialmente nas crianças mais carentes que, muitas vezes, não possuem uma alimentação adequada, ensejando uma dificuldade de concentração, armazenamento e memorização de informações. Ademais, não se esqueça de que o desenvolvimento do educando está relacionado com o elo existente entre professor e aluno, aluno e aluno, família e escola, aluno e família, sendo que esta integração desperta um crescimento para sua formação enquanto indivíduo, fazendo com que se interesse em aprender. Assim, a aprendizagem está intimamente ligada à motivação do aluno, aguçando seus sentimentos e emoções, levando-o a refletir sobre a influência do saber, e, talvez esta motivação possa ser traçada e planejada como um dos objetivos da escola, por sua gestão.

A gestão é responsável em traçar as metas da instituição escolar. Tem-se que, nas unidades escolares públicas, não sendo diferente nesta, que é Municipal, sua democratização vem sendo debatida constantemente. Luta-se por uma gestão democrática para que haja construção e reconstrução das práticas pedagógicas, financeiras e administrativas, visando melhorias nas instituições e no corpo docente.

Para se compreender o papel de um gestor é necessário que saiba a maneira de cada um trabalhar, bem como os seus objetivos dentro da escola, a fim de que se possa conduzir as atividades em conformidade com as metas estabelecidas, tais como: articulação entre as famílias, comunidade e professores com os alunos; cumprimento da legislação que está em vigor, tentando evitar a evasão e o fracasso escolar.

A gestora da escola (Rosângela) mostrou-se uma profissional adequada ao perfil estabelecido pela LDB. É uma Diretora que procura ser democrática e bastante dedicada com a sua comunidade. Procura contornar os conflitos da forma mais democrática possível, através de diálogos, e tenta buscar soluções para tais, que nem sempre são possíveis de serem encontradas devido ao esquecimento que a escola enfrenta por parte de nossos governantes.

No início da pesquisa, Rosângela comentava aos professores sobre a necessidade de ter um projeto político-pedagógico, eis que, trabalhando através deste, poderiam se organizar para enfrentarem, de uma forma coletiva, todas as dificuldades que a escola apresentava. Os professores responderam que isto não seria possível, uma vez que não tinham conhecimento de como elaborar um projeto. Uma das professoras chegou a dizer que isso era de responsabilidade da Secretaria de Educação (elaborar um curso preparatório a fim de ensinar a elaborar o projeto). A Diretora, frente tal afirmação,

resolveu dirigir-se à Secretaria a fim de solicitar auxílio quanto à elaboração do mesmo; entretanto, não obteve êxito.

Rezende mostra a importância da elaboração do projeto político-pedagógico:

A proposta de elaboração do projeto político-pedagógico traduz, assim, a busca de alternativas que tem como foco a revisão de práticas estandarizadas usuais na organização do trabalho educativo, permitindo a estruturação de um espaço no qual o professor atue efetivamente como um profissional com condições de domínio e direcionamento do processo em que está inserido.²⁵¹

Desta forma, já que o projeto pedagógico é o eixo articulador das práticas pedagógicas, a Escola Faustina torna-se uma instituição carecedora no que diz respeito a uma metodologia de ensino que venha a produzir, por conseguinte, um melhor desempenho do corpo docente e aprendizagem dos alunos. Se a escola possuísse um projeto, os professores estariam mais seguros quanto ao atendimento de seus alunos, não havendo tanta necessidade da intervenção da Direção nas salas de aulas. Lembre-se que nem sempre a Diretora possui preparação para enfrentar problemas maiores e, conseqüentemente, não se sabe conduzi-los adequadamente, a fim de solucioná-los da melhor maneira possível.

7.3.2.4. A observação do Conselho da Escola Básica Faustina da Luz Patrício

No Conselho de Classe os professores e a Diretora conversaram sobre cada aluno e expuseram suas dificuldades em relação ao processo ensino-aprendizagem, ao comportamento e à higiene.

Rosângela, a Diretora, começou a falar sobre a escola. Primeiro mostrou-se orgulhosa de sua equipe, com alguns elogios para os professores, pois estavam se empenhando em melhorar a prática de ensino. Sabia das dificuldades que todos estavam enfrentando na sala de aula, pediu que tivessem um pouco mais de paciência e que dessem atenção para as crianças com dificuldades de aprendizagem.

Em seguida os professores passaram a expor as dificuldades de suas classes, começando pela 1ª série.

Kátia começou a numerar os alunos e falou sobre sua turma, apresentando uma série de opiniões que se apresenta a seguir:

²⁵¹ VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 78-79

“Minha turma, este ano, tem o nível de aprendizagem satisfatório. Tenho seis alunos que não estão em condições de freqüentar a 1ª série, pois seus níveis de maturidade estão bem aquém do ideal para acompanhar os conteúdos de uma 1ª série. São crianças que não conseguem compreender os exercícios e não têm capacidade de se concentrar em uma atividade para resolvê-las. Precisam ser trabalhadas noções de espaço, lateralidade, etc”.

A professora relatou ainda que:

- toda criança, antes de vir para a 1ª série, deveria freqüentar a pré-escola, e o professor da pré-escola, independente dela ter 7 anos ou não, deveria avaliar se a mesma tem condições de freqüentar a 1ª série, e, se na comunidade onde a criança mora há pré-escola, a escola não deveria matricular o aluno sem a avaliação anterior;

- quando se sai do 2º grau, ou até mesmo da universidade, pensa-se ser muito simples ensinar, mas na prática os livros didáticos estão muito longe de ensinar como resolver determinados problemas que acontecem nas salas de aula;

- os professores aprendem métodos e técnicas diversas, mas, em certas ocasiões, a realidade não os permite utilizá-los, talvez pelo fato de que dentro da sala de aula se relacionam com crianças que possuem interesses, crenças, nível social e comportamentos diferentes e difíceis de lidar, e, é aí que a realidade se afasta muito da prática, pois não se aprende nos livros a lidar com cada situação, tendo, os professores, que encontrar caminhos para tentar solucionar os problemas que aparecem;

- apesar de saber que nos dias de hoje um dos maiores problemas que enfrenta é o comportamento inadequado (que na sua opinião é causada pelo desajuste social - pais separados, situação financeira ruim, falta de emprego, etc), a situação que lhe deixa mais aflita é a falta de preparo em trabalhar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, questionando:

“Por quê não aprendem? Por que algumas crianças ficam um, dois, três anos na 1ª série, ou na escola, e não conseguem aprender? Por que não conseguimos, por mais que tentemos, alfabetizar algumas crianças, sendo que na sala em que ela está, outras conseguem se desenvolver, acompanhar os objetivos traçados para o ano letivo? Acho que a escola deveria estar capacitada para avaliar e dar condições de atendimento aos alunos que aprendem mais lentamente que os outros; trabalhar a partir de suas limitações, dando-lhes oportunidade de se desenvolver e não desistirem da escola. Às vezes me questiono muito se o que estou fazendo é o melhor. Sinto ainda que o professor deveria estar em constante aperfeiçoamento; deveria ter um salário digno para poder se dedicar mais tempo à leitura e cursos. Vejo ainda que na educação as coisas caminham a passos muito lentos.

Estamos ainda na era do quadro de giz e mimeógrafo. Será que estamos preparando nossos alunos para o futuro? A informática está aí e a cada dia são descobertas coisas novas”.

Já a turma da 2ª série apresenta os seguintes problemas, segundo relato de sua professora, que analisou cada aluno, como segue:

Aluno nº 1 - Falta de estudo, tarefas incompletas (falou sobre a necessidade de o conscientizar da importância de fazer as tarefas).

Aluno nº 2 – Relatou ser um aluno bastante nervoso quando está diante de um tema novo, haja vista o seu medo de errar.

Aluno nº 3 – É um aluno desestruturado mentalmente.

Aluno nº 4 - Mostra um interesse muito grande pelas aulas e as acompanha satisfatoriamente.

Aluno nº 5 - É interessado e zeloso com o material e sente-se amargurado quando há tumulto em sala de aula.

Aluno nº 6 – Mostra ser um aluno inteligente, porém não acompanha o ritmo.

Aluno nº 7 – Este aluno possui um comportamento distinto. É muito disperso. Segundo a sua mãe, quando ele nasceu teve uma lesão no cérebro e talvez por tal motivo seu comportamento seja assim.

Aluno nº 8 - É um aluno esperto e interessado. Sempre que está passando um tema novo já o conhece.

Aluno nº 9 – Possui dificuldade com a escrita, não conhecendo bem as letras e trocando bastante as palavras.

Aluno nº 10 - É repetente e não possui interesse algum pela matemática. Além disso, conversa durante as aulas.

Aluno nº 11 - Acompanha bem os conteúdos.

Aluno nº 12 – Trata-se de uma aluna teimosa e que possui dificuldades para falar e escrever. É uma menina perturbada emocionalmente.

Aluno nº 13 - Apresenta dificuldade para aprender. Além disso, brinca o tempo inteiro.

Aluno nº 14 – É uma aluna caprichosa e interessada.

Aluno nº 15 – A coordenação deste aluno é ruim, além de faltar muito à aula.

Chegando à 3ª série, a professora Cristiane relatou o seguinte: “Minha turma é regular e tem grandes problemas com a disciplina. Não está acostumada dentro de uma sala de aula, a ficar muito tempo sentada e a prestar atenção no que eu falo. Os alunos andam o tempo inteiro e a conversa “rola solta” quase todo o tempo. Estão com

dificuldades na escrita, não gostam de Português, mas adoram Matemática. O relacionamento dos alunos também é regular. São crianças que precisam muito de afeto, atenção e carinho, como tanto mencionados anteriormente. O problema da higiene é a causa de muitas discussões em sala. Alguns alunos reclamam do cheiro de sujeira e não querem ficar na aula. Este tema é colocado e falado quase todos os dias para conscientizá-los da importância de cuidar do seu corpo. Algumas das crianças são psicologicamente perturbadas, sendo que suas condutas vêm de relacionamentos que também se tornaram perturbados. O clima geralmente é de muita tensão, brigas e discussões - pais alcoólatras, mães que não dão a mínima assistência, isto gera um comportamento de raiva e ódio, assim traduzido, assimilado e transmitido por seus filhos”.

7.3.2.5. A análise do Conselho de classe da Escola Básica Faustina da Luz Patrício

Retomando, tem-se conhecimento de que o Conselho de Classe é o modo pelo qual os gestores se reúnem, visando uma melhoria na qualidade e atualização dentro do processo ensino-aprendizagem. É através deste que se tem o acompanhamento do processo de ensino dentro da escola, para que, posteriormente, possa-se obter um diagnóstico que revele o desempenho e comportamento predominante no corpo discente.

A escola é uma organização humana cuja participação da gestão é determinante no êxito das tomadas de decisões quando se está referindo ao Conselho de Classe, que é realizado na instituição a cada dois ou três meses. Muito embora o Conselho de Classe deva contar com a presença mínima de dois representantes por turma, como já fora dito, os alunos dessa instituição não demonstram interesse em fazê-lo.

No dia 2/5 a Diretora Rosângela suspendeu as aulas a fim de reunir sua equipe e discutir sobre as dificuldades que a instituição estava enfrentando, principalmente no que diz respeito às avaliações realizadas pelos professores, à aprendizagem, ao comportamento e à higiene.

A Diretora Rosângela está nesta função há mais de oito anos. É uma profissional bastante preocupada com a instituição, e, apesar de ter consciência das dificuldades, possui um bom relacionamento com os professores e não deixa de oferecer estímulos. Sente-se orgulhosa de sua equipe, já que sabe do empenho de seu corpo docente nas salas de aula.

Antes de adentrar ao Conselho, Rosângela orientou os docentes no sentido de que os mesmos tivessem mais paciência e atenção com os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem. A educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha. A colaboração e a participação coletiva é de suma importância para que todos caminhem para um processo educacional que satisfaça os atores e sujeitos deste processo.

Rosângela determinou que o Conselho seguisse uma ordem cronológica, em que cada professor relatasse a respeito de sua turma.

A avaliação realizada nas 1^{as} séries mostrou que o nível de aprendizagem estava muito aquém do ideal. As professoras reconhecem que os alunos que freqüentam as suas séries vêm, em sua maior parte, de uma realidade social desfavorecida, e enfrentam dificuldades familiares de diversas ordens, e, esta caótica realidade em que essas crianças estão inseridas, acabam repercutindo no processo de aprendizagem das mesmas – afora o desinteresse. Pode-se constatar a falta de interesse dos alunos quando a professora relata sobre a ocorrência da falta de estudos e realização de tarefas incompletas (quando as fazem), por exemplo. Já sobre os problemas de aprendizagem, pode-se mencionar como exemplo ocorrido nestas séries a existência da dificuldade de escrita. São raros os alunos que apresentaram motivação, interesse, disciplina em sala de aula e a conseqüente facilidade na aprendizagem.

Após o relato das professoras das 1^{as} séries sobre suas turmas, a Diretora manifestou-se dizendo estar ciente dos problemas de aprendizagem e incentivou os professores para que não desistissem de acompanhar o desempenho de seus alunos. Disse, ainda, ter conhecimento de que a recuperação de todos seria dificultosa, mas que, apesar disso, não deixassem de prepará-los para o processo de aprendizagem, principalmente aqueles que apresentassem interesse em aprender, a fim de evitar a evasão e a repetência dentro da escola.

Passando à 2^a série, a Diretora questionou a professora como estava sua turma. Por alguns minutos, permaneceu calada. Um dos únicos pontos que avaliou foi a questão do comportamento das crianças, sendo que as mesmas eram agitadas e violentas, e que ela não estava sabendo como controlar a situação para administrar suas aulas. Relatou que seus alunos eram repetentes e possuíam muita dificuldade em leitura, escrita e Matemática, o que fez sentir-se impotente, uma vez que tinha consciência de que não estava conseguindo atingir seus objetivos de fazer com que eles se sentissem interessados e estimulados a aprender a aprender. Neste momento as professoras

falavam ao mesmo tempo questionando que quando estudavam aprendiam diversas técnicas, liam sobre alguns autores, como Freinet, Piaget, Montessori, por exemplo, e, quando foram tentar aplicar tais técnicas afirmaram que a diversidade cultural, social e econômica dos alunos torna dificultosa a aplicação das mesmas e, com isso, perdem a confiança em si mesmas. Novamente a Diretora interferiu no sentido de que não desanimassem, pois os desafios existem e deveriam ser enfrentados.

Antes de adentrarem à 3ª série realizaram um intervalo. Após o intervalo, Cristiane relatou que sua turma era regular e que a maioria dos alunos apresentava dificuldade no Português (trocava as letras) mas adorava Matemática, e que, pelos alunos, eles permaneceriam apenas nesta matéria. Cristiane solicitou à Diretora Rosângela auxílio com a questão da falta de higiene, já que alguns alunos não conseguiam permanecer em sala de aula, frente ao forte odor que os colegas exalavam, o que gerou indisciplina, pois não estava conseguindo que os alunos os aceitassem: desejavam que ela os retirasse de sala de aula. Mediante a solicitação, Rosângela comentou com as professoras que iria, durante uma manhã, trabalhar com todas as turmas sobre a questão da higiene, bem como que iria realizar uma vistoria nas crianças haja vista o surto de piolho existente na comunidade.

Quanto à 4ª série, a professora Albertina comentou que a avaliação referente aos seus alunos atingia nível também regular. Sua turma era composta pelos alunos de faixa etária mais avançada, sendo muitos repetentes e antigos desistentes. Albertina sentia um grande carinho por sua turma. Sua avaliação também foi relacionada quanto ao Português e à Matemática. Na penúltima prova realizada pelos alunos o resultado foi insatisfatório, sendo que o conteúdo foi trabalhado durante uma semana, e que quando ela realizava as atividades se saíam bem. No momento em que falou que iria aplicar a prova a turma se resignou. Iniciaram uma desordem, e, com isso, a professora teve que parar as atividades e iniciar um diálogo para que os alunos procurassem entender a importância de realizar uma avaliação individual, haja vista que desta maneira eles próprios poderiam verificar o que estavam assimilando durante as aulas.

A diretora Rosângela, como gestora, soube compreender o trabalho do seu corpo docente e solicitou a todos, mais uma vez, que tivessem paciência em trabalhar com as crianças que freqüentavam a instituição, pois juntos poderiam alcançar bons resultados, tanto para os alunos, como para a comunidade. Disse, ainda, que o ato de avaliar se refere à avaliação da aprendizagem e do desempenho profissional, e que todos tinham conhecimento dos obstáculos que a escola estava enfrentando e que ela,

enquanto Diretora, estava buscando auxílio administrativo para que houvesse uma melhoria na qualidade de ensino.

Para dar encerramento ao Conselho, relatou que a escola é um lugar de vivências e prazeres, de cultura e ações que norteiam o processo ensino-aprendizagem e que, enquanto profissionais da educação não poderiam desanimar, uma vez que a responsabilidade era comum entre governantes, pais e professores.

Rosângela mostrou-se uma Diretora democrática e afetuosa com seu corpo docente, delegando autonomias na unidade escolar, buscando auxílio administrativo e financeiro para que a construção e reconstrução das práticas pedagógicas fossem realizadas para qualificar melhor os alunos que apresentam uma grande carência de relacionamentos e aprendizagem.

7.3.2.6. A entrevista-conversa com a Diretora da Escola Básica Faustina da Luz Patrício

No final do Conselho de Classe houve uma conversa sobre o desenvolvimento e comportamento dos alunos.

Dentro da realidade brasileira, os alunos vêm para a escola completamente desmotivados, sem nenhuma perspectiva. Alguns vêm sem noção de valores, acentuando ainda mais o problema da disciplina, tendo em vista a comunidade à qual estão inseridos.

Devido à falta de perspectivas, acontece, às vezes, a corrosão. Há, também, o descompromisso de alguns pais, achando que a escola deve arcar com todas as responsabilidades. Com isto, os educadores ficam perplexos e atordoados, mas constantemente buscam formas para ajudar, no que se refere aos problemas que alguns dos alunos passam: tarefas, estudo de conteúdos, respeito, higiene, organização, disciplina. Diante de tudo isso, a Diretora demonstra uma grande preocupação com a instituição, diz que não sabe mais o que fazer para melhorar e estimular os alunos para aprender.

Devido ao descompromisso dos pais, todas as atitudes das crianças estão relacionadas com os mesmos (pais). Suas condições de vida são precárias. A violência, os maus tratos dos pais, devido ao alcoolismo, mães que se prostituem para levar um pouco de comida para casa; as próprias professoras não sabem como sobrevivem.

Algumas crianças, para não dizer todas, vão à escola somente com a intenção de ganhar a merenda.

7.4. ANÁLISE DOS DADOS. OBTENÇÃO DOS RESULTADOS

O desenvolvimento de um País, Estado ou Município depende do planejamento governamental e de seu bom cumprimento. Embora a população tenha direito à saúde, moradia e educação, por exemplo, a realidade diverge, porquanto se vive num país em que o índice da miserabilidade é considerável em vista de outros países desenvolvidos. Não obstante, o Governo, com sua retórica saliente à importância de se viver democraticamente, de forma igualitária e justa no meio social, parece não se importar em pôr em prática suas metas de trabalho em prol da sociedade.

E a educação está inserida nos objetivos sociais. Mas o fato é que a classe dominante é quem define tais objetivos, visando tão-somente os seus interesses pessoais, olvidando das necessidades e interesses da camada popular. Entretanto, não se pode perder de vista que a educação de um povo é a condição mais importante e indispensável para que se possa sonhar com uma nação desenvolvida, assim como com a possibilidade de ser justa, igualitária, democrática e aberta às transformações da sociedade, aniquilando o alto índice de analfabetismo e ignorância.

Segundo Eizirik:

A mudança no sistema social não se dá sem uma flexibilização do sistema de idéias, que combate aquelas que se tornaram inflexíveis, movidas pela repetição, pela generalização, que se tornaram hábitos de pensar e de conceber o mundo, reiterados pela frequência do uso, pela familiaridade, consolidados pela aceitação social, sem a necessária inspeção crítica.²⁵²

O processo educacional, lembrando, é um processo dinâmico e complexo, que envolve a relação do indivíduo com o meio social no qual está inserido, assim como a relação com sua família, haja vista que os valores, princípios e costumes vivenciados servirão como base por toda sua vida. E assim é também a escola: fundamental ao processo educacional do indivíduo, sendo que é dentro dela que irá ocorrer o processo de socialização e obtenção de conhecimentos, já que o homem é um ser pensante que

²⁵² RANGEL, Mary; TEVES, Nilda (orgs.). **Representação social e educação**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 125.

age e sente e pode ser, desta forma, flexível em relação a novas idéias, e é através destes sentimentos é que se faz despertar o interesse em aprender a aprender para poder viver dignamente em sociedade.

Extrai-se do mesmo autor anteriormente mencionado:

Se pudéssemos fazer com que todos pudessem usar mais sua liberdade e sua flexibilidade, permitindo um maior conhecimento e uma maior utilização delas, talvez tivéssemos experiências excepcionais, porque compreenderíamos, então, outras linguagens, outras vozes, diferentes das nossas, mas que poderiam se integrar às nossas experiências e não se perderiam, como lágrimas na chuva.²⁵³

Pode-se perceber, então, o quão importante é se estar aberto às mudanças. Quanto mais os cidadãos tiverem preparados e refletirem sobre a importância da educação/instrução (ensino), maiores possibilidades terão em acompanhar o processo educacional, já que o conhecimento se dá através de meio sistemático e intencional. Contudo, não se deve descartar que a educação, em todos os seus níveis, pode oferecer a obtenção de conhecimentos que não serão proveitosos e positivos ao indivíduo – caberá ao mesmo, orientado pelos profissionais da educação, optar em segui-los ou não.

Teles ensina o seguinte sobre a educação na escola:

Deveria ser obra da Educação desenvolver uma consciência crítica, isto é, aquela que examina os fatos com profundidade, que aceita as mudanças da realidade, que busca os princípios causais autênticos, que testa, revisa, é livre de preconceito, repele posições acomodadas, aceita responsabilidade, é indagadora, investiga, força, choca, ama e nutre-se do diálogo e aceita o novo, assim como o velho, na medida em que são válidos. A verdade, porém, é que não importa aos donos do Poder que os homens tenham esse tipo de consciência: é preferível mantê-los ao nível de consciência ingênua, facilmente manipulável. Acontece, também, que a maioria dos responsáveis pela Educação é de perfeitos filhos do Sistema, que jamais pararam para pensar a que “senhor” ESTÃO SERVINDO.²⁵⁴

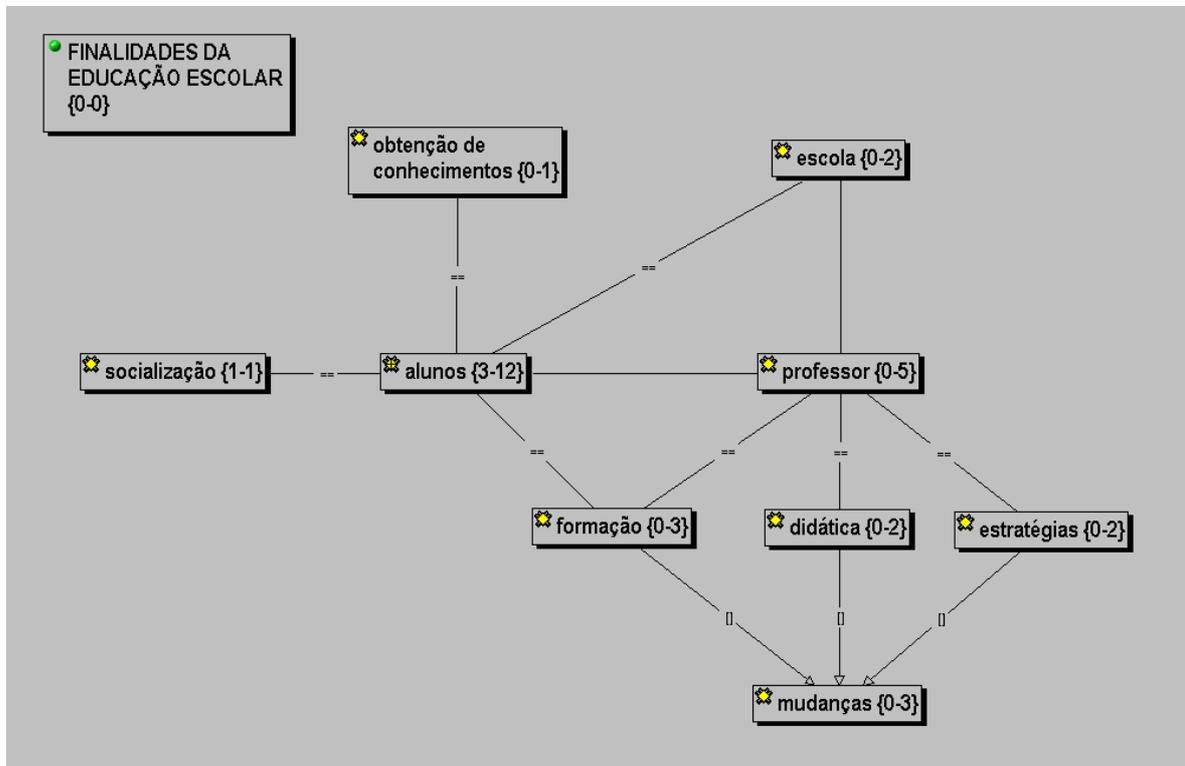
Teles corrobora o fato de que, mais uma vez, é a classe dominante quem comanda a sociedade e, sendo desta forma, comanda também os currículos escolares, uma vez que os elabora em conformidade com suas realidades, visando seus interesses e aniquilando os da camada popular.

7.4.1. Finalidade da educação escolar

²⁵³ RANGEL, Mary; TEVES, Nilda (orgs.), op. cit., p. 126.

²⁵⁴ TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação: a revolução necessária**. Petrópolis: Vozes, 1992. p.17-18.

Realizando um estudo qualitativo através do Programa Informático ATLAS-Ti, observe-se o seguinte organograma referente à finalidade das instituições escolares:



A escola é uma instituição onde o ambiente deve ser de questionamentos e reflexões sobre as necessidades de mudanças e de novas formações no âmbito educativo. Observe-se os dizeres de Hora acerca de sua organização:

A organização escolar estruturada pela sociedade capitalista procura, em última instância, a manutenção das relações sociais de produção, refletindo as divisões sociais existentes, com tendência a perpetuá-las e acentuá-las, enfatizando, assim, a manutenção do poder da classe dominante. Sob a influência da ideologia burguesa, realiza escolhas, estabelece critérios que desfavorecem aos já desfavorecidos, excluindo de seus limites a bagagem experiencial da criança, especialmente a criança do povo, utilizando-se do autoritarismo e das práticas centralizadoras.²⁵⁵

Repisa-se, diante disso, que a escola, em sua totalidade, é estruturada pela classe dominante, haja vista que o próprio currículo escolar é elaborado por ela, visando tão-somente seus interesses, olvidando da realidade da população brasileira, que é

²⁵⁵ HORA, Dinair Leal. **Gestão democrática na escola**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1994. p. 33.

formada também pela classe média/baixa. Assim sendo, as escolas públicas deveriam estar estruturadas e organizadas de acordo com a demanda nela inserida, ou seja, em conformidade à camada popular.

As escolas estudadas neste trabalho são espaços públicos que podem ser direcionadas a mudanças, à organização e à tomada de decisões para a reelaboração dos trabalhos pedagógicos, e estas mudanças devem ter partida dos governantes, privilegiando a formação dos professores para que suas estratégias sejam bem definidas e seus objetivos atendam à realidade da cidadania, principalmente quando se está trabalhando com crianças de 1^a a 4^a série.

A escola que muda, e que tem condições de mudar, deve estabelecer pressupostos de uma teoria pedagógica crítica, partindo da prática social, cultural e que esteja comprometida em resolver os problemas da educação e do ensino na escola. Para que se possa transformá-las, deve-se desatrelar do senso de poder, do conservadorismo e da exclusão que ainda insistem em impregnar os educadores. Ainda é possível encontrar educadores que continuam utilizando o arcaico método “prêmio” (recompensa e castigo) como meio de obediência, como se pode observar principalmente nas 1^{as} séries do ensino fundamental, em que a professora exige silêncio a maior parte do tempo, não dando chances a essas crianças de participarem ativamente das aulas.

Consoante Giglio:

O cotidiano de nossas escolas tem produzido uma quase impossibilidade de reflexão sobre os problemas e impedido o desenvolvimento de uma visão e de uma prática estratégica tanto por parte dos professores quanto de seus gestores. Esse cotidiano, povoado de desafios, não é entendido como espaço privilegiado de aprendizagem e de formação permanente dos educadores.²⁵⁶

Este é um problema que fatalmente ocorre. Enquanto os educadores, na preocupação de cumprirem os conteúdos, tiverem a pretensão de manter os alunos sob controle, não estarão rompendo com as velhas barreiras educacionais, por uma questão de comodismo, como se evidencia.

Teoricamente a escola possui, como escopo, trabalhar a igualdade entre os discentes no que se refere aos direitos e deveres, proporcionando o desenvolvimento de capacidades e interesses em aprender a aprender, pois o processo da ação educativa está comprometido com a formação da cidadania, valorizando uma sociedade democrática e

²⁵⁶ AQUINO, Julio Groppa (coord.). **Autoridade e autonomia na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999. p. 183.

não excludente. Assim, deve-se propiciar meios de aprendizagens diversificadas, nos quais os alunos se interessem de uma maneira que os façam sentir valorizados e apreciados.

A instituição escolar deve visar a socialização e a comunicação para a informação. Tais objetivos devem facilitar o aluno no processo educacional. Sabe-se que existem várias tendências pedagógicas, mas no atual momento o que perdura é uma mescla destas tendências. Se realmente optar-se por um modelo e este modelo estiver coerente com a realidade dos alunos e, ainda, acessível para as aplicações dos professores, a instituição funcionará num ambiente de prazer e harmonia, facilitando, ademais, o processo ensino-aprendizagem.

Segundo Hora:

A escola, como uma instituição que deve procurar a socialização do saber, da ciência, da técnica e das artes produzidas socialmente, deve estar comprometida politicamente e ser capaz de interpretar as carências reveladas pela sociedade, direcionando essas necessidades em função de princípios educativos capazes de responder às demandas sociais.²⁵⁷

Dentro das escolas pesquisadas, existem professores com alguma noção sobre a importância quando o assunto se refere às suas formações acadêmicas. Sabem da importância da boa formação do docente quando se está referindo à solução da questão da repetência e da evasão escolar, e, apesar de possuírem tal noção, podem facilmente constatar em seus alunos que estes problemas também são em decorrência do baixo nível cultural, social e econômico vivenciados pelos mesmos. E é através da Didática que se apresentam processos e procedimentos metodológicos para se trabalhar em sala de aula, uma vez que esta matéria generaliza a reelaboração das práticas pedagógicas, articulando o processo de ensino, partindo das questões sociais, filosóficas, políticas, técnicas e pedagógicas inseridas no ambiente escolar.

Sobre a Didática, reitera-se com os dizeres de Feldman:

Em geral, opta-se por alguma posição entre os pólos. Para o primeiro, a didática aceita plena responsabilidade sobre as práticas, porque é uma disciplina essencialmente normativa, propõe-se a elaborar princípios, métodos, estratégias ou regras para a ação. Nesse caso, seu principal problema é resolver como divulgar seus produtos e fazer com que sejam bem-sucedidos. No outro pólo, estão as posições que sustentam uma relação negociada com a prática, porque seu propósito central é obter compreensão e boas descrições daquilo que definem como seu objeto. À medida que

²⁵⁷ HORA, Dinair Leal, op. cit., p. 34.

conseguirem definições profundas, aumentará a compreensão das práticas e poderá contribuir para melhorar a eficácia das ações. Assim, os produtos teóricos irão relacionar-se com a prática. Nesse caso, a relação entre teoria – essa teoria – e prática dependerá do uso que os praticantes possam fazer, como instrumento reflexivo, de um conhecimento que, em princípio, guarda uma relação indireta com a ação.²⁵⁸

Toda ação requer um desenvolvimento no sentido de se realizar a comunicação do conhecimento no que tange à forma de ensinar, mas na atual conjuntura, didaticamente deve haver uma preocupação de como comunicar os conteúdos aos futuros professores, para que os mesmos tenham o domínio de informação e aplicação para com seus alunos.

É relevante mencionar que a aplicação da Didática deverá ser em conformidade com a realidade dos alunos da escola, ou seja, nas atuais, formadas por alunos problemáticos e demasiadamente carentes, sendo que os professores, didática e estrategicamente, devem fazer com que seus alunos dominem a Expressão Oral e Escrita, a Matemática, dentre outras disciplinas. Como visto, a estratégia é um procedimento didático que trata de ações e objetivos que devem ser bem definidos para que ocorra o ensino, que, por sua vez, seja um trabalho de mudança nas escolas.

Ao se pensar em adotar mudanças ou novas estratégias em uma escola, deve-se, antes de qualquer coisa, considerá-la dentro de uma concepção de ciência num contexto histórico, social e político. Ainda que a escola tenha passado por grandes transformações, ela não conseguiu atingir o que se pode chamar de ideal no que se refere a estratégias educacionais. Tais transformações podem ser bem exemplificadas nos dizeres de Eizirik:

Sabemos que a escola não foi sempre a mesma. Encontramos, desde a tradição greco-romana, o significado da escola como um “lugar de estudos”. Acompanhando as mudanças acentuadas ao longo dos séculos, observamos que a escola se modifica: no século XVIII, encontra-se sedimentada na idéia de uma lógica universal, absoluta, onde tudo obedecia a uma razão cega determinada; no século XIX, dirige-se à energia, como conceito de base, apoiada na possibilidade de sua conservação e degradação, em todas as estruturas. O século XX, sacudido pelos avanços da física, da biologia, da matemática, provoca turbulências na certeza, na ordem, na determinação, que atingem, certamente, a concepção de escola.²⁵⁹

²⁵⁸ FELDMAN, Daniel. **Ajudar a ensinar: relações entre didática e ensino**. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 22.

²⁵⁹ RANGEL, Mary; TEVES, Nilda (orgs.), op. cit., p. 116.

Pelo que se tem observado, essas mudanças precisam ser realizadas urgentemente, pois as diferentes sociedades já não aceitam mais o modelo tradicional de ensino em algumas escolas. Numa época em que se observa grandes novidades em tudo o que se apresenta (mudanças tecnológicas, por exemplo), a educação não pode estacionar e se deixar “atropelar” por esse turbilhão de novidades que surgem. É o momento de se repensar a educação. Por que mudar? Quando mudar? O que mudar?

Alguns educadores defendem a idéia de uma escola que ultrapasse os limites da sala de aula, ou seja, uma escola de mudanças. Para que isso se efetive, é necessária a participação de todos os envolvidos com o ato educativo, apostando em novas idéias e técnicas de aprendizagem. Pretende-se fazer com que o currículo escolar integre-se aos canais de comunicação, ampliando, assim, as dimensões da tarefa ensino-aprendizagem.

Há que se pretender, outrossim, uma maior integração entre aluno e professor, que permita uma melhor observação por parte deste último em relação a seus alunos, para que, de posse dos resultados, possa traçar suas estratégias.

Obviamente que, sem um método a ser seguido e uma avaliação do trabalho que está sendo desenvolvido, resta dificultoso se conseguir obter sucesso, como esclarece Vallejo:

Não podemos evitar que a maneira como se enfrenta a prática educativa com um adequado tratamento metodológico e de avaliação seja a chave para a execução prática das manifestações docentes compreensivas, colaboradoras, integradoras etc., com as quais verdadeiramente se pode dar sentido à escola aberta.²⁶⁰

Deve ser focado o que se pretende ensinar e onde se quer chegar. Para isso, deve-se pensar na melhor metodologia utilizada, ou seja, quais estratégias deverão ser utilizadas para melhor atingir os alunos. É o que revela o mesmo autor:

Diante da possibilidade de ordenar as atividades, seqüenciá-las, quer dizer, aplicar uma análise às normas de maneira que se ajustem melhor às necessidades do professor, é o que enseja a pergunta genérica: que coisas eu poderia fazer sobre esse tema ou esse objetivo ou conteúdo com os alunos? Ou, também, que conteúdo poderíamos extrair dos conhecimentos que os alunos possuem no momento atual, das informações que possuem, do estado atual de suas idéias ou concepções iniciais ou, também, finais? Isto é, como poderíamos trabalhar com as idéias dos alunos, qualquer uma, as de todos, as deles e não aquelas que o professor quer ou interpreta que são?²⁶¹

²⁶⁰ VALLEJO, José M. Batista, op. cit., p. 35.

²⁶¹ Ibidem, p. 36.

Deve ser lembrado que o enfoque principal das estratégias de ensino é o aluno, ou melhor, sua aprendizagem. Tudo o que se for pensado em termos de estratégias de ensino-aprendizagem é visando a motivação do aluno para que ele obtenha sucesso em seu aprendizado.

Segundo Vallejo²⁶², as estratégias do processo de aprendizagem podem classificar-se em três grandes grupos:

- Revisão: baseia-se em uma aprendizagem associativa na qual se seleciona e classifica os materiais que serão revisados.

- Elaboração: nesta técnica estão inseridos os métodos mnemônicos de aprendizagem (consistem na realização de uma associação de imagens ao material a ser analisado).

- Organização: trata-se de se procurar uma organização do material de aprendizagem para que tenham significado próprio.

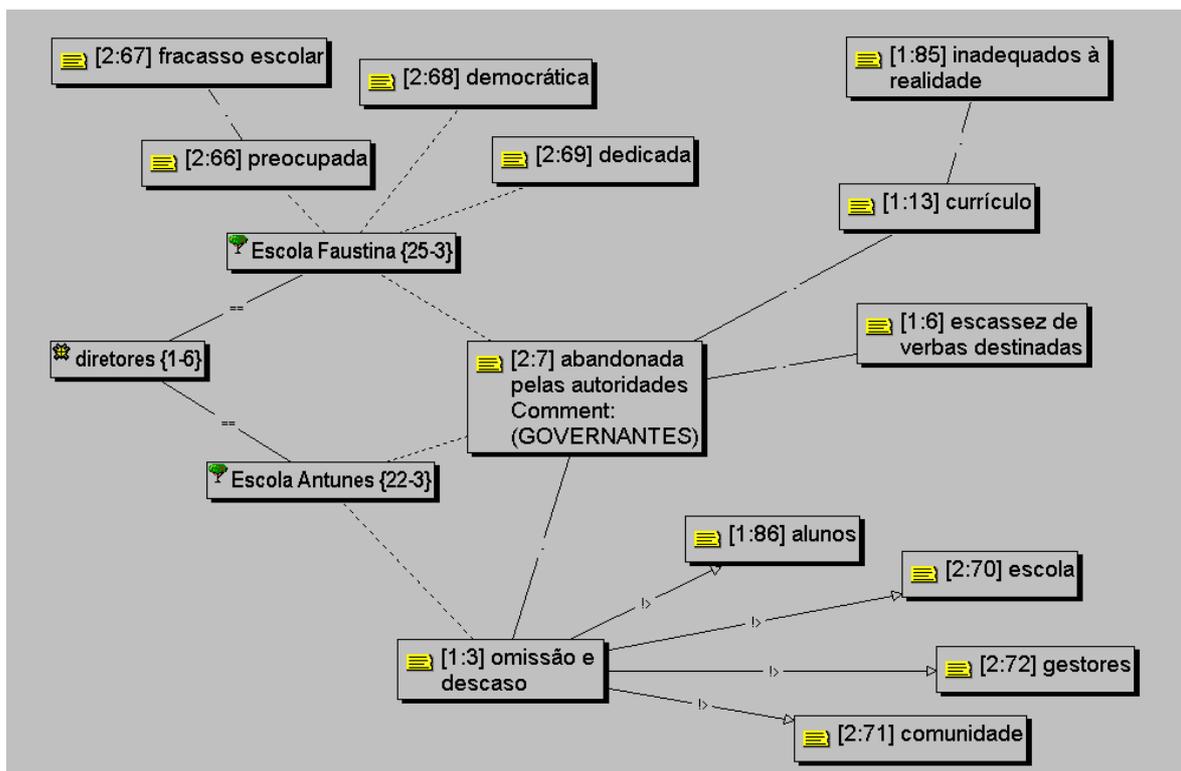
Entretanto, vale relembrar: as escolas, juntamente com os gestores, são responsáveis pela criação de novas alternativas, para que os alunos se sintam interessados no ato de aprender. É através das estratégias que se aplicam os meios, modos, formas e jeitos de se expressar o pensamento, respeitando as condições favoráveis para utilizá-las, devendo considerar o modo de agir, ser, estar, e a dinâmica pessoal de cada aluno. Desta forma, o organismo em atividade é requisito indispensável para a elaboração da estratégia pelo docente.

Deve-se considerar, outrossim, a complexidade dos entraves que as instituições abordadas enfrentam. Faz-se necessário o desmembramento da problemática das mesmas, pois as estratégias acabam envolvendo todo o contexto em que a escola está inserida, uma vez que um fato está ligado a outro.

7.4.2. Entraves: direção e governo

A seguir, podem ser observados os entraves enfrentados pelas Escolas Antunes e Faustina em relação aos seus diretores e ao Governo:

²⁶² VALLEJO, José M. Batista, op. cit., p. 43.



Os estudos realizados na Escola Municipal Manoel José Antunes e na Escola Faustina da Luz Patrício, comprovam bem a triste realidade do esquecimento dos governantes em relação às camadas populares, esquecimento esse que vem a prejudicar o processo ensino-aprendizagem dentro das mesmas.

Diante do exposto, serão apresentadas estratégias que podem ser trabalhadas nestas instituições, considerando suas necessidades e entraves (que estão enraizados no sistema governamental) e que vem, por conseguinte, atingir a escola, a direção, os professores, os alunos e o processo ensino-aprendizagem, como já fora visto. Isto porque caminham juntos, e apesar das escolas analisadas não possuírem projeto político-pedagógico, possuem planejamento de curso; no desenvolvimento desse planejamento fala-se dos objetivos da seleção dos conteúdos das didáticas e da avaliação. Com isso, os professores podem selecionar, com maior eficiência, estratégias para trabalhar os conteúdos que são selecionados a alunos de 1^a a 4^a série.

O Secretário Executivo da Educação do atual Governo destinou, no corrente ano, verba no valor de quatro bilhões de reais aduzindo ser para fundos educacionais com o propósito de repasse para algumas regiões brasileiras, a fim de se obter uma

melhoria nas escolas.²⁶³ Porém, o fato é que não se vê onde estão sendo aplicadas tais verbas, porquanto as escolas, como se pode notar através da pesquisa realizada, continuam em situação precária, tanto pedagogicamente quanto estruturalmente – afora o parco salário de seus gestores. As instituições escolares, segundo os próprios gestores, solicitam auxílio à Secretaria da Educação: contudo, as tentativas são infrutíferas, o que faz com que ocorra, ainda, atraso de atividades escolares e extra-escolares frente ao descaso e esquecimento governamental.²⁶⁴

Entretanto, não basta ficar de braços cruzados aguardando a boa vontade dos Governantes em fazer funcionar a escola pública no Brasil. Enquanto isso não ocorre, as escolas devem recorrer a ingredientes mais simples, como se verá a seguir.

Obviamente que o ideal seria que ocorresse ao menos uma certa preocupação das autoridades brasileiras com a escola e a educação, que todas as escolas possuíssem uma boa infra-estrutura (como quadras de esportes), e que estas pudessem permanecer abertas aos seus alunos, que possuíssem biblioteca, laboratórios, acesso à *Internet* e uma diversidade de materiais pedagógicos (infelizmente, os recursos das instituições abordadas se restringem à utilização do quadro negro e dos livros didáticos, quando os recebem no início do ano). Mas, enquanto isso não é possível, se é que algum dia será, deve-se recorrer aos artificios mais simples, que não exijam muitos recursos e que de certa forma, contribuam para o funcionamento do processo ensino-aprendizagem. Assim também funcionam as estratégias, eis que devem ser criadas em atendimento à realidade dos educandos.

Outro ponto abordado diversas vezes durante a pesquisa, e que merece ser analisado, é a questão do currículo. Apesar da estruturação avançada do currículo brasileiro, este se restringe à teoria, enquanto que na prática os docentes não conseguem obter êxito, pois é totalmente divergente da realidade da camada popular brasileira. Para exemplificar, extrai-se o seguinte da Proposta Curricular de Santa Catarina:

A socialização do conhecimento na perspectiva do universal implica em não se prender a conhecimentos localizados, nem à abordagem localizada do conhecimento. Isto, no entanto, não significa uma postura de desprezo para com a realidade proximal dos alunos, apenas na necessidade de ir para além dela, oportunizando ao aluno o entendimento de que o conhecimento tem características universais. Explicitando melhor: trabalhar com o

²⁶³ FREITAS, Estanislau de. Baixa qualidade compromete alfabetização. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. Especial-4, 31 mar. 2005.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. Especial-4.

conhecimento numa perspectiva universal significa saber lidar com a realidade proximal dos alunos, provocando o diálogo dessa realidade com conhecimentos que a exemplifiquem, mas expliquem ao mesmo tempo o mundo. Exemplificando: a história da vida individual de cada aluno pode adquirir um caráter universal, se for compreendida a carga da história universal que determina essa história individual.²⁶⁵

Sabe-se que o currículo deve obedecer às características e às necessidades locais e regionais (Municipal e Estadual). Entretanto, o que ocorre é que a sua elaboração, em algumas disciplinas, foge completamente da realidade brasileira. Vale lembrar que, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola, na busca da construção da cidadania, deve conhecer a cultura da comunidade em que está inserida e ampliar seu horizonte, proporcionando a todas as crianças, independente de sua classe social, o acesso ao aprender, tanto em nível da cultura brasileira quanto no que diz respeito à cultura universal.

No entanto, o quadro que se apresenta em relação à escola é desolador – a começar pela falta de recursos e pela falta de um corpo docente bem preparado – o que afasta totalmente a teoria da prática. Se os docentes se interessassem, ao menos, em ler os Parâmetros Curriculares, entenderiam melhor todos os procedimentos que deveriam ter em relação às disciplinas para a formação dos educandos, e facilitaria, em muito, na interação entre o aluno e a construção do aprendizado.

De acordo com a análise realizada nas duas escolas, tem-se que, quando algum professor conhece os Parâmetros e tenta colocar em prática a construção de conhecimentos, sente-se frustrado, pois se dá conta que está lidando com alunos problemáticos e agressivos, gerando certa insegurança quanto ao processo de aprendizagem. Este é um exemplo de que o currículo, em sua teoria, foi muito bem elaborado, porém, é distante da realidade dos educandos.

Concernente ao funcionamento da Diretoria da Escola Antunes pode-se notar, claramente, a sua falta de atuação, o que faz com que todos os seus componentes, sintam-se desanimados no que tange à realização de inovações e estratégias pedagógicas para aplicarem em sala de aula ou, até mesmo, fora dela. Ao contrário da Escola Faustina, onde a Direção mostra-se preocupada e interessada na solução dos problemas cotidianos; logo, mais simples será articular e colocar em prática estratégias nesta instituição.

²⁶⁵ VERAS, Dauro, op. cit., p. 14.

Como foi visto, o diretor da primeira escola, por indicação política exerceu suas funções durante algum tempo, mas no que se refere à questão “administrar e gestar” deixou muito a desejar, haja vista a sua falta de informação e organização. Sabe-se que um diretor de escola deve ser um agente de transformação e um articulador para encorajar as inovações educacionais, papel esse que não obteve êxito nas relações pedagógicas e cognitivas dentro da instituição analisada. O papel do diretor deve, ainda, levar em consideração as tomadas de decisões que implicam num trabalho participativo visando a democratização de sua escola.

O diretor da Escola Antunes necessita estimular, ser mais atuante e responsável pelo seu grupo, tentando amenizar os conflitos comportamentais, bem como colaborar com o corpo docente, mostrando um profissionalismo educacional e um domínio nas relações sociais e nas funções pedagógicas de sua instituição. Este pode ser um bom começo para se poder trabalhar com estratégias de mudanças na referida instituição de ensino.

Sobre a importância do diretor na escola, extrai-se o seguinte entendimento da obra de Valerien:

O diretor da escola torna-se um verdadeiro “ponto de referência” e constitui o desencadeador privilegiado de qualquer ação específica que vise à melhoria da qualidade do ensino. Quando esta função existe e é reconhecida, pede-se ainda ao diretor da escola que tome iniciativas e implemente a inovação.²⁶⁶

Destarte, urge-se, para que se possa inserir mudanças (estratégias) na primeira instituição abordada, que a Direção seja mais democrática, interessada e atuante no processo educacional.

Já a Direção da Escola Faustina apresentou-se democrática e preocupada com a questão do fracasso escolar, sendo bastante atuante – apesar de suas solicitações à Secretaria da Educação nunca terem sido atendidas, a diretora cumpre a sua parte e tenta contornar os entraves da instituição conforme o seu alcance.

De qualquer forma, menciona-se algumas sugestões, do ponto de vista estratégico para ambas as escolas:

- para organizar uma escola, deve-se ter responsabilidade em ler todo o regulamento e interar-se da proposta curricular, já que muitos ingressam na escola sem

²⁶⁶ VALERIEN, Jean. **Gestão da escola fundamental**: subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento. 6. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, Ministério da Educação e Cultura, 2000. p. 16.

sequer conhecê-lo (o que poderá facilitar a colocação do mesmo em prática será a elaboração de um resumo dos principais tópicos, destacando-se as palavras-chave);

- interar o corpo docente da complexidade da responsabilidade da Direção (distribuir uma cópia do resumo acima mencionado para cada professor, por exemplo) e sugerir que ele possa colaborar à sua maneira, não transferindo situações (que podem simplesmente serem resolvidas na própria sala de aula) à Direção, a fim de não ocasionar acúmulo de serviços e prejudicar o bom funcionamento da mesma;

- a disposição de um livro de sugestões na sala da Direção aos professores e alunos é um bom início de um trabalho democrático. Tais sugestões devem ser discutidas durante as reuniões pedagógicas e atendidas em conformidade com sua conveniência e com as possibilidades reais da escola e da Direção;

- comunicar antecipadamente o corpo docente sobre a realização do Conselho de Classe, para que o mesmo venha preparado e com os objetivos bem delineados, a fim de que o tempo seja bem aproveitado. Tal comunicação deve ser feita, ainda, a todas as turmas do colégio, já que a Lei de Diretrizes de Base dispõe que o Conselho de Classe deve contar com a presença mínima de dois representantes por turma – e esta é uma demonstração de democracia aos alunos da escola, que resultará numa melhoria de relacionamento entre todos;

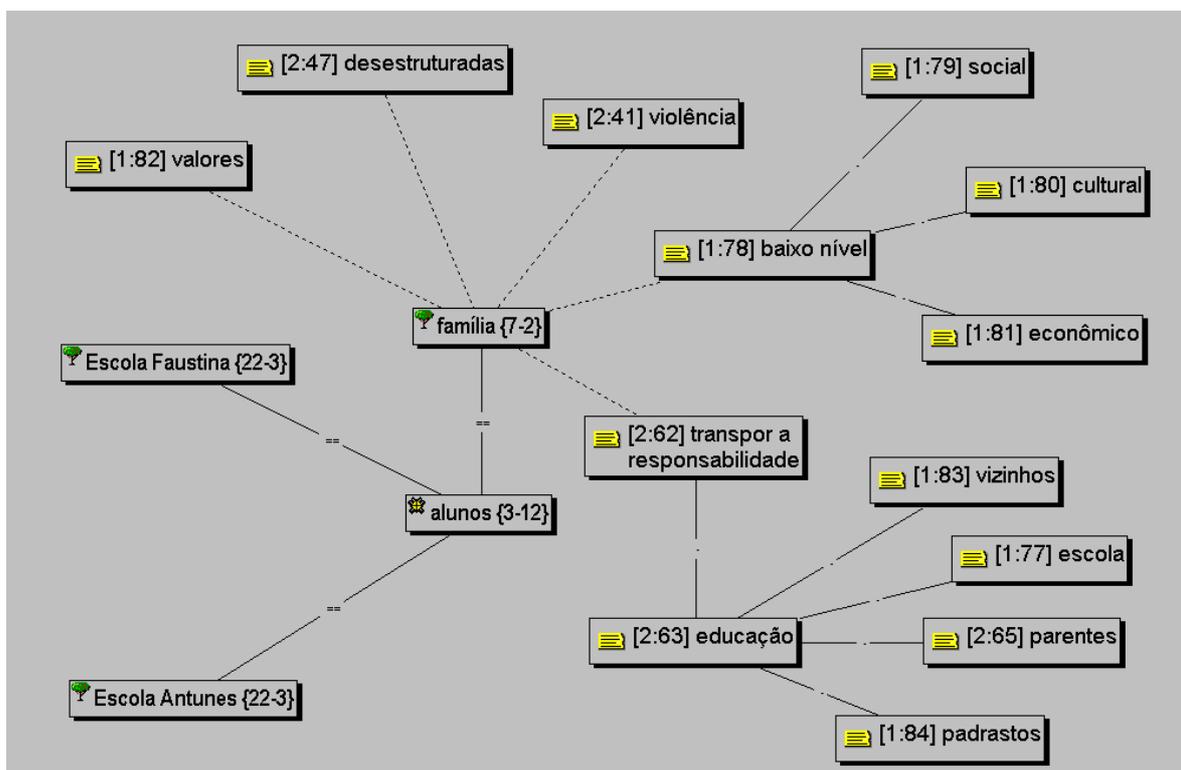
- oportunizar um sistema de avaliação que seja prazeroso e estimulante, a fim de impedir a evasão e a repetência, pois o sistema de avaliação vigente (que se restringe à realização de provas escritas) é ultrapassado e deveria avaliar cada aluno como um conjunto, e não só através de provas escritas, mas através de métodos que incentivem o aluno a pesquisar e compartilhar mais seus conhecimentos obtidos, fazendo-o participar das aulas. Afinal, o sistema burocrático a que se restringe a avaliação do aluno somente através de provas bimestrais e semestrais faz com que o mesmo se sinta ameaçado a ser punido, sendo que não é através disto que se apura o aprendizado do educando. Ele é participativo das aulas, resolve suas tarefas, demonstra ter capacidade nas suas habilidades e ter assimilado os conteúdos em sala de aula. Porém, no ato da prova escrita, por saber que se trata de um “método punitivo” sente-se apreensivo e angustiado, o que resulta no seu mau desempenho. Por conseguinte, o professor o avalia tão-somente pelo papel que foi escrito, resultando numa reprovação não merecida (afora os casos de alunos que não participam e não assimilam os conteúdos – apenas decoram a matéria para a hora da prova, “colam” e são aprovados –

denotando mais uma vez que prova escrita não aufero o aprendizado obtido em sala de aula);

- os diretores devem conscientizar os professores sobre a importância do ato de planejar as suas aulas, fazendo-os refletirem sobre o conteúdo, sendo que este deve ser ministrado atendendo à realidade dos discentes, mencionando o cotidiano vivenciado pelos mesmos e relacionando-o à disciplina de forma criativa – fato esse que despertará o interesse pelos conteúdos fornecidos.

7.4.3. As dificuldades familiares

Passa-se agora, a observar as barreiras enfrentadas pelas famílias dos alunos e pelos próprios alunos das duas escolas abordadas:



É na família que a criança começa a ter os primeiros contatos sociais, adquirindo cultura, costumes, valores e princípios. Mas, para que ela tenha um desenvolvimento completo é imprescindível que a sua convivência familiar seja num ambiente harmonioso e afetivo. É a partir destes fatores que se subentende que a criança poderá ter uma formação condizente com a sociedade vigente.

Assim, pelo que se viu até o momento, a escola também está inserida nas formações sociais. Cabe, ao educador, trabalhar com estas crianças, verificando suas culturas para poder melhor elaborar seus instrumentos de trabalho e para que ocorra um aprendizado satisfatório. Contudo, nem sempre o meio familiar é favorável à sua formação acadêmica: o que se pode notar visivelmente nas duas escolas abordadas (os discentes já chegam carregados de problemas e isso vem refletir no seu comportamento e na sua aprendizagem).

Obviamente que não se é possível traçar estratégias para a família dos alunos, tampouco interferir num relacionamento familiar. O que se pode pretender é a tentativa de aproximação e interação dos familiares (ou responsáveis dos alunos) à escola, para que compreendam o quão importante é a sua participação na formação das crianças.

Sobre a falta da participação das famílias dos alunos na escola pública e a conseqüente falta de melhoria, colhe-se da Folha de São Paulo:

Participação ativa dos pais e da comunidade. Essa é uma das soluções mais freqüentes apontadas por educadores para os problemas da escola pública.

[...]

A falta de interesse dos pais é apontada como um dos principais obstáculos. Segundo estudo do Inep (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), do Ministério da Educação, em maio deste ano, a participação está diretamente relacionada ao nível cultural e socioeconômico dos pais. Pais pobres, de baixa escolaridade e com pouco capital cultural não têm condições de acompanhar de modo efetivo a vida escolar dos filhos.²⁶⁷

A falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos resulta numa frustração no processo educacional e familiar. Os pais com baixo grau de escolaridade não entendem como funciona uma instituição escolar, responsabilizando-a quanto ao mau comportamento de seus filhos. Mas o que ocorre é que o incentivo ou a sua falta, os elogios ou as críticas, os valores, a questão da violência, enfim, tudo o que se absorve dentro de casa, acaba refletindo no comportamento e no processo cognitivo do indivíduo, que, como conseqüência, poderá ter uma alta ou uma baixa auto-estima, e seu nível de aprendizado ser satisfatório ou não. A existência de crianças com baixa auto-estima dentro das instituições é freqüente: o ambiente violento em que convivem com sua família, a situação de fome e miséria vivenciadas, a presença de mães que se

²⁶⁷ FERRAZ, Octávio Motta. Envolver os pais e a comunidade na gestão da escola pública. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 8 (ESPECIAL), 1º ago. 2005.

prostituem e de pais alcoólatras, as crianças que são deixadas pelos pais aos cuidados de terceiros que sequer possuem responsabilidade para tanto, o fato dos pais sentirem-se impotentes em educar seus filhos (o que faz com que transponham totalmente a sua responsabilidade à escola), tudo isso acaba em ausência de entusiasmo na criança para aprender.

O que não pode continuar ocorrendo é a terceirização da responsabilidade da educação destas crianças, ou seja, a transposição total da responsabilidade em educar dos pais à escola, e tampouco da escola aos pais, pois tanto a família quanto a escola possuem papel significativo quando se refere ao processo educacional. A criança tendo, dentro de casa, ao menos uma noção de civilidade, certamente chegará à escola sabendo respeitar seus professores e colegas, e, como consequência, ter-se-á um ambiente favorável para se obter a aprendizagem em todos os seus níveis; a criança civilizada e valorizada dentro da escola será mais produtiva.

Sabe-se que em todo início de ano letivo a escola convoca os pais para a reunião geral, a fim de informá-los sobre os seus procedimentos. Nesta oportunidade a instituição deveria informar os pais sobre o regimento interno da escola. Entretanto, o que ocorre é que os gestores se restringem a comentar e criticar os alunos, em especial os mais antigos, e isso vem a desestimular os pais a comparecerem na mesma, afora a falta de habilidade para a condução de tais reuniões (alguns professores sobrecarregam os familiares de informações, não deixando espaço para um diálogo, o que faz com que se sintam desrespeitados e frustrados).

Ora, como se tem conhecimento de que a estratégia é uma forma de meio e organização de planejamentos, porque não recorrer a ela e inverter a sua condução, convidando os pais para falar das habilidades que na realidade todo ser humano possui? De certo será mais produtivo: os pais se sentirão mais valorizados, já que terão espaço para dialogar e não estarão ali para serem julgados; as crianças, quando elogiadas, têm sua auto-estima aguçada, o que vem a gerar a motivação; os pais visualizarão a sua importância no processo ensino-aprendizagem, estimulando as habilidades de seus filhos. Desta forma, os pais não verão estas reuniões como “mais um problema” e, sim, como uma forma de se interarem no processo de aprendizagem dos filhos.

Mas infelizmente a imagem que se tem das reuniões já é formada. Perrenoud assim ensina:

Além das habilidades na condução de reuniões – que poderiam apoiar-se em diversos instrumentos de condução e diversos dispositivos, entre os quais as reuniões com os alunos –, a competência básica do professor tange a *imaginação sociológica*: os pais ocupam uma outra posição, têm outras preocupações, outra visão da escola, outra formação, outra experiência de vida. Portanto, não podem, *a priori*, compreender e partilhar todos os valores e representações do professor. Seria ingênuo esperar da maioria dos pais o esforço de descentralização e a responsabilidade que se pode esperar de um profissional formado e experiente. Além disso, eles são muito diferentes uns dos outros. Cada um deles é produto de uma história de vida, de uma cultura, de uma condição social, que determinam sua relação com a escola e com o saber. A competência dos professores consiste em aceitar os pais como *eles são*, em sua diversidade!²⁶⁸

Urge, diante deste quadro, a necessidade de se recorrer a meios que façam com que os pais se sintam atraídos às reuniões e que os gestores possam apresentá-los o interesse inovador. Uma idéia seria o envio de convites aos pais, para que compareçam à escola para participarem de uma confraternização, por exemplo, seja através da realização de uma palestra, ou de um chá, ou da apresentação de uma peça de teatro, ou a realização de um ato festivo, a fim de que se aproveite a oportunidade para comunicar sobre o interesse em inovar e fazer com que eles participem do processo ensino-aprendizagem. Também para que se comunique sobre a importância dos elogios às habilidades de seus filhos no mesmo processo, sobre a importância da conservação do prédio escolar e do material pedagógico, dando aos pais espaço para dialogar e expor suas opiniões, de modo que se sintam à vontade em participar da vida de seus filhos dentro da escola.

No que se refere à importância da valorização das habilidades das crianças, os professores devem mostrar aos pais que, apesar de algumas apresentarem dificuldades em leitura ou cálculos, apresentam habilidades em outras atividades, tais como teatro, jogos esportivos, desenho, experimentos, e, em vista disso, devem informá-las aos pais para que se sintam atraídos e satisfeitos com seus filhos, entendendo que a escola não foi feita somente para criticar suas atitudes e as avaliações insatisfatórias quanto ao conteúdo programático que já vem estabelecido no currículo escolar.

Entretanto, não se pode descartar a existência de pais que não se interessam no acompanhamento educativo de seus filhos. Blin bem mostra este tipo de situação:

Pais rejeitados que não conseguem mais fazer exigências quanto à educação de seus filhos ou pais sugados pelo trabalho, estressados pelo medo de perder

²⁶⁸ PERRENOUD, Philippe, op. cit., p. 117.

seu emprego, resultam em falta de comunicação na relação familiar, ou mesmo abandono em relação ao acompanhamento educativo dos jovens (com o lar sendo reduzido às vezes à cama e à geladeira). Atualmente, cada vez mais crianças se encontram sozinhas, em casa ou na rua, na saída da escola.²⁶⁹

O fato é que qualquer espécie de desestrutura familiar e situação de abandono vivenciada pelas crianças acaba interferindo no seu desenvolvimento psicoafetivo e social, que vem a refletir no seu comportamento e rendimento escolar.

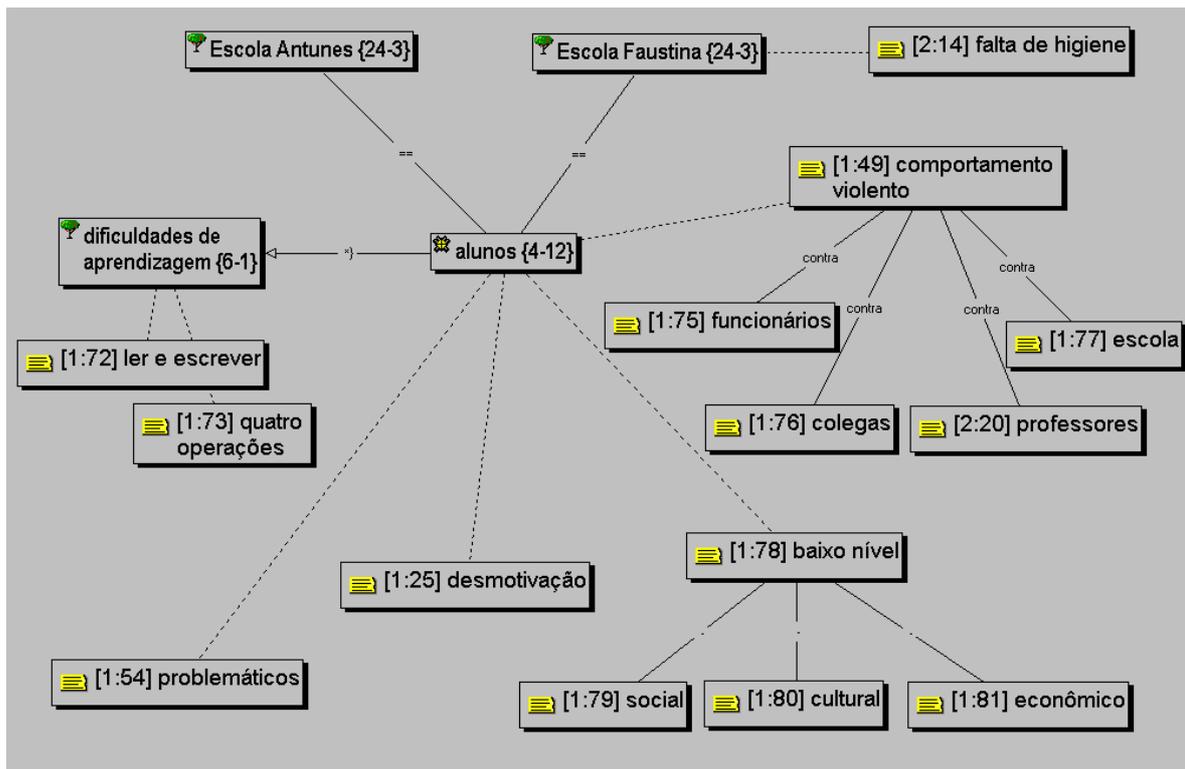
Relevante dizer que há o Estatuto da Criança e do Adolescente, que protege a dignidade das crianças e dos adolescentes. Ele reza, em um de seus dispositivos, que quando se é sabido, na instituição escolar, que crianças sofrem maus-tratos dentro de seu lar, cabe à direção do colégio delatar o fato ao Conselho Tutelar, para que o mesmo tome as devidas providências. Porém, a direção da escola Antunes comprovou o temor de assim proceder e lhe ser revidada a agressão.

Com isso, atinente às crianças problemáticas da Escola Antunes e da Escola Faustina, que possuem uma vida familiar desestruturada, uma saída seria a formação de um convênio entre as escolas, o Governo e a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) de Tubarão, em especial o curso de Psicologia, para que o estágio obrigatório realizado pelos acadêmicos desta área possa ser exercido também dentro destas instituições escolares, a fim de proporcionar um amparo a estas crianças e suas famílias, e o seu relacionamento com a escola.

7.4.4. Desestruturação familiar: comportamento x rendimento

O gráfico abaixo mostra que as barreiras enfrentadas no ambiente familiar pelos alunos das Escolas Antunes e Faustina acabam refletindo no seu comportamento e rendimento escolar:

²⁶⁹ BLIN, Jean-François; GALLAIS-DEULOFEU, Claire. **Classes difíceis:** ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 41.



Um dos motivos que impulsionou repensar o trabalho pedagógico nas instituições escolares é a presença cotidiana da violência. Antagonicamente ao quadro que se vivencia em relação à violência, que faz com que a escola seja um local onde há diversas formas de agressões, observa-se uma luta pela integridade física, moral e material, e é a partir de então que se deve buscar alternativas para o corpo docente enfrentar esta situação (vivenciada também no cotidiano das escolas estudadas).

Os professores de tais escolas tiveram sua formação na década de 80, e foi a partir desta época que começaram a surgir alguns problemas relacionados à violência (agressão), e, em consequência disso, sua preparação acadêmica não foi feita para lidar com a violência dentro das escolas. Na realidade, sua formação se traduz em trabalhar com a obediência, a aceitação e a não rebeldia dos alunos. Desta forma, não restam dúvidas de que a escola, atualmente, deverá criar diferentes maneiras para melhor administrar estes conflitos gerados pela violência dos educandos. Ao mesmo tempo em que é preciso enfrentar a questão da violência nas escolas, cria-se um tabu em torno do tema, fazendo com que os professores tenham receio de comentá-lo, o que reforça a idéia do quanto a escola não está preparada para lidar com esta situação.

Interessante notar a incoerência que se revela em torno do tema violência. Por vezes, o significado de violência para os alunos se restringe a roubar, matar, estuprar, etc, já que são fatos presenciados no meio social em que estão inseridos.

Destarte, quando uma professora, para conseguir a disciplina, puxa a orelha de um aluno, por exemplo, ou berra, o ato é considerado perfeitamente normal por parte deles, que entendem como uma forma de educar. É o que se percebe no entendimento de Costa e Gomes, que relatam que “convivendo no dia-a-dia com tantas formas de violência, orientadas por um sistema de valores e normas que as permitem, as pessoas já não estranham mais, passando até a achar ‘normal’, ‘natural’, determinadas ocorrências ‘peculiares ao meio’”²⁷⁰.

Um grito da professora comparado ao pai que chega alcoolizado em casa, permanecer de castigo sem direito ao recreio (quando não se tem nada para comer em casa), “levar um beliscão” da professora (quando se tem que aprender a conviver com balas de revólver em sua comunidade), são fatos que revelam que, para alunos tão acostumados com a violência social cotidianamente vivenciada, as atitudes agressivas ocorridas dentro do ambiente escolar tornam-se irrelevantes. Portanto, os docentes e gestores devem ter o compromisso de, a partir de pequenos atos, traçarem alternativas para, se não eliminar, diminuir significativamente a violência nas escolas.

As crianças e os jovens buscam espelhar-se em modelos, até por vezes, associando-se e envolvendo-se com gangues. A escola, como função socializadora, deveria ser o modelo a ser seguido, conscientizando sobre a importância da solidariedade, do companheirismo, da união, criando estratégias a fim de despertar um sentimento positivo nestes jovens e crianças, para viverem dignamente em sociedade.

É um grande desafio para as instituições escolares, não resta dúvida: enfrentar a violência ao invés de negá-la. O processo educacional caminha lentamente e, apesar disso, não se deve cruzar os braços, mas, sim, devem ser buscadas alternativas de mudanças e transformações. Uma alternativa para estes entraves, como dito, seria a formação de um convênio entre a UNISUL de Tubarão (curso de Psicologia), os Governantes e a escola, com a finalidade de amparar os alunos.

Outra alternativa seria a criação de uma encenação, na qual se demarque bem a realidade dentro do cotidiano escolar: a questão da violência, da indisciplina, da falta de higiene e das relações entre professores e alunos, a fim de conscientizar e até mesmo pacificar conflitos existentes. Por fim, escolhe-se um mediador por turma, de preferência um discente, o qual receberá o roteiro da encenação, visando a elaboração de um “tribunal de mediação”, onde receberá as queixas de conflitos existentes em sala

²⁷⁰ RANGEL, Mary; TEVES, Nilda (orgs.), op. cit., p. 169.

de aula. O professor poderá trabalhar de uma forma interdisciplinar ou multidisciplinar, ou seja, todos os conteúdos programáticos que estejam relacionados às encenações, como, por exemplo, no que se refere à questão da falta de higiene presenciada na Escola Faustina. O que se pode sugerir é a conscientização dos discentes, pelos professores de Ciências, sobre a importância da higiene, lecionando-a de forma realista, uma vez que aquela está ligada ao corpo humano, que, por sua vez, está inserido nesta matéria. Entretanto, para que isso se torne plenamente efetivo, a escola deve ser um bom exemplo de higiene – a começar pelos sanitários e salas de aula, nos quais os gestores devem zelar por sua preservação. O aluno escolhido para mediar, juntamente com o professor, designará a data para a realização da mediação, quando serão ouvidas as partes e se chegará a um consenso de mudanças pertinentes, criando um ambiente favorável para a prevenção da violência dentro das escolas, já que as mesmas são responsáveis pela segurança dos educandos.

Como se pode constatar, a violência gera a insegurança, a indisciplina (contra colegas, professores e funcionários da escola) e a desmotivação, que, por consequência, vêm a resultar nas dificuldades de aprendizagem, em especial no que tange à leitura, à escrita e à realização das quatro operações matemáticas.

Ademais, há ainda a questão da miséria vivenciada pelos discentes, que, por vezes, chegam a passar fome – e isso também acarreta na dificuldade de aprendizagem, vez que acaba interferindo na concentração deles. Em diversas ocasiões foi possível observar que muitos alunos permanecem dispersos, pensando somente na hora do recreio, que é quando terão, talvez, sua primeira e única refeição do dia. Estrategicamente, o ato dos professores em fornecer, antes de iniciarem as aulas, uma primeira refeição, seria uma forma de amenizar a fome dos alunos, para que os mesmos se sintam motivados para entrarem e permanecerem calmos em sala de aula. Aliás, se as escolas possuísem um projeto político-pedagógico, esta seria uma das primeiras metas a serem atendidas.

Muito se fala em projetos políticos para as escolas públicas. Entretanto, pelo que se nota não estão sendo colocados em prática, e a morosa distribuição de verbas e a presença da demasiada burocracia vêm a dificultar ainda mais o cumprimento destes.

A escola, como uma instituição socializadora, deveria ter como objetivo, em primeiro lugar, a construção de um projeto político-pedagógico, para que tivesse um

referencial de práticas pedagógicas. A LDB (Lei nº 9394/96)²⁷¹, em seu artigo 12, inciso I, dita sobre a importância da elaboração deste projeto e busca que os participantes da escola sigam os planos, as metas e as ações que eles próprios estabeleceram para que consigam resolver os conflitos existentes no ambiente escolar.

As metas e ações que deveriam ser elaboradas no projeto buscam amenizar as dificuldades de aprendizagem, as indisciplinas e as dificuldades de relacionamento entre professores e professor-aluno, evitando as questões competitivas e arbitrárias ocorrentes. Se as Escolas Antunes e Faustina possuísem um projeto, os alunos sairiam das instituições com um perfil condizente com o convívio em sociedade, e o trabalho pedagógico seria mais produtivo.

A dificuldade de aprendizagem de uma criança pode ser analisada sob o ponto de vista específico, quando ela apresenta lentidão numa determinada tarefa, como a realização das operações matemáticas, a leitura e a escrita, por exemplo, ou, sob o ponto de vista geral, que é aquela dificuldade que abrange todos os tópicos sobre os quais ela deveria dominar.

Quando um professor observa num aluno uma dificuldade de aprendizagem, ele deve ser cauteloso a fim de não rotular uma criança. Não se pode esquecer que não se nasce abertos à aquisição de todos os tipos de aprendizagem, eis que existem aptidões que se desenvolve melhor que outras que, por sua vez, fazem ter maior facilidade para aprender determinadas tarefas em relação a outras. Isso não significa dizer que esse fato implica em distúrbios de aprendizagem; porém, é o que se faz fatalmente ao se deparar com algumas situações, levando a traçar conclusões precipitadas em relação às dificuldades. Assim, não existe um padrão que indique se tal criança apresenta dificuldade de aprendizagem, mas é o que a sociedade faz: ela traça um conjunto de tarefas que considera indicar se uma criança tem dificuldade ou não. É o que mostra Sternberg, em seus estudos:

Como uma sociedade faz esta seleção? Seleciona com base no conjunto de habilidades que ela valoriza na escola e no trabalho. Se uma sociedade considera um determinado conjunto de habilidades (como as habilidades de leitura) essencial e constituinte de uma aptidão específica e não de uma aptidão geral, os indivíduos com baixos níveis de proficiência nessas habilidades podem ser rotulados como possuindo uma dificuldade específica. Uma pessoa possui um conjunto de aptidões e fraquezas e metaforicamente entra em uma loteria que determina se seu padrão particular vai resultar no

²⁷¹ Esta lei estabelece as diretrizes e as bases da educação brasileira.

fato de ela receber o rótulo de possuir uma dificuldade de aprendizagem. Não estamos dizendo que o processo de rotulação seja arbitrário. Em vez disso, estamos dizendo que há muitos possíveis processos diferentes de rotulação, que podem produzir resultados totalmente diferentes.²⁷²

É por este motivo que se deve ser bem criterioso ao identificar uma dificuldade de aprendizagem, a fim de não se cometer injustiças que poderão prejudicar uma criança na sua vida escolar. Afinal, não se esqueça que a criança, quando chega na escola, já traz consigo algum conhecimento obtido na sua família, mostrando algumas habilidades que os educadores deverão ter competência para estimulá-las. As crianças observadas nas escolas pesquisadas apresentaram aptidão para música e dança, tendo grandes problemas quanto à leitura, à escrita e à matemática. Por isso é que se faz necessária uma forma de avaliação que permita identificar as dificuldades de aprendizagem para depois se traçar as melhores técnicas para, se não eliminar, diminuir tais dificuldades. Esta forma de avaliação é vislumbrada por Dockrell:

Para se identificar uma dificuldade de aprendizagem, deve-se realizar uma avaliação. Baseando-se nos resultados desta avaliação, desenvolve-se um programa de intervenção para ser usado. Qualquer avaliação ou intervenção com uma criança com dificuldades de aprendizagem, forçosamente levanta hipóteses sobre a base do problema. Para que a avaliação seja confiável e válida, o profissional deve estar ciente das variáveis que podem influenciar o desempenho de uma criança em determinada tarefa. Para transformar a avaliação em intervenções eficientes, o profissional deve desenvolver um programa que leve em conta as exigências da tarefa, o comportamento e as habilidades cognitivas da criança e o contexto na qual a intervenção se dará. Tanto a avaliação quanto a intervenção exigem a compreensão das demandas que a tarefa propõe para o sistema cognitivo da criança e a capacidade deste sistema de lidar com elas.²⁷³

Alguns parâmetros para esta avaliação devem ser observados, a fim de que possa ser mais eficiente. Jardim elenca os seguintes parâmetros a serem considerados: “• adequada oportunidade de aprendizagem; • discrepância entre o potencial de aprendizagem e os resultados escolares; • fatores de exclusão”.²⁷⁴

Jardim ainda afirma que a adequada oportunidade de aprendizagem de uma criança implica em sua relação com o meio, e que a falta de tal oportunidade acarreta

²⁷² STERNBERG, Robert J.; GROGORENKO, Elena L. **Crianças rotuladas:** o que é necessário saber sobre as dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 16.

²⁷³ DOCKRELL, Julie; McSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem:** uma abordagem cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p.12.

²⁷⁴ JARDIM, Wagner Rogério de Souza, op. cit., p. 97.

desordem de aprendizagem.²⁷⁵ Resultados escolares insatisfatórios são consequência da discrepância existente entre a capacidade mental de uma criança e seu desempenho.

Com relação às disfunções no processo de informação, Jardim conclui que as dificuldades de aprendizagem implicam numa distorção no processo de informação afetando o ato de aprender e, ainda, elenca como um dos fatores de exclusão para um diagnóstico de aprendizagem as deficiências culturais – privações e diferenças socioculturais, situações de pobreza e miséria.²⁷⁶

O mesmo autor fala, ainda, sobre o sistema de classificação etiológica, que irá analisar as dificuldades em função de sua causa. Nesse grupo de classificação existem as causas identificadas e as teorizadas. Quando se trata de causas identificáveis, às vezes, uma intervenção cirúrgica pode eliminar a dificuldade, como uma perda auditível ou uma dificuldade visual, por exemplo. Por isso, seria interessante que fossem realizados testes de avaliação dos sistemas relacionados aos sentidos, pois, muitas vezes, algumas alterações (principalmente no sistema auditivo) podem passar despercebidas. Uma vez identificado o problema, este pode ser facilmente sanado com uma intervenção cirúrgica, se necessário. Este é um caso em que a atuação do professor é muito importante, pois, na maioria das vezes, é ele quem identifica o problema. Daí a necessidade dele estar preparado para este tipo de observação, já que a escola pública não dispõe de profissionais especializados. Muitas vezes as crianças são rotuladas inadequadamente, pelo despreparo do professor.

Segundo Sternberg:

[...] muitos professores estavam, e continuam a estar, inadequadamente preparados para lidar com algumas crianças que foram parar em suas classes. Poucos professores têm uma formação adequada para lidar com crianças com necessidades especiais graves, e alguns podem não ser capazes de lidar adequadamente sequer com crianças com necessidades especiais leves. Embora essas crianças possam ocasionalmente receber serviços de um profissional treinado, na maior parte do tempo a carga recai sobre um professor que tem pouca idéia de como lidar com elas, ou de como dividir a atenção entre todas as crianças da classe.²⁷⁷

Ante a análise deste fato, verifica-se que cotidianamente é o que ocorre em salas de aula. Os que mais necessitam de atenção pelas dificuldades que apresentam são os mais rejeitados pelos educadores. Portanto, torna-se urgente mudar a postura com relação a essa situação, a fim de que se possa, se não acabar, ao menos diminuir esta

²⁷⁵ Ibidem, p. 97.

²⁷⁶ Ibidem, p.100.

²⁷⁷ STERNBERG, Robert J.; GROGORENKO, Elena L., op. cit., p.33.

defasagem de aprendizagem que algumas crianças apresentam, pois ao se rotular e rejeitar crianças desta natureza está-se fatalmente pondo em risco sua auto-estima e seu futuro. Talvez esteja aí um dos grandes motivos da violência, da repetência e da evasão escolar. É reflexo do despreparo em lidar com tal situação e pode ser observado na análise de Stenberg:

Inicialmente, as crianças com dificuldades de aprendizagem eram ensinadas por professores com formação de qualidade em educação especial. Hoje em dia, com o advento de modelos de inclusão plena, em que a maior parte das crianças com DA são colocadas em classes regulares, elas recebem seus ensinamentos, na maior parte do tempo, de professores que não têm formação especializada para lidar efetivamente com elas.²⁷⁸

Para que se possa identificar os motivos que levam uma criança a desempenhar algumas tarefas de maneira pior que outras crianças, deve-se conhecer qual o grau considerado satisfatório para, então, depois diagnosticar onde está o problema relacionado às crianças com dificuldades, e como crianças com dificuldade as realizam. Motivos familiares e a perda da autoconfiança em função de uma prática pedagógica ineficiente também são fatores geradores destas dificuldades. A propósito, estas foram as causas que foram passíveis de serem facilmente visualizadas nas duas instituições abordadas. Fatores sociais são determinantes no processo ensino-aprendizagem e englobam, principalmente, o ambiente escolar e a família dos alunos, que, no caso, mostraram-se plenamente desfavoráveis aos mesmos, e, em consequência disso, tornam-se desmotivados.

Tem-se uma escola despreparada para lidar com a criatividade dos alunos, que apenas se atém a exigir - o que desenvolve na criança certo grau de ansiedade, não permitindo uma aprendizagem satisfatória, e tem-se a existência de famílias completamente desestruturadas nas duas escolas e de parca situação econômica, com preocupação voltada tão-somente para este âmbito, não possibilitando uma relação professor-aluno-família.

Independente do motivo da dificuldade de aprendizagem do aluno, o importante é diagnosticá-lo com rapidez para poder fazer alguma coisa para sanar o problema. Um fato importante que não pode ser desprezado é que, para uma dificuldade específica, existem variáveis que, inadvertidamente são tratadas da mesma maneira. Por exemplo: suponha-se uma classe onde alguns alunos apresentem dificuldades de leitura.

²⁷⁸ Ibidem, p. 20.

Quando analisados individualmente, verifica-se que um apresenta dificuldade para entender as palavras, outro que não sabe o significado das palavras, outro que pode ter sido alfabetizado em outro idioma em sua casa (em função de ser de família estrangeira, quando chega na escola vai apresentar dificuldade em realizar a leitura no idioma em que se fala na escola). Embora estas dificuldades sejam distintas, está-se tratando estes alunos como se tivessem o mesmo problema.

A criança com dificuldades de aprendizagem apresenta comportamentos que não condizem com seus colegas de escola. Isso não significa dizer que ela seja deficiente. Apenas não absorve bem os conteúdos, implicado no fato dela não atingir os objetivos propostos. É uma criança normal em alguns aspectos, apresentando dificuldades em outros, principalmente nos que dizem respeito a certas atividades escolares. Esta criança requer um tipo de tratamento condizente com sua situação, que as salas de aula não apresentam.

Deve-se, outrossim, saber distinguir uma criança com dificuldades de aprendizagem da criança que apresenta, por motivos socioeconômicos (fome e miséria), desvantagem cultural e formas de aprendizagem inadequadas.

Corre-se um grande risco quando estes casos de dificuldades não são identificados a tempo, pois a escola, pelo caráter seletivo que apresenta, pode muitas vezes reforçar o comportamento atípico da criança, levando-a, muitas vezes, a atraso da aprendizagem, provocando o fracasso e a evasão escolar.

Dockrell propõe, em seus estudos, um modelo de análise de dificuldades de aprendizagem contendo três partes: a tarefa, a criança e o ambiente.²⁷⁹

Para que se possa compreender o que uma tarefa exige ao ser proposta a uma criança, deve-se analisá-la primeiramente, decompondo-a em tarefas menores; assim poder-se-á determinar até que ponto uma criança com dificuldades de aprendizagem poderá realizá-las. E se identificar com maior precisão o grau de dificuldade, implicando na criação de uma estratégia bem preparada e condizente com a realidade do aluno.

O sistema cognitivo de uma criança apresenta uma habilidade para processar a informação, subsídio importante para o desempenho de uma determinada tarefa. Seu estudo permite concluir o que deve ser analisado nas crianças com dificuldades de aprendizagem.

²⁷⁹ DOCKRELL, Julie; McSHANE, John, op. cit., p. 19-23.

Quando se conhece como se dá o desenvolvimento de uma criança, pode-se questionar como está sendo realizado o desenvolvimento de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, e de que forma se difere dos demais. Qual o motivo do fato do processo de aprendizagem de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem serem menos eficientes que as outras se o processo utilizado é o mesmo? Processos como de execução e de motivação também podem ser considerados como meios de controle do sistema cognitivo. Crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem são desmotivadas na realização de determinadas tarefas, devido a seu histórico de sucessivos fracassos.

Quanto ao meio, este se constitui numa forma de interação entre a criança e a tarefa. Ele tanto pode ser um fator negativo para o desenvolvimento de uma criança, agravando mais ainda seu problema, quanto, se se souber modificá-lo, constituir-se num fator de superação de dificuldades, contribuindo para que a criança adquira habilidade que antes não possuía. Conseguindo estabelecer uma interação entre tarefa, criança e meio, o profissional da educação conseguirá estabelecer estratégias para superar a dificuldade de aprendizagem do aluno.

E, para se identificar um problema, é necessário estabelecer uma comparação no desempenho de uma criança e de seus colegas, pois as dificuldades que aparecem servirão como parâmetros para se localizar o problema. O professor, frente a estas questões, há que realizar uma testagem formal das habilidades cognitivas da criança e de sua vida escolar. Este tipo de avaliação permite que o educando observe como está o desenvolvimento da criança em relação à aprendizagem. Se os professores tivessem, realmente, o conhecimento, eles indicariam se a dificuldade é educacional ou clínica, pois, muitas vezes, o problema pode ser de ordem neurológica mas é tratado como se de origem educacional.

Sabe-se que é o cérebro é o órgão responsável pela aprendizagem. Nele se processam todas as informações cognitivas, como relata Jardim:

Para compreender os problemas perceptivos, cognitivos e motores da criança com dificuldades de aprendizagem, é essencial determinar se tais problemas são devidos a disfunções difusas ou localizadas, bem identificar a natureza de seus efeitos, em termos de aprendizagem simbólica – falar, ler, escrever – ou não simbólica.

Todo comportamento é processado no cérebro.

Toda aprendizagem é analisada, conservada, reutilizada e programada no cérebro.

Não há vida sem o cérebro.

Todas as expressões da função cerebral, como o comportamento, a aprendizagem e a adaptação, são extremamente complexas e hiperintegradas, exigindo da parte de quem está envolvido no processo de ensino-aprendizagem um mínimo de aceitação e compreensão.

[...]

Sem uma organização cerebral integrada, intra e interneurosensorial não é possível uma aprendizagem normal.²⁸⁰

Uma avaliação correta poderá ser a chave, ou o indicativo, das estratégias utilizadas para minimizar o problema de crianças com dificuldades de aprendizagem. Algumas crianças realmente apresentam dificuldades de aprendizagem, em vários tipos de tarefas, nas escolas estudadas. Atualmente há uma tendência em se classificar estas crianças como crianças com dificuldades de aprendizagem leve, moderada ou grave.

Diante do que foi exposto com relação às dificuldades de aprendizagem, pode-se dizer o quanto o corpo docente brasileiro está despreparado para desempenhar o trabalho com alguns alunos que freqüentam as escolas públicas. Tratar estas crianças de uma maneira diferenciada não vai resolver o problema; muito pelo contrário, irá mascarar-lo. Por exemplo, se existe em sala de aula um aluno com dificuldade de leitura e interpretação, de nada adiantará oferecer livros que estão aquém da série que ele freqüenta; ele se sairá bem na série, talvez até seja aprovado, mas, quando chegar às séries avançadas, não conseguirá acompanhar o conteúdo e tampouco atingir o conhecimento necessário para sua cidadania.

O professor deve estar atento, porque, às vezes, o problema não é o que se ensina, mas como se ensina. Não são raras as vezes em que o professor ensina de acordo com suas potencialidades, e não de acordo com as potencialidades dos seus alunos.

E no ato de aprender não estão envolvidos somente o aluno e o professor. Estão também envolvidos o sistema de ensino e os familiares, que tanto podem contribuir pelo sucesso quanto pelo fracasso em sua aprendizagem. No entanto, sabe-se que quanto ao sistema de ensino, este dificilmente se conseguirá mudar pelos fatores políticos que nele estão envolvidos.

Com relação à família, esta, muitas vezes, é responsável por retardar a identificação ou por reforçar as dificuldades de uma criança, por não observar ou permitir situações como: dedicação quase que exclusiva à televisão; falta de alimentação adequada; muita coação sobre a criança, diminuindo sua auto-estima etc. Cabe, então, ao professor, tornar-se a peça fundamental na recuperação de alunos com

²⁸⁰ JARDIM, Wagner Rogério de Souza, op. cit., p. 134-135.

dificuldades de aprendizagem. Ele tem condições, quando consciente do problema, de buscar novidades em suas estratégias educacionais.

Daí a necessidade de formação continuada do professor, como sugere Jardim:

Os programas políticos existentes na área da educação não contêm estratégias que contemplem projetos específicos de desenvolvimento referentes a essas dificuldades de aprendizagem, pelo que entendemos a necessidade de criação de um Centro que, pela interdisciplinaridade, possa intervir adequadamente, além das demais providências quanto à reciclagem dos profissionais, sua conscientização e motivação para esse trabalho que poderá transformar o futuro de muitas crianças.²⁸¹

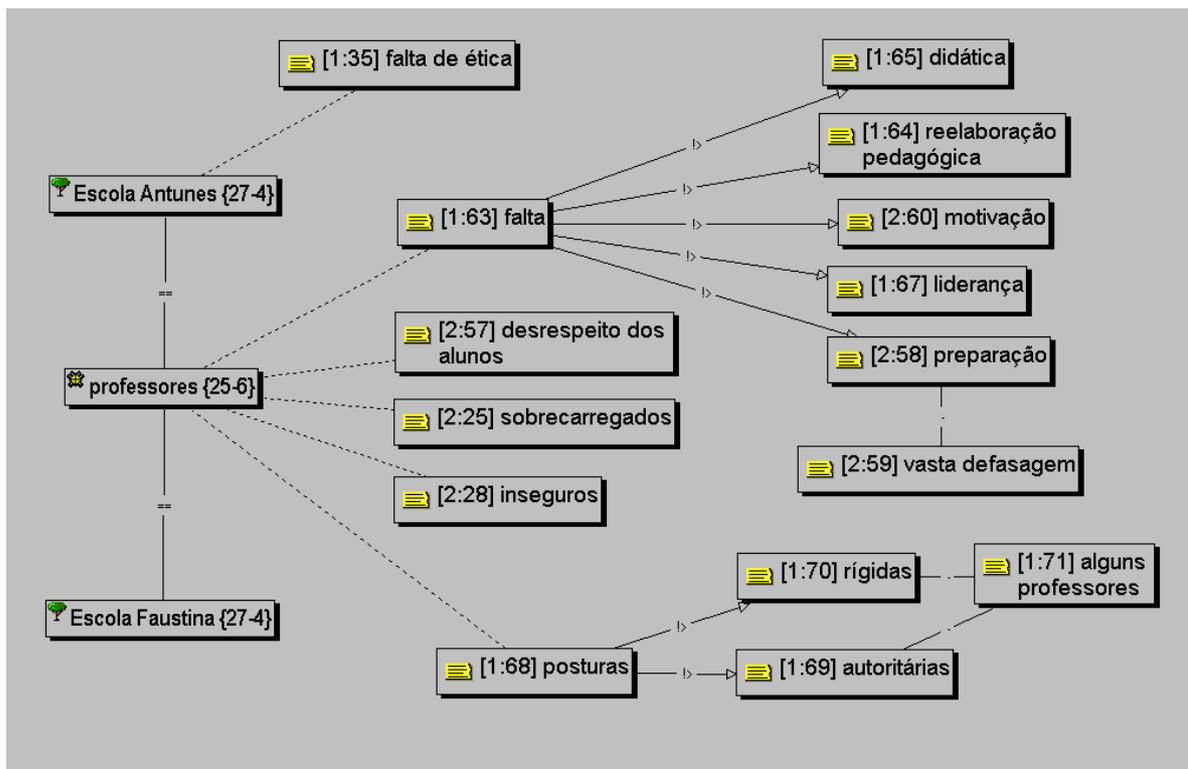
Relembre-se ainda, que o currículo brasileiro é baseado no enfoque cognitivista, que considera que a aprendizagem se dá juntamente com a relação do desenvolvimento humano, sendo que os educadores deveriam trabalhar a realidade de seus alunos. Isto porque difere da prática, já que as duas escolas analisadas apresentam professores que não sabem lidar com as vastas diversidades culturais, bem como o aspecto emocional dos alunos, e, ainda assim, como comprovou uma docente da Escola Faustina, apesar de toda a sua afetuosidade e dedicação com os alunos e o conseqüente despertar de seus interesses, os problemas de aprendizagem permanecem, principalmente no que concerne à leitura, à escrita e à Matemática.

Diante deste quadro, já que há alunos nas Escolas Faustina e Antunes que mostram capacidade e interesse para a realização de trabalhos artísticos, o que pode ser feito é a elaboração do projeto pedagógico voltado ao enfoque sociointeracionista, já que o currículo é voltado a esta teoria, colocando-o em prática, priorizando a interação entre alunos e professores e voltado ao ensino através de brincadeiras, cantigas, danças, encenações, jogos, desenhos, enfim, tudo que seja relacionado à atividade artística, principalmente para se lecionar Português e Matemática (já que são as matérias em que os discentes apresentam maior dificuldade). Agindo desta forma, ter-se-á crianças mais felizes, com a auto-estima elevada e com a conseqüente motivação para aprender.

7.4.5. Os conflitos: desempenho dos professores e dos alunos

Passa-se agora aos professores, eis que responsáveis na aplicação das estratégias de ensino:

²⁸¹ JARDIM, Wagner Rogério de Souza, op. cit., p. 151.



A análise dos fatos que levaram ao estudo deste trabalho permitiu considerar que o aluno motivado, independentemente dos problemas que carrega, sejam eles de ordem familiar ou social, tem a possibilidade de aprender com maior facilidade. Para isso, é necessário que algumas técnicas motivadoras (estratégias) sejam aplicadas na tarefa ensino-aprendizagem, e é aí que entra a importância de um professor preparado e com subsídios suficientes para enfrentar tal desafio.

A partir do momento em que as escolas públicas cresceram no sentido quantitativo, seu grande desafio passa a ser também no sentido qualitativo; caso contrário, haverá cada vez mais os índices de repetência, evasão escolar e violência, aumentados. Nota-se que, tanto as escolas quanto os governantes, têm consciência desse fato, mas que há grande dificuldade em colocá-los em prática. Pode-se até dizer que, embora em número não suficiente, alguns cursos de capacitação são oferecidos, mas a realidade é que poucos professores são contemplados com o curso e, destes, a minoria coloca em prática as técnicas e inovações apresentadas, o que já é uma grande vitória.

Por outro lado, vislumbra-se claramente a falta de interesse por parte das autoridades políticas em incentivar a carreira do magistério público, levando a educação, muitas vezes, ao ostracismo e ao esquecimento.

Tentando minimizar os problemas concernentes à qualidade da educação, a UNESCO estabeleceu os quatro pilares que atenderão, ou pelo menos tentam envolver, os profissionais da educação de forma abrangente, como cita Mello:

Um ponto de partida relevante para ressignar o papel dos professores é um fato óbvio que, por ser pouco explicitado, não é levado em conta nas iniciativas de formação docente: como todos os cidadãos, os professores têm necessidades básicas de aprendizagem; como todos os profissionais do mundo contemporâneo, eles precisam constituir competências para continuar aprendendo ao longo de sua vida produtiva.

Que conseqüências a consideração desse fato teria para as políticas de formação inicial e continuada dos professores? Para refletir sobre isso, pode-se tomar como referência as quatro necessidades básicas de aprendizagem definidas pela Unesco:

- aprender a conhecer;
- aprender a fazer;
- aprender a conviver;
- aprender a ser.²⁸²

Assim, conforme Mello, verifica-se que a palavra-chave é “aprender”. No entanto, o professor, antes de tudo, deve dominar os conteúdos a serem ensinados. Em função disso, ele vai aprender a conhecer para, depois, saber aplicar esse conhecimento em sala de aula. É o “saber fazer” tentando estabelecer uma relação de bom convívio e respeito em seu ambiente profissional, o qual se pode denominar de “saber conviver”. E, finalmente, o professor deve ter em mente seu papel de educador e agente transformador, respeitando a individualidade do aluno. É o “aprender a ser”. Em síntese, para o educador, o ato de “aprender” acompanhará sua carreira todo o tempo.

Além disso, todos os educadores deveriam ter em mente os objetivos da educação e a quem ela está dirigida, independentemente de terem ou não incentivos e motivações por parte das autoridades, como explicita Nascimento:

Não é possível compreender um processo educacional sem que se responda a questões tais como: “para que” educar e “em favor de quem” se faz essa educação. Mesmo quando estas questões não são consideradas, é evidente que existe um intencionalidade nesse ato de negação, o que já caracteriza uma posição política de quem educa.²⁸³

Outro desejo para a educação é ensinar os professores a trabalharem de forma interdisciplinar e multidisciplinar, como foi visto, pois eles não tiveram a oportunidade de aprender desta forma durante sua formação profissional. Essa lacuna

²⁸² MELLO, Guimarães de. **Educação escolar brasileira: o que trouxemos do século XX?** Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 89.

²⁸³ CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (orgs.), op. cit., p. 115.

deixada durante sua formação pode ser solucionada com a formação continuada do professor. Por isso, enfatiza-se mais uma vez, que o ato de aprender vai fazer parte ininterruptamente da vida do educador. Sobre a formação dos professores, pode-se observar sua importância no dizeres da mesma autora acima mencionada:

Cabe às escolas de formação inicial, aos sistemas de ensino e, principalmente, aos educadores e seus representantes na sociedade buscarem alternativas para programas de formação, de forma que estes estejam, efetivamente, voltados para o desenvolvimento pessoal e profissional dos/as professores/as, em suas múltiplas dimensões. Torna-se necessária uma revisão nos programas de formação, tanto no que se refere à preparação de jovens para exercerem o magistério (formação inicial), como no tocante à formação continuada.²⁸⁴

Para uma formação continuada, não é preciso grande investimento financeiro. As autoridades poderiam disponibilizar um espaço (numa das escolas) e tempo necessário para a realização de estudos, momento em que os professores, reunidos, terão oportunidades de trocar idéias em grupos de estudos, sobre seus trabalhos, ou convidar algum palestrante da área de educação, que poderá compartilhar novas técnicas ou atualizações no campo educacional.

Guimar Mello discorre bem sobre o espaço escolar quando afirma que “A escola é o local privilegiado para a formação continuada. Estudos sobre capacitação docente têm revelado que projetos de formação eficazes foram desenvolvidos a partir das demandas dos profissionais envolvidos no trabalho escolar”²⁸⁵.

Mello ainda reitera seu entendimento afirmando que, “Em suma, pode-se afirmar que a formação permanente deve ser considerada como um dos elementos do projeto pedagógico da escola, cujo objetivo é potencializar a reflexão e a elaboração das equipes sobre a prática”²⁸⁶.

Durante essa reunião realizada pelos professores nas escolas, é possível também a eles rever seu planejamento para verificarem se está de acordo com as necessidades de seus alunos. Importante frisar que tal planejamento deve ser flexível o suficiente a fim de que possa acompanhar ou se adequar a possíveis mudanças, que ocorrerão ao longo do processo ensino-aprendizagem.

²⁸⁴ Ibidem, p. 119.

²⁸⁵ MELLO, Guimar Namó de, op. cit., p. 92.

²⁸⁶ Ibidem, p. 93.

Esses encontros promovidos pelas escolas revelam o quão importante é o trabalho coletivo, envolvendo todos os segmentos em direção a um único objetivo comum: o aluno estar motivado a aprender.

Celso Vasconcelos, salienta em seus estudos a importância do trabalho em grupo:

O ânimo para o trabalho vem, de um lado, da clareza de horizonte, da perspectiva teórica, do projeto e, de outro, da caminhada comum, da convivência, das novas experiências (ainda que pequenas), do apoio do grupo. É certo que este é um dos maiores desafios para a educação escolar hoje, pois a nossa sociedade, da maneira como está organizada, tem o mérito de estraçalhar a pessoa humana, fragmentá-la toda, aliená-la de seu trabalho e de si mesma. No entanto, o avanço do processo democrático depende de sujeitos que o assumam historicamente.²⁸⁷

Se, por um lado, a formação do aluno é um processo, por outro a formação do professor também o é. E é este processo que permitirá o desenvolvimento da competência para agir e acompanhar as transformações sociais ocorridas ao longo dos anos. Alguns estudos referentes à formação do professor permitiram observar que um professor competente é aquele que, além de examinar sua prática sob o ponto de vista crítico, e ter autonomia suficiente para dirigir o trabalho escolar, também é capaz de construir conhecimentos a partir da realidade de seus alunos, levando-os a aprender, como sugere Vasconcelos:

O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado; outra, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tensionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (*engenharia* conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a prender.²⁸⁸

Todavia, não são raras as vezes em que se verifica uma grande distância entre a realidade de uma escola e a maneira de trabalhar do professor, refletindo uma falta de engajamento muito grande entre os envolvidos na tarefa de educar, e a escola e, ainda, a inércia em que muitos professores insistem em manter, resultando em um comodismo que refletirá negativamente na tarefa ensino-aprendizagem.

Enquanto houver situações desta natureza, o ato de ensinar ficará cada vez mais difícil e desmotivado. Portanto, mais do que nunca é chegada a hora de uma

²⁸⁷ VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003. p. 49.

²⁸⁸ VASCONCELLOS, Celso dos Santos, op. cit., p. 58.

tomada de consciência por parte de alguns professores que ainda resistem em rever e atualizar seu trabalho escolar. Não se pode deixar de considerar que na medida em que se torna competente, se está cada vez mais valorizando o educador, mudando o triste quadro de descaso por parte das autoridades em relação à educação. O objetivo que se propõe quando se opta pela carreira de magistério é aumentar, cada vez mais, o cabedal cultural dos professores. É necessário ter uma visão otimista do futuro em relação à educação porque nada mais triste do que não se vislumbrar um futuro sem perspectivas em relação à carreira, como relata o mesmo autor mencionado anteriormente:

Se tivermos em conta que a maior violência para um ser humano é perder a perspectiva de futuro, podemos vislumbrar o decisivo papel do professor. A questão do horizonte, da perspectiva, é até mesmo mais decisiva e violenta do que a fome, porque na fome o sujeito pode, no limite, roubar ou saquear para saciar-se. Quando falta perspectiva, esperança, não tem ânimo para nada.²⁸⁹

Pode-se dizer que esta teoria se aplica não somente aos professores, como também aos alunos. Daí a responsabilidade em se oferecer um ensino de qualidade às crianças, dando a elas condições de terem uma boa perspectiva para seu futuro, levando em consideração valores como a ética, o respeito ao próximo e a cidadania.

Outro desafio para o professor é fazer com que o aluno relacione tudo o que é ensinado em sala de aula com seu cotidiano. Sugere-se, para isso, que o professor trabalhe com projetos nos quais serão explicitados os diagnósticos, objetivos e metas baseadas em questionamentos do tipo: a) onde estamos?; b) aonde vamos?; c) o que ensinar?; d) por que ensinar?; e) para que ensinar?; f) como ensinar?.

Em “a” pode-se listar o que se pretende ensinar. Na seqüência, “b” seria selecionar os resultados que se pretende alcançar; em “c” a descrição dos conteúdos; em “d”, a definição dos objetivos; em “e” e “f”, a escolha dos métodos e das técnicas. Deixando-se claro os objetivos que se pretende alcançar, fica mais fácil e motivador para o aluno aprender. Trabalhando desta forma estar-se-á dando um significado aos conteúdos propostos.

Muitas discussões são geradas em torno da formação do professor. Inclusive já surgem idéias de que as escolas normais de formação de professores já não são suficientes para formar profissionais de qualidade. Sugere-se, para isso, a criação de escolas superiores de preparação do professor subsidiadas pelo Poder Público, com a

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 54.

finalidade de elevar os níveis dos cursos de preparação, como indica, em seus estudos, Mello:

No momento atual, existe ainda uma crescente concordância a respeito da necessidade não somente de elevar o teor acadêmico dos cursos de preparação, como também de integrar a formação teórico-científica e a formação para a prática docente. É consensual o reconhecimento da premência em oferecer uma formação sólida, que integre organicamente as disciplinas dos campos de ciências pedagógicas e sociais, as matérias de conteúdo e didáticas especiais, bem como as temáticas relativas à realidade escolar. Nesse sentido, as agências de formação estão sendo desafiadas a buscar maior articulação com os sistemas de ensino, sob a responsabilidade do poder público.²⁹⁰

Entretanto, esse é um tema que ainda gera uma certa polêmica, pois ainda existem dúvidas sobre qual o tipo de instituição mais adequada: se são as universidades, as escolas superiores ou os institutos especializados. Na verdade, seja uma ou outra instituição a mais indicada, o importante é que contemple as necessidades e as realidades das regiões brasileiras, bem como se considere que tipo de profissional da educação se pretende formar, estabelecendo-se, assim, um modelo desejado e a partir daí se escolha a instituição que se encaixa melhor em atender esses requisitos.

Acredita-se que, criando-se uma instituição adequada na formação de professores e promovendo-se cursos de formação continuada para que o professor esteja sempre atualizado ao longo de seu processo educativo, pode-se ter uma educação de melhor qualidade, capaz de transformar uma sociedade, formando cidadãos críticos e participativos, como menciona Candau:

Assim, pode-se concluir que a transformação da sociedade tem uma de suas vias numa educação escolar crítica e participativa e que essa supõe a formação de professores/as os críticos/as e comprometidos/as social, pedagógica e politicamente com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Para isto, torna-se necessário criar espaços de reflexão, tanto no âmbito da formação inicial como no da formação continuada, onde seja possível a análise da realidade, a construção coletiva de saberes, o intercâmbio de experiências, formando professores reflexivos, capazes de transformar sua ação pedagógica e melhorar a qualidade do trabalho que desenvolvem.²⁹¹

Porém, quando se refere ao trabalho do professor, não se pode esquecer que ele não é um único elemento na escola, mas sim pertence a um grupo cuja conotação deveria ser modificada para equipe, já que num grupo o trabalho é individualista e sem

²⁹⁰ MELLO, Guimar Namó de, op. cit., p. 115.

²⁹¹ CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (orgs.), op. cit., p. 123.

ética, enquanto que numa equipe busca-se trabalhar para atingir um mesmo objetivo eliminando-se, assim, as disputas existentes entre os profissionais da área. Com isso, pode-se dizer que a Escola Antunes necessita urgentemente modificar o seu ponto de vista em relação ao trabalho e convivência do corpo docente, uma vez que é totalmente desunido e desprovido de ética. Diferentemente da Escola Faustina, porquanto possui um corpo docente que apresenta profissionais com comportamento ético surpreendente, o que já é um bom começo para se repensar o trabalho pedagógico.

Eliminados os entraves pertinentes ao comportamento dos professores, deve-se buscar a elaboração de um projeto político-pedagógico envolvendo todos os segmentos de cada unidade escolar. Não basta, portanto, elaborar um projeto que se atenha somente à teoria. É necessário que se cumpra tudo que nele está elencado, principalmente no que se refere ao cumprimento do enfoque cognitivista que ele trará, norteando o trabalho do professor dentro da proposta curricular de Santa Catarina, que é baseada no conceito sóciointeracionista de Vigotsky.

Colhe-se do texto de Feiges:

Empenhar-se na construção coletiva de um Projeto Político-Pedagógico de Qualidade, politicamente definido em favor das necessidades das camadas populares significa conceber a escola do ponto de vista da educação, enquanto direito social. Neste sentido, a função social da escola revela sua dimensão política na perspectiva de construir coletivamente a qualidade do ensino e da aprendizagem pela via de um Projeto Político – Pedagógico autônomo e democrático.²⁹²

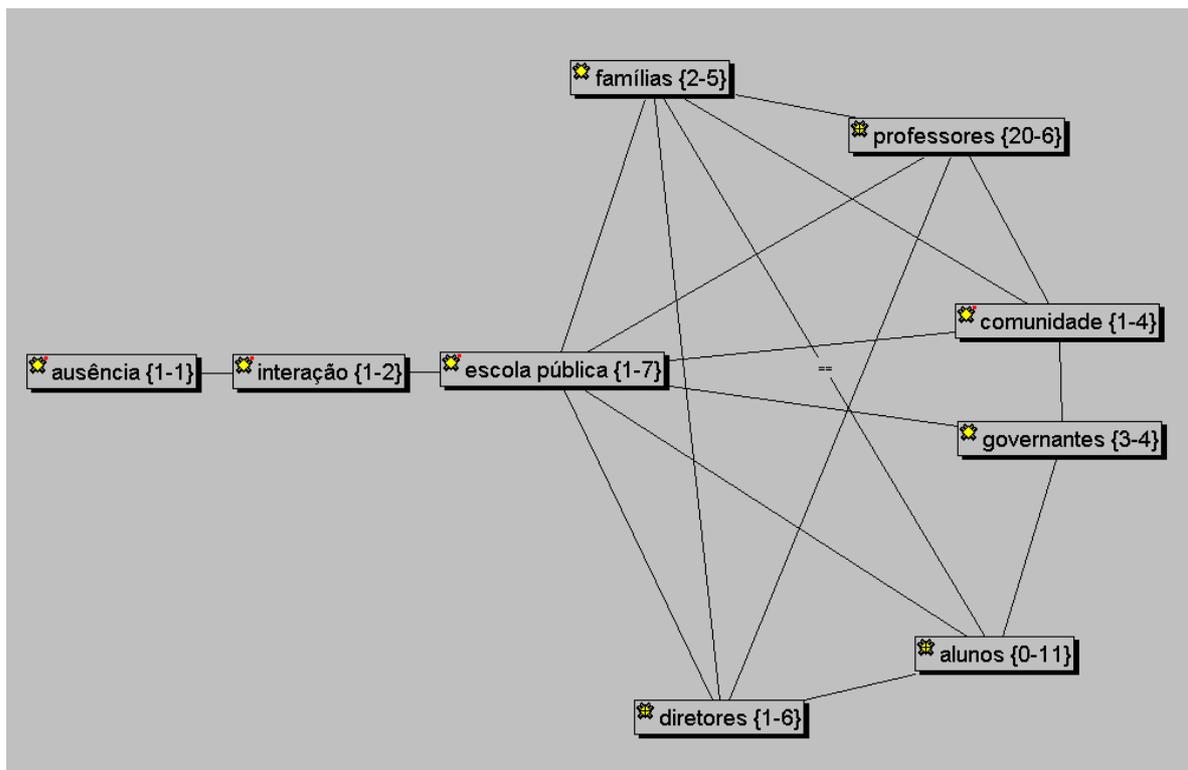
Destaque-se, contudo, que o projeto político-pedagógico deve ser elaborado de tal forma que sua versatilidade permita modificações futuras, contemplando propostas inovadoras e atualizadas que servirão de referência para atender às novas realidades que surgirão.

Quando se fala no cumprimento da proposta curricular de Santa Catarina, isto se deve ao fato de que foi facilmente observado, nas escolas em estudo, posturas autoritárias por parte de alguns professores, que revelam a sua inflexibilidade em trabalhar de forma inovadora, tendo como consequência uma sala de aula com alunos desmotivados, indisciplinados e com dificuldades de aprendizagem. Importante lembrar que a postura autoritária e rígida de alguns professores só revela sua insegurança e

²⁹² FEIGES, Maria Matselva. Repensando o Projeto Político-Pedagógico da Escola Pública: emancipador ou educação por excelência? **Revista Digital Livre Filosofar**, Curitiba, Ano III, Número 4, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.milenio.com.br/ifil/Biblioteca/Feiges.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2005.

imaturidade profissional, o que é facilmente observado pelo aluno e que vai agravar ainda mais a sua falta de respeito por eles.

Um bom começo para a prática do processo ensino-aprendizagem obter êxito seria o ajuste da instituição escolar ao contexto social ao qual está inserida, dando chance ao discente de comparar, organizar, formar, renovar e avaliar informações, conceitos e princípios, originando, desta forma, um processo dinâmico e continuado de obtenção de conhecimentos. Para o processo ensino-aprendizagem ser satisfatório não basta as escolas restringirem-se apenas a seu trabalho interno, envolvendo seus segmentos. É muito mais amplo do que se imagina. A união e a interação de todos os envolvidos e interessados num ensino de qualidade devem ultrapassar os muros de todas as escolas e buscar o engajamento de toda a comunidade. Assim, haverá uma escola pública onde estarão participando da proposta de uma aprendizagem motivadora gestores, professores, família, comunidade, governantes e alunos, como é facilmente observável no gráfico a seguir:



As considerações de uma escola como uma organização e tomadora de decisões apresentaram ter condições de colocar em prática seus objetivos e planos educacionais a curto, médio ou longo prazo.

Deve-se ter como ponto de partida para que no futuro se possa estar com todos os elementos engajados, eis que todos participam, às suas maneiras, no processo de formação do aluno: a família e a comunidade na transmissão de valores; os governantes oferecendo recursos para que a dinâmica escolar funcione de maneira, no mínimo, satisfatória; os professores e diretores na função de educadores e transmissores de conhecimento, além da transmissão de valores.

Seguindo-se a interação apresentada, todos os componentes, principalmente os educadores, poderiam ter iniciativas no desenvolvimento ou aplicação de dinâmicas e estratégias que atendam à realidade de seus alunos e da escola. Assim, no próximo capítulo, mediante a problemática apresentada nas escolas observadas, serão apresentadas algumas dinâmicas e modelos de estratégias didáticas que podem desencadear interesse e motivação dos alunos durante as aulas ministradas.

Frise-se, ainda, que uma avaliação correta poderá ser a chave ou o indicativo das dinâmicas e das estratégias didáticas utilizadas para minimizar o problema de alunos com dificuldades de aprendizagem. Todo professor, diante das estratégias, deverá ser um grande observador ou avaliador neste processo dinâmico, uma vez que as mesmas requerem uma avaliação diagnóstica, já que o professor, como dito, deverá observar o desempenho individual ou coletivo dos alunos, registrando sempre todos os desempenhos.

A avaliação diagnóstica é um processo contínuo que visa observar o desempenho do aluno em sua totalidade, contribuindo para o seu crescimento, no que se refere à sua autonomia e competência e, jamais, classificá-lo, já que o ser humano não pode ser padronizado através de avaliações classificatórias. A avaliação deve, assim, estar voltada à transformação social do aluno e à democracia – somente deste modo o ato de ensinar e avaliar deixará de ser autoritário e passará a ser voltado a um aspecto direcionado à democracia, sendo objeto de transformação do aluno, incentivando-o quanto ao ato de aprender.

Alguns autores traçam diversas espécies de estratégias para serem aplicadas em sala de aula, ou até mesmo fora dela. Entretanto, vale lembrar: não se tem notado a aplicação das mesmas. Trata-se de estratégias que podem facilitar, em muito, o processo ensino-aprendizagem, tornando-o interessante ao aluno e bastante satisfatório, já que, por vezes, trabalha-se através de brincadeiras, de jogos e do diálogo – coisas que a maioria dos alunos das escolas abordadas não dispõem em suas casas. Assim, vê-se que, para que a aplicação das estratégias surta efeitos, deve atender à realidade da

escola. Na pesquisa realizada, repisa-se, observou-se que as escolas são formadas por alunos, em sua maioria, demasiadamente carentes, inclusive no que tange a uma estrutura familiar (valores); são indisciplinados, não dispõem de lazer, enfim, são alunos inseguros e desmotivados, em sua maior parte.

É de bom alvitre lembrar que, para se aplicar as estratégias não basta ao professor dominar o conteúdo. É imprescindível, como demonstrado na pesquisa realizada nas Escolas Faustina e Antunes, que se mantenha um diálogo democrático e afetuoso com a turma. Mas, deve-se impor limites em conformidade com o convívio em sociedade (valores), para que haja respeito mútuo, e deve-s ainda, ser cobrado o que foi ensinado em sala de aula, existindo uma preocupação em valorizar os alunos, elevando sua auto-estima, para que possuam cada vez mais entusiasmo em aprender.

Atente-se que as crianças das escolas públicas não possuem um ambiente familiar harmonioso e de alegria, fato este que leva a buscá-lo na escola, e, por conseguinte, quando se sentem amadas e respeitadas pela escola e pelo professor, dificilmente ocorrerá a evasão escolar. Da mesma forma ocorre com o aprendizado: se o professor despertar na criança a paixão em aprender, ela constantemente estará em busca de conhecimentos e dificilmente ocorrerá a repetência. Esta paixão pode ser despertada através de elogios, a partir da realização da avaliação do aluno, que deve ser um procedimento contínuo de observação pelo professor, que verificará no dia-a-dia as habilidades, o desempenho das atividades, o processo de socialização e a participação do discente.

Outros aspectos a serem observados referem-se ao gosto de ensinar e ao ato de tornar interessante os conteúdos a serem comunicados. Ensinar, como visto, é um processo que exige não apenas uma boa formação, ética e respeito, mas também vasta noção de prática em lidar com alunos problemáticos, principalmente dentro das escolas públicas. É um desafio para o docente brasileiro – obter êxito no processo ensino-aprendizagem, enquanto não é valorizado social e financeiramente, sendo que, o que pode ser compensatório e servir de estímulo, é a possibilidade do simples observar, no final do ano letivo, a felicidade dos alunos, que aprenderam com enorme prazer em sala de aula, tendo em vista o empenho de ambas as partes, ou até mesmo, destas e das famílias, da comunidade e dos diretores.

Outra barreira a ser enfrentada para que as estratégias realmente se efetivem diz respeito à questão da interferência da política na educação quando da criação de cargos de confiança. Estes são criados a cada mudança de mandato governamental e

vêm prejudicar o bom desempenho na educação, já que por motivos políticos são indicadas pessoas que sequer possuem uma formação profissional, além de não saberem dar continuidade ao trabalho já iniciado, que deveria ser em prol do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e, visando diminuir a evasão, a violência e a reprovação escolar, formando cidadãos críticos e responsáveis. Desta forma, urge a uma política educacional que busque os interesses da classe média/baixa e não esteja restrita tão-somente aos interesses da classe dominante.